

Avante!

Órgão Central do Partido Comunista Português

Semanário • ISSN 0870-1865 • 20 de Agosto de 1998 • Preço: 180\$00 (IVA Incluído) • N.º 1290 • Director: José Casanova

Conspiração contra a República Democrática do Congo?

O que se passa na República Democrática do Congo é inseparável do agravamento da situação em Angola, provocada pela acção criminosa da UNITA, e noutros países do continente, incluindo a Guiné-Bissau. A África está em convulsão.



■ Albano Nunes Pág. 10

Pinochetismo sem Pinochet (2) Uma sociedade petrificada sem memória nem alegria

■ Miguel Urbano Rodrigues Págs. 16 e 17

Verão quente para o capitalismo

Os grandes meios que definem a estratégia do capitalismo decidiram, há muito, que a Rússia deve continuar a ser torturada.

■ Manoel de Lencastre Pág. 18

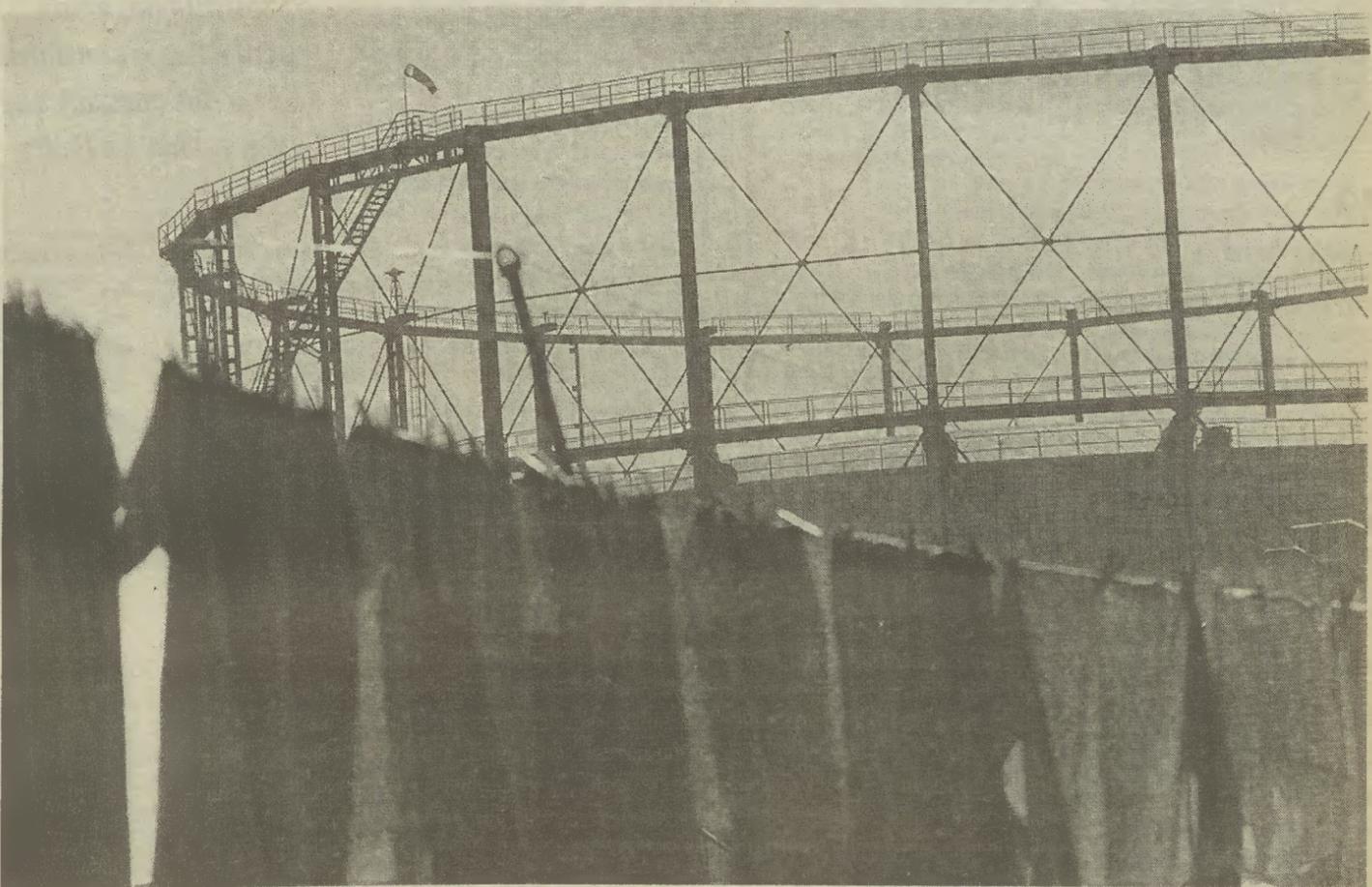
ÚLTIMAS Corrupção na Expo João Amaral faz 10 perguntas ao Governo

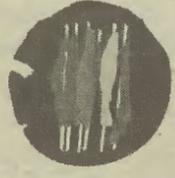
O deputado comunista João Amaral enviou, através do presidente da Comissão Parlamentar de Acompanhamento da Expo'98, uma carta ao ministro António Costa onde solicita o esclarecimento de dez questões relacionadas com a Exposição, designadamente as suscitadas pela descoberta do desfalque.

Pág. 24

OZONO um buraco no desenvolvimento?

Págs. 5 e 6





F E S T A

Avante!

4 • 5 • 6 Set

O programa já aí está!

O programa da Festa deste ano já se encontra à venda. Tudo sobre o maior acontecimento político-cultural do País.

33

AMORA-SEXUAL

A festa!

4, 5 e 6 SETEMBRO

Três dias de Teatro

No...





EP Entrada permanente na Festa
Desconto de 20% na compra antecipada

EDITORIAL

Um partido incómodo



Prosseguem as jornadas de trabalho na Atalaia

RESUMO

12
Quarta-feira

Sindicato da Construção Civil de Braga divulga números sobre exploração de mão-de-obra infantil no distrito ■ Rebeldes aumentam pressão militar no Sudoeste do Kinshasa, enquanto prossegue o desembarque de equipamentos e tropas na base de Kitona ■ O Governo angolano ameaça suspender de funções os representantes da UNITA nas diferentes instituições do Estado se este movimento não estiver desmilitarizado até ao final do mês ■ São accionados alertas de poluição pelo ozono na Alemanha, Áustria e França.

13
Quinta-feira

Tem início a greve dos médicos afectos ao Sindicato Independente dos Médicos ■ Thabo Mbeki, vice-presidente da África do Sul, recebe o enviado especial das Nações Unidas a Angola, Lakhdar Brahimi, para conversações «muito francas» sobre a situação neste último país ■ O Supremo Tribunal de Moçambique proclama e valida resultados das primeiras eleições autárquicas, realizadas em 30 de Junho ■ Rebeldes congolezes reivindicam a tomada do aeroporto de Matadi, no Sudoeste do país, e da barragem de Inga ■ O enviado especial do secretário-geral da ONU, Pakarash Shah, chega a Bagdad para tentar arranjar uma saída para a crise de desarmamento e entregar às autoridades iraquianas uma mensagem de Kofi Annan ■ Duplo massacre na Argélia, em Sekouma e Sédiri, causa onze mortos.

14
Sexta-feira

A Quercus entrega no Tribunal de Viana do Castelo uma queixa contra a EDP e o Ministério do Ambiente pelo mau funcionamento das barragens de Alto Lindoso e Touvedo ■ Desconhecidos atingem a tiro o magistrado do Ministério Público de Macau, Lourenço Nogueira, e a sua mulher ■ Tem início, em Sydney, conferência nacional da Fretilin ■ Ramos-Horta critica acordo ONU-Indonésia, assinado ontem em Genebra, classificando-o de «irrisório e sem qualquer interesse» para os timorenses ■ Conselho de Segurança da Europa decide prolongar por mais um mês o mandato da Missão de Observação das Nações Unidas em Angola ■ Rebeldes congolezes declaram ter recebido luz verde da França, EUA e outros países africanos para derrubar Kabila.

15
Sábado

Prosseguem jornadas de trabalho para a Festa do Avante! ■ A explosão de um carro armadilha-

do na cidade de Omagh, Ulster, o mais grave atentado em 30 anos de conflito, provoca pelo menos 21 mortos e várias dezenas de feridos ■ Dirigentes da Fretilin manifestam-se pouco confiantes nas promessas do presidente indonésio, Jusuf Habibie... que pede desculpa ao povo por abuso de direitos humanos no seu país ■ O Iraque pede a Kofi Annan para intervir na actual crise sobre o desarmamento ■ O exército congolês bombardeia Kitona, enquanto os revoltosos afirmam ter tomado a cidade de Matadi ■ Mais de 700 pessoas de 33 nacionalidades abandonam Kinshasa ■ No Norte do Afeganistão, os talibãs tomam a cidade de Aibak, capital da província de Samangan.

16
Domingo

«Nino» Vieira elogia Portugal e apela ao investimento dos empresários portugueses na Guiné ■ Quinze mil militares patrulham Jacarta, devido a rumores sobre eventuais distúrbios durante as celebrações do dia nacional do país ■ Polícia sérvia toma o controlo de Junik, no Ocidente de Kosovo, bastião de separatistas albaneses ■ O Presidente da República Democrática do Congo, Laurent-Désiré Kabila, regressa a Kinshasa ■ A explosão de grisu numa mina de carvão em Lugansk, Leste da Ucrânia, mata 24 mineiros e fere outros quatro.

17
Segunda-feira

A Inspecção-Geral de Finanças junta-se ao Tribunal de Contas para investigar contas da Expo ■ Sindicato Independente dos Médicos ameaça com greve sem pré-aviso ■ Trabalhadores portuários iniciam greve com uma adesão de cem por cento ■ Devido a greve dos revisores filiados no SNFR, durante a manhã são suprimidos os comboios entre São Pedro do Estoril e Cais do Sodré ■ Governo indonésio liberta dezenas de presos políticos mas reduz apenas em quatro meses a pena de 20 anos de prisão a Xanana Gusmão.

18
Terça-feira

António Pinto ganha a medalha de ouro dos 10 000 metros, nos Europeus de Atletismo de Budapeste ■ O Grupo de Contacto da CPLP para a crise guineense reúne na ilha do Sal sem a presença do Governo, da Junta Militar e da CEDEAO ■ O IRA Verdadeiro reivindica responsabilidade do atentado de sábado em Omagh ■ O Presidente dos EUA, Bill Clinton, reconhece, em transmissão directa por todos os canais de televisão, ter mantido «relação imprópria» com uma antiga estagiária da Casa Branca.

E

m entrevista concedida ao Expresso, Ferreira do Amaral aborda, a dada altura, a questão do papel e da prática da comunicação social pública e privada. Sobre a primeira, considera que ela está “instrumentalizada” e é “claramente favorável ao Executivo”; sobre a comunicação social em geral, acha que ela reflecte exclusivamente o “ponto de vista do partido do Governo”. E dá um exemplo: “Hoje a visão que o PC tem da sociedade não aparece em nenhuma parte da comunicação social.”

Independentemente das razões que levaram Ferreira do Amaral a expressar esta opinião, há que reconhecer que ela contempla parte da verdade sobre a matéria em questão. Isto é: o que Ferreira do Amaral diz é verdade, mas a verdade é muito mais do que aquilo que ele diz. Em primeiro lugar, a preocupação obsessiva de silenciar as opiniões e a actividade do PCP não é, infelizmente, exclusiva dos governos do PS: igual prática tiveram sempre quer os governos do PSD quer os de Bloco Central. Em segundo lugar, é necessário dizer que tão ou mais grave do que silenciar as opiniões do PCP é, como com frequência acontece, deturpá-las com premeditada e intencional má-fé, ou seja, deturpá-las para logo a seguir proceder à crítica demolidora do objecto deturpado. Em terceiro lugar, é indispensável sublinhar que nenhum outro partido - por mais prejudicado que seja pelo que está no Poder - foi ou é discriminado e marginalizado como é o PCP.

É claro que há razões, muitas, para que as coisas sejam assim e não doutra maneira - razões que têm a ver com as concepções e práticas políticas dominantes, por um lado, e com a postura singular do PCP, por outro.

O facto de o PCP ser um partido revolucionário, logo diferente de todos os outros, torna-o alvo preferencial de seja quem for que estiver no Poder. Tanto mais que, como a realidade mostra todos os dias, os outros são todos praticamente iguais, nada - ou quase nada - os distinguindo, quer no que toca a objectivos e projecto quer na prática política. Incomoda-os, assim, a existência de um partido que, com a sua coerência assumida, os obriga a exhibir uma incoerência que preferiam esconder; que, com a sua firmeza de princípios, os obriga a destapar a total ausência dos mesmos em que se movem; que, com o seu discurso sério, de verdade e de classe, os obriga a mostrar a demagogia de que se alimentam e os interesses de classe que defendem; que, persistindo na luta por uma sociedade justa, fraterna, solidária, sem exploradores nem explorados, os obriga a desvendar a sua função de agentes activos na defesa de uma sociedade situada nos antípodas daquela.

Silenciar, desvalorizar, deturpar o projecto, as propostas, a actividade e o funcionamento do PCP constituem, *assim, preocupação constante do ou dos partidos que têm

estado no Poder. Sozinhos ou aliados no governo, o PS e o PSD (sempre com um apêndice comum aos dois chamado PP) pedem meças no que respeita à manipulação da informação, à sua partidarização e instrumentalização e à difusão de uma falsificada imagem do PCP. E sempre na base de sólidos “critérios”, de poderosas “lógicas”.

Se se repete exaustivamente e se difunde aos quatro ventos a “vocaçao totalitária do PCP”, o seu “desprezo pelas liberdades”, o seu “dogmatismo”, a sua “teimosia em continuar preso a ideais ultrapassados”, a sua “recusa em aceitar a modernidade”, a sua “incapacidade de perceber e aceitar as novas realidades”... - é óbvio que a “lógica” se opõe à difusão do verdadeiro projecto dos comunistas - um projecto de liberdade e de justiça social, humanista e humanizado, assente nos mais dignos e nobres ideais e valores humanos, tendo no horizonte a perspectiva, plena de modernidade, de construção de uma sociedade nova.

Se se propalam mil e uma atoardas sobre o “inelutável e irreversível declínio do PCP”, sobre a sua “morte iminente ou de facto”, sobre a sua “inactividade”... é óbvio que a “lógica” se opõe imperativamente à divulgação da intensa actividade do PCP - que é mais do que a actividade somada de todos os outros partidos nacionais; e é igualmente óbvio que a “lógica” não permite que se difunda o papel dos comunistas na luta pela defesa dos interesses dos trabalhadores e das populações, a sua capacidade e disponibilidade para estarem, sempre, no lugar que lhes compete: ao lado dos explorados, dos excluídos, dos oprimidos e contra os exploradores e os opressores.

Se se espalha a imagem de um PCP “fechado”, “ortodoxo”, “sectário”, onde os militantes existem para “cumprir fielmente ordens idas de cima” e “o direito à crítica é recusado”, onde “a liberdade de expressão de opinião é letra morta”, onde “a diferença de opiniões não é tolerável nem tolerada” e onde “o debate democrático não existe”... é óbvio que a “lógica” não tolera que se aluda ao funcionamento profundamente democrático do PCP, ao permanente debate aberto, frontal e fraterno travado no colectivo partidário, à participação, de facto, da generalidade dos militantes, na definição das orientações políticas do Partido, a um conceito e prática de funcionamento democrático único no quadro partidário nacional.

Por aí fora... De qualquer forma, é justo sublinhar o facto de Ferreira do Amaral ter tornado pública uma parte da verdade. Mesmo sabendo-se que, neste tempo de mentira à solta, qualquer bocadinho de verdade faz figura.

Avante!

Proletários de todos os países UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português
Rua Soares Pereira Gomes
— 1699 Lisboa CODEX, Tel. 793 62 72

DIRECÇÃO E REDACÇÃO:
Rua Soares Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX.
Tel. 796 97 25/796 97 22. Telex 18390
Fax: 795 22 64

ADMINISTRAÇÃO:
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis — 90,
7.º A, 1100 Lisboa
Capital social: 15 000 000\$00. CRC matriculada: 47058.
NIF — 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO:
DISTRIBUIÇÃO ADE's
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis, 90, 7.º A,
— 1100 Lisboa
Telef. (01) 815 34 87/815 35 11
Fax: 815 34 95

Alterações de remessa:
Até às 17 horas de cada sexta-feira:
Telef. (01) 815 34 87/815 35 11

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL

DELTAPRESS

Delegação Lisboa:
Tapada Nova
Capa Rota — Linbó — 2710 Sintra
Telef. (01) 924 04 47

Delegação Norte:
Zona Industrial da Maia
Sector IX
Rua B L1. 227 — 4470 Maia
Telef. (02) 941 76 70

ASSINATURAS: Av. Almirante Reis, 90, 7.º A 1100 Lisboa
— Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

PUBLICIDADE: Av. Almirante Reis, 90-7.º A 1100 Lisboa
— Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

Composição e impressão
Heska Portuguesa, SA
R. Elias Garcia, 27
Venda Nova — 2700 Amadora
Depósito legal n.º 205/85

TABELA DE ASSINATURAS*

PORTUGAL (Continente e Regiões Autónomas)	EXTRA-EUROPA
50 números: 8 100\$00; 25 números: 4 200\$00	50 números: 46 100\$00
EUROPA	GUINÉ-BISSAU, S. TOMÉ E PRÍNCIPE e MACAU
50 números: 28 600\$00	50 números: 33 850\$00

* IVA e portes incluídos

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

Enviar para Editorial «Avante!», acompanhado de cheque ou vale de correio.

SEMANA



Inundações na China

São as maiores registadas desde há trinta e cinco anos e atingem, desde há duas semanas, vastas regiões deste extenso e populoso país. Chuvas torrenciais alagaram grande parte dos territórios das províncias do Hunan, do Jiangxi e do Hubei, visitadas há dias pelo Primeiro-Ministro Zhu Rongji, e onde já morreram 145 pessoas e há quase um milhão de desa-

lojados. Mas as inundações atingiram outras regiões. Na Mongólia Interior, no norte do país, o rio Ulyji Murem, transbordou no início desta semana e deixou isolada uma cidade de 146 mil habitantes, 70 mil dos quais foram de imediato evacuados, enquanto outros tantos continuavam isolados em condições perigosas. Uma ponte ferroviária foi

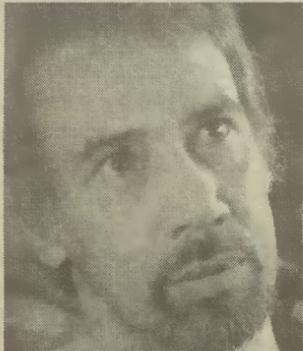
arrastada levando atrás 200 metros de linha e sendo assim cortada a circulação na região. A catástrofe que atinge a China, e que levou à mobilização de militares e civis para acorreram aos numerosos desastres, desencadeou entretanto em muitos países uma onda de solidariedade que se tem traduzido em avultados donativos encaminhados para as

vítimas. Mais de milhão e meio de militares e civis mantêm-se alerta ao longo das margens do Yangtsé. Em alerta também se encontram os mais de dois milhões de habitantes da zona de Daqing, onde rebentaram dois diques e provocaram danos no maior campo petrolífero chinês, o que levou ao encerramento de 155 poços dos 20 mil existentes.

«Esmola» de Habibie

«Ridícula» é como a generalidade dos observadores classifica a redução da pena concedida pelo novo presidente da Indonésia, Habibie, ao dirigente da Fretilin que mantém preso. Xanana Gusmão viu a sua pena de prisão, de 20 anos, reduzida em quatro meses, por ocasião das comemorações do 53º aniversário da independência da Indonésia, as primeiras presididas, ao fim de trinta anos, por outro que não Suharto. O regime, porém, dá mostras de haver mudado

pouco, como o provam estas medidas de «clemência». Na prisão de Cipinang, Xanana, reagindo a esta medida que vem confirmar a postura de Jacarta que pretende negociar a libertação do dirigente timorense a troco de um acordo de paz que mantenha o território de Timor dentro da Indonésia, apelou à libertação de todos os presos políticos como forma de Habibie demonstrar o seu empenhamento nas reformas democráticas.



Morte na Irlanda

A explosão registada na Irlanda do Norte e que causou 28 mortos e mais de duas centenas de feridos não abalou apenas a pequena cidade de Omagh, mas todo o processo de paz

que dificilmente tem vindo a abrir caminho naquele pedaço de ilha que os britânicos ainda dominam. As autoridades, a coberto de declarações anónimas, não deixam de apontar

o dedo ao IRA, apontando o Exército Republicano Irlandês como responsável ou cúmplice do atentado e juntando as suas vozes às da imprensa e aos clamores dos unionis-

tas que aqui vêm um pretexto para porem em causa o caminho aberto pelo recente referendo e pelas tréguas alcançadas pelo acordo de paz assinado em Abril no Ulster.



Ku Klux Klan em tribunal

Sam Bowers, um norte-americano que conta hoje 73 anos de idade, volta a tribunal para ser julgado pela quinta vez. A acusação, para este antigo membro da tenebrosa organização racista Ku Klux Klan, é a de haver instigado um atentado em que, em 1966, causou a morte de Vernon Dahmer, vítima de queimaduras que o assalto dos racistas provo-

caram ao incendiar-lhe a residência, executando-o em seguida. A família de Dahmer, que era negro, salvou-se fugindo pelas traseiras. Na altura, o instigador Sam Bowers saiu em liberdade, tendo sido condenados quatro homens. Duas testemunhas dispõem-se hoje a culpar Bowers em tribunal. Com trinta anos de atraso.

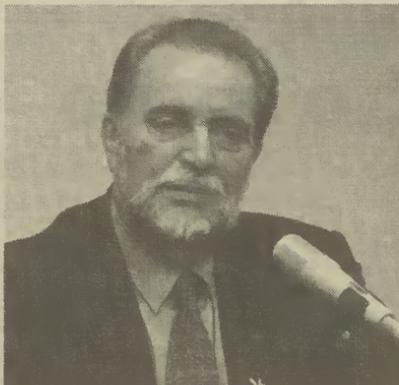


Crianças portuguesas trabalham em Badajoz

A denúncia é dos sindicatos espanhóis e o escândalo agita o país vizinho. Cerca de 200 crianças, na sua maioria portuguesas e com menos de 10 anos de idade, trabalham nos campos de Badajoz, na apanha do tomate, em violentas jornadas de dez horas e recebendo, pelo mesmo trabalho, metade do salário de um adulto. Em

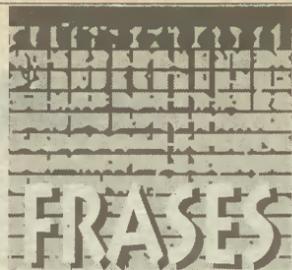
Espanha, segundo as estimativas dos sindicatos, há cerca de 400 mil crianças a trabalhar. O porta-voz da Unicef já se pronunciou sobre a questão admitindo que, sob o pretexto da ajuda à família e durante as férias escolares, muitas crianças são colocadas a trabalhar. A Cruz Vermelha, que assiste os trabalhadores sazonais, dá testemu-

nho sobre a jornada destas crianças, que se levantam às 6,30 da manhã e trabalham sem interrupção até às 13,30. As 17 horas tornam à tarefa, para mais três horas de trabalho. Além da apanha do tomate, cada criança carrega em média 30 caixas de tomate, de 28 quilos cada, para os camiões. O escândalo deu azo a numerosas declarações. Se, por um lado, a Esquerda Unida pediu explicações à Junta da Extremadura, esta entidade preferiu responsabilizar o governo central. A delegação governamental, por sua vez, não acredita na denúncia, e a sua delegada na Extremadura afirma que se trata de simples ajudas das crianças aos pais... Hipocritamente, a deputada porta-voz dos menores no parlamento, membro do Partido Popular no poder, manifestou-se contra esta forma «miserável» de exploração e defendeu medidas a serem aplicadas pelas... autarquias.



Julio Anguita hospitalizado

O secretário-geral do Partido Comunista de Espanha e dirigente da Esquerda Unida foi hospitalizado ao fim da tarde de segunda-feira passada, em consequência de um enfarte do miocárdio. As fontes hospitalares contactadas pela imprensa asseguram, porém, que o dirigente comunista não se encontra em perigo de vida. Julio Anguita, hoje com 57 anos, já sofreu anteriormente um enfarte, em Maio de 1993, durante a campanha para as eleições legislativas. Restabelecido, tornou à vida política normal.



“Metade do Telegjornal chega a ser dedicado às actividades diárias do primeiro-ministro, o que não é normal.”

(Ferreira do Amaral, PSD
— «Expresso», 15.08.98)

“(...) Como sabem, muitas vezes mais importante ainda do que o próprio acontecimento é a relevância que se lhe dá. (...) Hoje, a visão que o PC tem da sociedade não aparece em nenhuma parte da comunicação social. Dou este exemplo para que não se diga que só estou preocupado com o PSD.”

(Idem)

“As condições que o Governo coloca para a aprovação do OE em 1999 são claras: quem estiver disponível para cumprir essas condições, naturalmente não será deixado de fora. Não temos nenhum “apartheid” político-partidário em Portugal, o PCP é que se tem excluído, ele próprio, dos Orçamentos do Estado.”

(Vitalino Canas, Secretário de Estado da Presidência do Conselho de Ministros — «Semanário», 14.08.98)

“Referindo-se aos que não suportam os êxitos do Governo (Sousa Franco), cita Camões, para dizer que “também entre os portugueses alguns traidores houve algumas vezes”. Um ministro que tem esta concepção das críticas políticas faz-nos lamentavelmente lembrar um outro ministro das Finanças que este país teve.”

(Nicolau Santos
— «Expresso», 14.08.98)

“Tu também, prezado leitor, eras ambicioso. Não querias só uma “ilha” sem mácula em comparação com um Portugal de pouca cultura e muito lixo. Querias uma “ilha” incorrupta num planeta corrompido. Querias que Portugal fizesse o que nenhum país fez: empreendimento gigantesco sem caso de polícia.”

(João Carreira Bom
— «Diário de Notícias», 16.08.98)

“(O ministro António Costa) tem agora uma boa razão para limpar os dentes a um Governo que comprou quatro pavilhões (já pagos por nós todos) sob o pretexto de neles se instalar a si próprio e, segundo disse o primeiro-ministro na altura, de “dar um sinal de confiança ao sector imobiliário”. Mas qual sector? Incluía a cooperativa! E em que condições ele prosperou e prospera?”

(Victor Cunha Rego
— «Diário de Notícias», 18.08.98)

“Apesar dos nítidos desvios hipoburgueses - nos hábitos e nas políticas - do honrado engº António Guterres, não será com ele que chegaremos ao “rouba mas faz” do patricio Adhemar de Barros. Mas para lá continuamos a caminhar há muitos anos. Lenta mas obstinadamente, o bezerro de ouro vai-se aproximando do altar e do trono. O bloco central, transformado em centrão, aplaude.”

(idem)

“Temos 200 milhões para investir.”

(Jardim Gonçalves,
BCP/BPA, em entrevista
ao «DN-Negócios», 17.08.98)

“Em aquisições nacionais, a ordem é esperar para ver. A prioridade é para o crescimento orgânico do grupo BCP/Atlântico.”

(subtítulo da mesma entrevista
— idem)

EM FOCO

OZONO

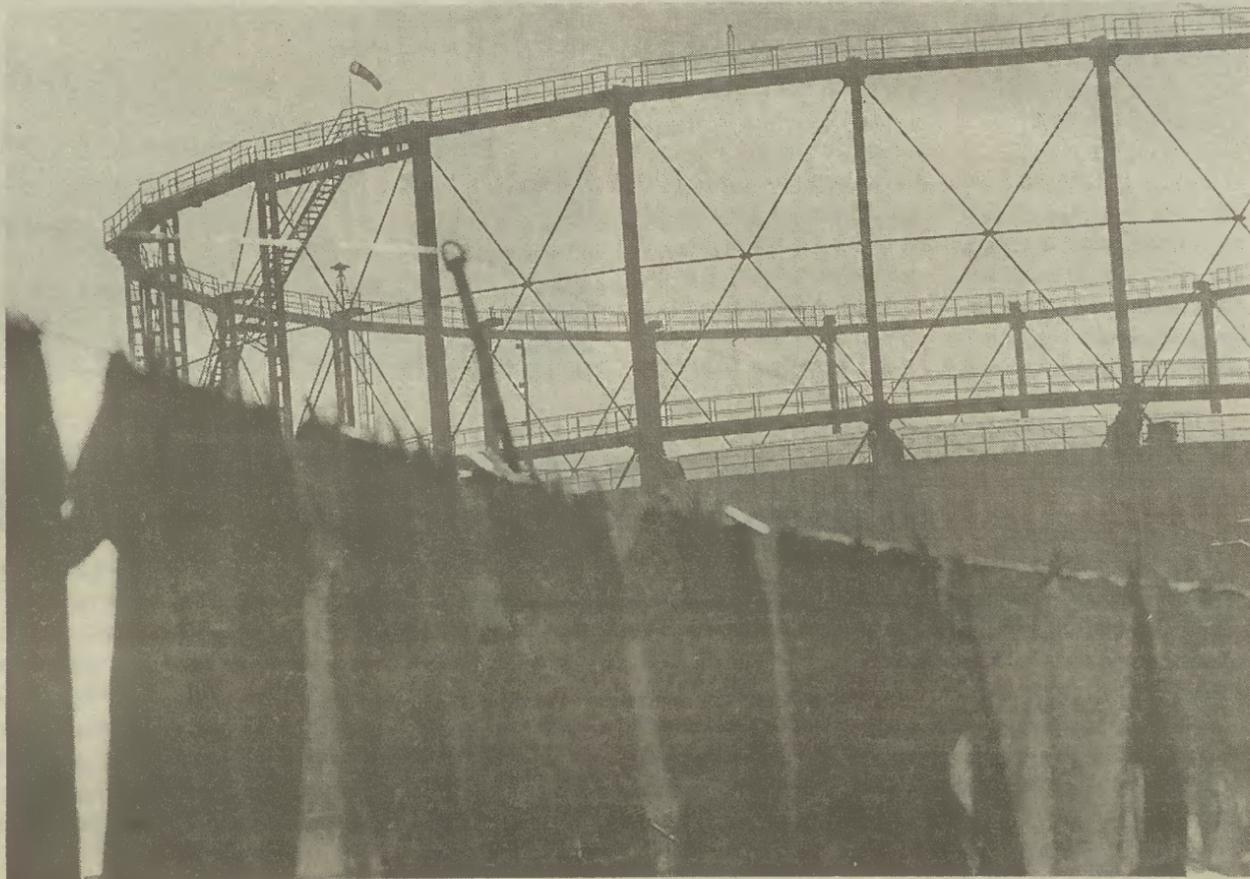
Um buraco no desenvolvimento?

Numa questão delicada e problemática como a da degradação ambiental, cada notícia - normalmente carregada de ameaças - constitui nova apreensão a acrescentar

a outras que se vêm acumulando nestes últimos anos do século. Este novo alerta, resultante do calor excepcional do Verão, com um mês de Julho a registar as temperaturas mais elevadas desde há 120 anos, é mais uma acha a lançar na fogueira do receio de que o planeta já não comporte mais este tipo de desenvolvimento industrial baseado no esbanjar das matérias-primas, no consumo desmedido de fontes de energia não renováveis, na poluição resultante da queima de combustíveis fósseis e do efeito de estufa correspondente, na produção de cada vez mais detritos não recicláveis. No entanto, mesmo ao deparar com notícias que lhe dão conta de incêndios gigantescos e de inundações apocalípticas, de espécies animais que desaparecem a cada dia que passa, de cidades perigosamente envoltas em gases e de aumentos excepcionais das temperaturas médias, o cidadão comum, quando não directamente atingido por uma desgraça, encara com cepticismo os alarmes. É que alguns dos que lançam os alertas são os mesmos que o incitam ao consumismo; os donos das riquezas são os patrões das misérias...

Desta vez, os alertas relacionam-se com dois fenómenos. O aumento das temperaturas registadas no hemisfério Norte do planeta (não será por acaso que aqui se registam, mas também não será por acaso que se assinalam de modo alarmista) e, por outro lado, o aumento do teor de ozono na atmosfera.

Os dois fenómenos relacionam-se. O calor é apontado como responsável, sobretudo nas cidades e grandes aglomerações urbanas, pela decomposição, a nível do solo, dos gases poluentes e pela consequente «produção» do famoso gás. Menos informado acerca destas coisas da química, o cidadão comum há-de perguntar-se se afinal não é um bem esta «produção» de um gás que tanta falta fará para tapar o «buraco» de que muito se vem falando desde os anos 80 e que levou à reconversão de numerosas indústrias, nomeadamente no sector da refrigeração, que usava - e ainda usa



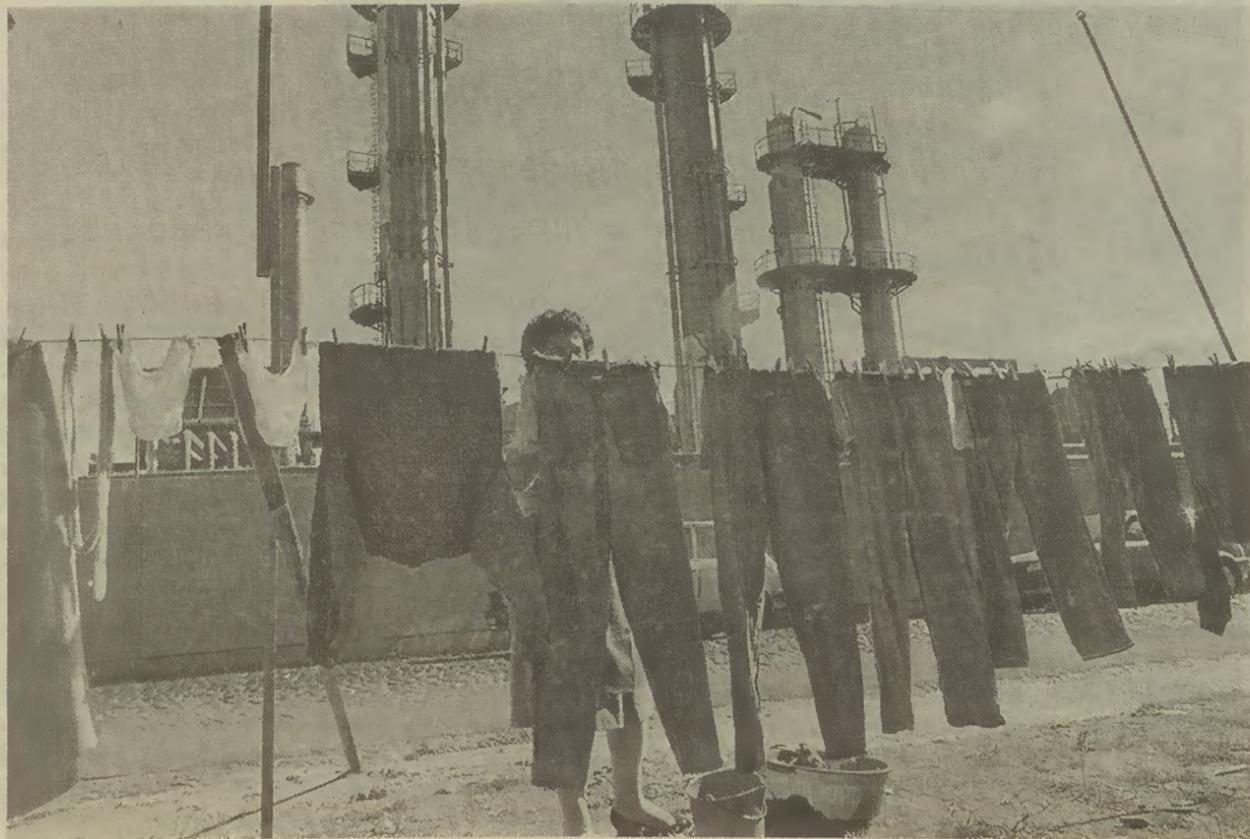
Ozono a mais?

Afinal, o que é o ozono? E para que «serve»? Azul diz-se que é, e o leitor terá apenas dado conta dele pelo cheiro característico se tiver andado nos carrinhos da feira ou se se lembrar dos «elétricos» da Carris. Trata-se afinal de uma «versão» alotrópica do oxigénio, isto é, enquanto o oxigénio surge em moléculas de 2 átomos (O₂), o ozono possui três átomos (O₃). As propriedades de cada um são contudo diferentes. O oxigénio é essencial à vida e

entra na composição da água; o ozono, sendo um gás poluente para quem o respira, «serve», no entanto, para «tapar buracos», isto é, cria em redor do planeta e à altitude bastante, uma protecção contra os raios ultravioleta, aqueles que não aconselham a exposição ao sol nestes dias de praia. Os estragos originados por esta «produção» anormal de ozono, causada pelo intenso calor e pela poluição automóvel, são já assinaláveis.

Em França, por exemplo, onde se mantêm estatísticas e

postos de medição de emissão de gases, concluía-se, na semana passada, que, apesar de haver diminuído o tráfego automóvel (não só em razão da época do ano mas por haverem sido tomadas medidas visando a redução da circulação e da velocidade) uma série de cidades tinham atingido o nível 2 do procedimento de alerta no que respeita à poluição. Paris, mas também Grenoble, Lião, Bordéus, Toulouse, Estrasburgo, Nancy, Metz, Le Havre, Marselha, Nice



Os calores de Al Gore

Há dias, o «mundo» acordou sobressaltado. O Vice-Presidente dos Estados Unidos, Al Gore, viera à boca das rádios e ao papel dos jornais lançar um alerta. Todos supunham que viera para falar de mais algum episódio do folhetinesco caso que embrulha em folhas de processo o Presidente Clinton e a secretária Lewinsky. Mas não. O caso parecia mais sério ainda, porque não se arriscava a abalar apenas os Estados Unidos, deixando os outros a rir, mas envolveria o planeta inteiro. Al Gore anunciou ao mundo que o mundo está mais quente. Não se referia a guerras desencadeadas, controladas, mantidas ou fomentadas pelos Estados Unidos. Referia-se propriamente à temperatura da Terra, atacada de uma febre cuja causa, apontou ele, se deve aos gases que produzem o efeito de estufa. Segundo alertou, vai haver «mais vagas de calor, mais inundações, mais tempestades e ainda mais secas».

Se a gente não conhecesse a administração americana, dava-se por bom este alerta. Mas os políticos que mandam em Washington são os mesmos que se recusaram a assinar as recomendações da Cimeira da Terra, esse forum que pouco mais fez do que alertar para os perigos deste tipo de desenvolvimento industrial. Assim, o alerta de Al Gore mais parece um aviso aos seus parceiros do G7 - abrandem o vosso desenvolvimento para que os Estados Unidos possam continuar o seu sem grandes riscos planetários.

O próprio alerta, comentado por uma série de especialistas norte-americanos, não reúne consenso. Os números estarão certos. De facto, as temperaturas registadas nos últimos meses dão 1998 como «o ano mais quente do século», tendo a agência meteorológica dos EUA registado uma temperatura média na Terra que atingiu em Julho deste ano os 16,5 graus Celsius, contra 16,25 graus do anterior máximo, verificado no mesmo mês do ano passado.

Julho de 1998, porém, não é um caso isolado, como refere a Lusa, reportando-se a «um estudo publicado por dois especialistas da universidade de Amherst (Massachusetts)». Tal estudo «conclui que os anos de 1997, 1995 e 1990 foram os mais quentes do hemisfério norte do planeta, desde o século XV». Em que ficamos?

Ainda de acordo com a Lusa, que cita aquela fonte, Tom Petterson, especialista do Centro de Dados Climatéricos da agência meteorológica norte-americana de Asheville (Carolina do Norte), afirma que «observamos, sem

OZONO um buraco no desenvolvimento?

e Cannes registavam, a par de uma intensa onda de calor, uma importante quantidade de ozono. A inquietação face aos números registados tem uma razão forte. É que apontam para um aprofundamento da degradação da qualidade do ar que se respira. O nível atingido, segundo os especialistas, faz perigar a saúde. E nomeadamente põe em perigo as crianças, as pessoas idosas e todos os que sofrem de doenças ou dificuldades pulmonares ou respiratórias. Vários prefeitos - uma espécie de governadores civis - decretaram então medidas de redução do transporte automóvel e favorecendo os transportes colectivos.

Mortes e incêndios na Europa

Diz quem sabe que tais medidas deviam ir mais longe. Mas isso é em França. Em Portugal, as medições e as estatísticas são inexistentes ou quase. E ficaremos sem saber se se deveria tomar medidas ou se o País, cujos governos se gabam de correr no pelotão da frente, escapará, por falta de desenvolvimento, a estas doenças do desenvolvimento.

O certo é que Portugal não escapou à onda de calor que varreu a Europa e os incêndios devastaram já numerosos hectares de floresta. Isto apesar das juras do secretário de Estado Vara que estima ter tudo sob controlo - território, bombeiros e fogos. Apesar do presumido zelo governamental e de continuar a assistir-se ao filme que acompanha a ministra do Ambiente prometendo estruturas e legislações e de as notícias versarem mais as bandeiras azuis das praias e as praias sem bandeira, Portugal viveu - e certamente ainda vive no momento em que o leitor der conta destas linhas, mas não vale apostar nas previsões meteorológicas - semanas de altas temperaturas. Que o não livram da imprevisibilidade que parece ter vindo para ficar. Ainda no passado dia 12, em plena canícula, Bragança foi palco da tragédia provocada por uma grossa chuvada, acompanhada de granizo e trovoadas. Em resultado da tempestade, as inundações tomaram conta da cidade onde se registaram cortes de energia e elevados prejuízos materiais.

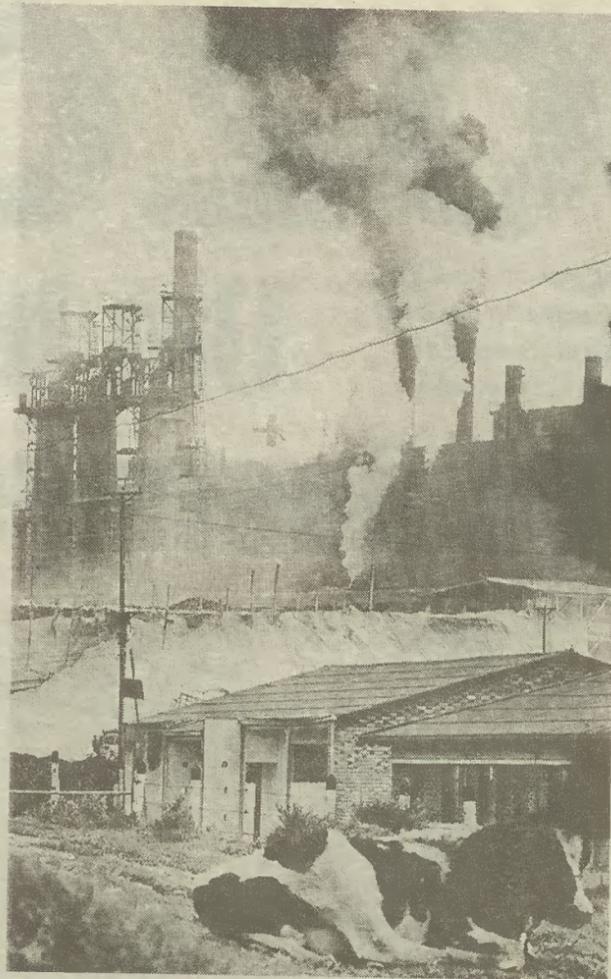
A onda de calor na Europa tem produzido maiores devastações, não apenas na região mediterrânica onde se faz sentir mais intensamente. Na Itália registavam-se na semana passada quatro mortos. Em Chipre

tinham morrido 48 pessoas, 13 das quais num só dia; mais de um milhar haviam recebido tratamento hospitalar. Numerosos incêndios têm lavrado, nomeadamente em Espanha e Itália. Temperaturas superiores a 40 graus verificaram-se em vários países. E em alguns outros, mais a norte, pouco habituados à canícula, a temperatura do ar ultrapassou em muito os 30 graus - 34 na Bélgica, 31 na Inglaterra, 36 na Alemanha, 37 na Europa Central; a água do mar Negro, na costa búlgara, chega aos 29 graus, a temperatura mais elevada dos últimos 110 anos. Na Turquia, o calor já

fez mais de uma centena de mortes, enquanto as inundações matavam cerca de meia centena de pessoas.

Os calores do Verão não são eternos. Vão acabar, tal como acabam as férias. Mas ficam os problemas certamente, mesmo que deles a memória não dure. São problemas de todos. Não apenas dos cientistas que os detectam e analisam, não certamente dos políticos do capital que determinam o seu agravamento e alertam, de quando em quando, para os perigos de que toda a gente dá conta.

■ Leandro Martins



Balanço assustador

A Agência Europeia para o Ambiente está com o segundo relatório - depois de haver publicado um primeiro em 1995, conhecido por «relatório Dobris». O objectivo é fazer um balanço da evolução de todos os tipos de poluição não só no âmbito dos países da União Europeia mas abrangendo todo o Velho Continente, incluindo os países da Europa Central e da antiga URSS. O inventário das malfetorias ambientais é extenso e o balanço é assustador. Desde as emissões de gases aos lixos não tratados, passando pela poluição relacionada com a actividade agrícola e não esquecendo os fenómenos da erosão dos solos e da acentuada redução das zonas húmidas e dos lençóis freáticos, os sinais de uma grave doença que

da Europa. «Entre 1980 e 1994, o transporte rodoviário de mercadorias aumentou de 54 por cento; entre 1985 e 1995 o transporte rodoviário de passageiros aumentou de 46 por cento e o transporte aéreo de passageiros de 67 por cento.»

O jornalista Gérard Le Puil, de *L'Humanité*, onde respigamos alguns destes dados, comenta que, sobretudo na Europa ocidental, se faz notar a ausência de uma política concertada de promoção de transportes por vias férrea, marítima e fluvial. E cita o relatório: «Em numerosas cidades, os automóveis representam já mais de 80 por cento do transporte mecanizado. As previsões do crescimento dos transportes na Europa ocidental indicam que, para um cenário de

emissões de gases com efeito de estufa, nomeadamente o dióxido de carbono, o metano e o hemióxido de azoto, de, pelo menos, 30 a 55 por cento - relativamente aos níveis de 1990 - até 2010. E acrescenta que a União Europeia está lançada num aumento de 8 por cento de emissões de gases, em lugar de efectuar um recuo de, precisamente, 8 por cento, conforme se comprometeu ao aprovar o acordo de Kioto.

Lixos - No conjunto dos países considerados, a produção de lixos aumentou de 10 por cento entre 1990 e 1995 e, na maioria deles, a gestão dos lixos continua a ser ditada pelo menor custo possível, isto é, descarregando-os em simples lixeiras. O relatório insiste, no entanto, em que «a reciclagem tende a ser mais eficaz nos países que dispõem de uma sólida infra-estrutura de gestão dos lixos.

Água - Água doce, água salgada, dois meios com problemas. Se, quanto à primeira, se verifica uma diminuição dos gastos industriais, o relatório aponta a agricultura como «o primeiro consumidor de água nos países mediterrânicos, destinada no essencial à irrigação». E sublinha que, «em certas regiões, o gasto de água dos lençóis subterrâneos ultrapassa a taxa de reposição, o que leva ao abaixamento do nível da superfície dessas reservas, ao desaparecimento de zonas húmidas e à invasão da água do mar». A partir daí, «a qualidade do lençol

subterrâneo é afectada pelo aumento da concentração de nitratos e de pesticidas provenientes da agricultura. As concentrações de nitratos, fracas na Europa setentrional, são mais elevadas em vários países orientais e ocidentais, ultrapassando frequentemente as concentrações máximas admissíveis na União Europeia». Quanto aos mares, dois grandes perigos os ameaçam - o acentuado aumento do esforço de pesca e a poluição, com destaque para a concentração de matérias azotadas provenientes dos litorais como de metais pesados.



ataca o continente não cessam de manifestar-se e de aumentar.

Diz-se que o mal está no modo de produção e no modo de vida da população europeia. Estará? Sem avançar com uma opinião definitiva, aqui deixamos alguns males recensados pelo relatório.

Transportes - «O sector dos transportes tornou-se na principal fonte de emissões de dióxidos de azoto, contribuindo com 60 por cento do total em 1995», assinala o relatório, referindo-se ao conjunto dos países

manutenção do *statu quo*, as necessidades de transporte rodoviário de passageiros poderiam praticamente duplicar entre 1990 e 2010, aumentando o número de veículos de 25 a 30 por cento e o número anual de quilómetros por viatura subindo 25 por cento.»

Efeito de estufa - Contas feitas, o relatório conclui que, para evitar um agravamento do fenómeno de aquecimento do planeta superior a 0,1 graus centígrados por década no início do próximo século, os países industrializados deveriam reduzir as suas

Al Gore

dúvida, um aquecimento desde 1880 até aos nossos dias. A primeira parte deste período foi mais fria que o período actual, e este ano é muito mais quente que os decénios precedentes (mas não é um aquecimento uniforme). E a Lusa acrescenta que, «se os climatólogos reconhecerem a evidência do rápido aquecimento do planeta, ficam ainda divididos acerca da origem do fenómeno. A anomalia climática El Niño e a poluição humana continuam a ocupar o banco dos réus».

John Christy, da universidade de Huntsville (Alabama), assegura: «Se olharmos os dados registados por satélite depois de 1979, constatarão efectivamente que os últimos meses foram os mais quentes desde há 20 anos.» Mas adianta: «Pelo contrário, se pegarmos nos últimos 19 anos até Dezembro de 1997, a tendência é nula.

Consequentemente, o calor de Janeiro a Julho deve-se claramente a El Niño.»

Aquecimento «natural» ou resultante da actividade humana, eis a questão. É difícil, no entanto, negar os efeitos perniciosos desta última. Mas também é normal que desconfiemos destes alertas, vindos de quem vêm. À nossa memória tornam alguns alertas há muitos anos lançados.

Quando os países produtores de petróleo, no princípio dos anos 70, se organizaram e decidiram estabelecer eles próprios o preço do barril de crude, não faltaram fontes «ocidentais» a estimarem o final, para breve, das fontes de energia fóssil. As reservas estavam a acabar e começava - lembram-se? - o «crescimento zero», enquanto os soviéticos respondiam que, ao ritmo do consumo, as reservas conhecidas então davam para mais 400 anos. Entretanto, nas cidades europeias, chegava-se a trocar o automóvel pela bicicleta e os carros passavam a circular em alternância na base do número da matrícula. O caos estava aí. Novo caos deu alento às políticas neoliberais de Thatcher - o buraco do ozono, consequência da expansão do uso de FC's. Faltava lembrar que antes não havia modo de saber se buraco sempre houvera ou se o buraco constatado era ou não um fenómeno cíclico que não caberia nas recentes observações por satélite. Finalmente, chegou El Niño, que veio para quase tudo explicar, raramente se recordando que tal fenómeno, conhecido desde que há memória pelos pescadores da costa ocidental da América do sul, não era nada de novo.

Quase todos os anos, pelo Natal, El Niño (O Menino), levava o peixe da costa. Ou será que o trazia de presente?

Agora temos o ozono de volta. Que não é uma benção. E ressuscita o efeito de estufa, há longos anos anunciado e hoje motivo de calores. Para o mundo, certamente. Para Al Gore, pelo menos.

CP suprime composições na Linha de Sintra

O facto de o mês de Agosto coincidir com as férias de grande parte da população levou a CP, este ano, a suprimir composições. Porém, para a Comissão de Utentes da Linha de Sintra, as estatísticas provam que cada vez mais portugueses passam as férias em casa, situação a que, este ano, se junta a realização da Expo. A supressão de composições da família Queluz/Massamá, cujo destino é Rossio, serve assim, e apenas, para penalizar os utentes da Linha de Sintra que têm protestado contra esta medida e que há anos vêm a ser penalizados com as obras que decorrem nesta linha e as excessivas temperaturas que nesta altura do ano se fazem sentir no interior das carruagens.

Na opinião da Comissão de Utentes, este conceito de horário de Verão que a CP pretende introduzir mais não visa que retirar serviços da Linha de Sintra, deste modo degradando a qualidade da prestação do seu serviço ferroviário, provando que quem toma estas decisões não «anda de comboio nem tem informadores à altura».

Sem salários não há férias!

Na Empresa de Lanifícios António P. Vidal e Filhos, Lda., em Valongo do Vouga, cento e cinquenta trabalhadores foram este mês mandados para «férias» sem os salários de Julho e sem subsídio de férias.

Esta é, segundo a FESETE, uma situação que, aliás, continua a proliferar na malha produtiva têxtil, onde alguns patrões, pagando salários ilíquidos próximos dos 60 contos, chegam a Agosto e Julho e mandam os trabalhadores de férias sem salários e sem subsídio.

Assim, depois de trabalharem todo o ano com salários tão baixos, «o período de tempo reservado ao descanso e ao gozo merecido dum férias transforma-se num pesadelo e profundo drama para centenas de trabalhadores e suas famílias, sem dinheiro para as despesas correntes».

Os trabalhadores da Empresa de Lanifícios António P. Vidal e Filhos, Lda. recusam, porém, gozar férias se, entretanto, os salários não lhes forem pagos. Isso mesmo o que, no passado dia 12, foram mais uma vez dizer aos patrões.

Contaminação de águas suscita requerimento

A contaminação de águas superficiais por cianobactérias é uma questão que, já detectada na Barragem de Magos, em Salvaterra de Magos, e no rio Argila, que abastece cinco freguesias do concelho de Moura, mereceu a atenção do Partido Ecologista «Os Verdes».

Estas contaminações estão associadas a descargas de matéria orgânica de proveniências diversas nos cursos de água e por elas é responsável não só o Ministério da Saúde mas também o Ministério do Ambiente pelas implicações igualmente graves que têm a nível ambiental.

Assim, preocupados com uma situação que «começa a tomar proporções alarmantes», «Os Verdes» apresentaram ao Governo um requerimento através do qual pretendem saber se existe algum plano de controlo da qualidade das águas superficiais para detecção rápida de problemas; se, em caso afirmativo, os resultados permitem saber as causas das diferentes situações; e, depois de conhecidas as causas, quais as medidas definidas ou colocadas em prática para resolver as situações existentes e prevenir o aparecimento de outras.

FARPA/98 centraliza atenções

Dezassete espectáculos, a que assistiram mais de cinco mil espectadores, é o balanço que a Associação Recreativa e Cultural de Pombal de Ansiães faz ao FARPA/98 que recentemente terminou e que, durante 10 dias, «centralizou as atenções culturais transmontanas/durienses».

Mais de 150 actores, artistas musicais e plásticos, fotógrafos e técnicos mostraram o seu trabalho no salão da ARCPA, numa iniciativa até agora única no género e que veio provar a capacidade de nesta região se realizarem eventos culturais que captam os olhares não só da região mas do país e até do estrangeiro.

Assim, com um saldo que é justamente considerado muito positivo, apesar da escassez de verbas, o Festival de Artes de Pombal de Ansiães prepara já a edição do próximo ano.

Madeira População intensifica luta contra Governo Regional

Intensificam-se na Madeira as lutas contra a política do Governo Regional, todas elas com o apoio público e assumido do PCP e da CDU.

Foram os produtores de banana e o movimento de luta pela casa com diversas acções de protesto e manifestações nas ruas do Funchal em direcção à Quinta da Vigia (residência oficial do Presidente do Governo); foram os moradores de vários sítios que, cansados de esperar resposta às suas reivindicações, entraram pelas Câmaras dentro em direcção ao Gabinete do seu Presidente; foram, enfim, as últimas sessões públicas das Câmaras que, tendo registado enorme participação, deixaram preocupados os caciques do PSD.

Alberto João Jardim, irritado com estas acções, decidiu, numa das suas atoardas reaccionárias, mandar «para o fim da lista» as

reivindicações que tivessem a marca dos comunistas. Porém, a resposta das populações não se fez esperar e, no dia 12 de Agosto, cerca de 60 moradores do sítio da Fajã, freguesia de Câmara de Lobos, dirigiram-se em manifestação para a Câmara do concelho onde, depois de contrariar a pretensão da polícia de impedir a sua entrada, subiram até ao Gabinete dos vereadores, onde deixaram uma caixa com produtos agrícolas, dando-lhe um prazo de um mês para uma resposta positiva à sua principal reivindicação, a construção de uma estrada para o referido sítio, há mais de vinte anos prometida.

Nesse mesmo dia, mais de 50

moradores da estrada do Laranjal, concelho do Funchal, reunidos com o deputado da CDU no local de residência, com o objectivo de reivindicar a construção de acessos às suas habitações, lançaram um abaixo-assinado que, se não se revelar suficiente, dará lugar a outras formas de luta.

Entretanto, na quinta-feira passada, dezenas de militantes comunistas ocuparam todas as paragens de autocarros da Baixa do Funchal e, com o apoio de um carro de som e de um megafone, condenaram a política dos governos regional e central, recolhendo assinaturas para uma petição, a entregar na Assembleia da República e que conta já com cinco mil assinaturas, exigindo tratamento igual no acesso a todos os canais de televisão portuguesa, nomeadamente TVI e SIC.

No sábado, foi a vez dos regan-

tes do concelho de Santa Cruz se reunirem em vários sítios, decidindo que não basta ao Governo inaugurar poços de rega se depois desvia a água para regar campos de golfe. Assim, indignados com tal actuação, os regantes puseram em marcha um abaixo-assinado, deixando em aberto a possibilidade de uma manifestação no Funchal.

Edgar Silva, deputado e dirigente regional do PCP, partido que com a CDU têm apoiado e encabeçado a organização destas iniciativas, reafirmou perante os populares que as ameaças do PSD/Jardim não farão recuar nem o PCP nem os madeirenses. «Por muito que custe àqueles que tiveram por base de formação o regime fascista», disse, «o PCP vai continuar a organizar as populações em movimentos sociais de luta e pressão sobre o governo e as câmaras da região.»

Covilhã

Câmara aumenta preço da água

Com os votos favoráveis do PSD e o voto contra da CDU, a Câmara Municipal da Covilhã aprovou no passado dia 7 o aumento de todos os factores constantes da facturação da água - aluguer do contador, novos escalões, tarifa de saneamento. A estes aumentos há ainda a acrescentar a introdução de uma Tarifa de Uso do Serviço de Saneamento de «legalidade duvidosa» e para «pagar um serviço que não presta».

Na opinião da Comissão Concelhia da Covilhã do PCP, a quem cabe a denúncia, estas «abusivas decisões» representam um agravamento de preços para o consumidor médio da ordem dos 25 a 30 por cento.

Assim, no concelho da Covilhã, o custo da água ao consumidor passa a ser o mais caro de todos os concelhos próximos - Fundão, Castelo Branco, Manteigas e Guarda - facto que não encontra explicação nos custos, uma vez que a

água, vindo por gravidade, não precisa de tratamentos especiais.

Trata-se de uma decisão «precipitada e injusta» que «vai onerar os orçamentos da maioria das famílias da Covilhã», diz o PCP para quem os Serviços Municipalizados seriam mais rentáveis se Carlos Pinto/PSD no mandato de 1990/93 e o PS no mandato seguinte tivessem transferido em Orçamento para os SMC as verbas da Câmara.

E, agora, contra tudo o que pro-

meteu na campanha eleitoral, Carlos Pinto decide o aumento «exagerado e não fundamentado» de 28 por cento do preço da água, contra o qual o vereador da CDU se bateu, defendendo a manutenção dos escalões existentes e um aumento de 2,1 por cento correspondente à inflação.

Os comunistas e os eleitos da CDU, porém, não desistem e vão continuar o combate «contra uma gestão orientada para sobrecarregar a população da Covilhã».

CAMARADAS FALECIDOS

Agostinho António Brotas Rosado

Com 51 anos, faleceu, vítima de prolongada doença, o camarada Agostinho António Brotas Rosado, natural de S. Pedro da Gafanhoeira, Arraiolos. Militante do PCP desde 1974, participou activamente no processo da Reforma Agrária, tendo sido dirigente e fundador da Unidade Colectiva de Produção 6 de Agosto. Fez parte das Comissões Organizadoras das Conferências da Reforma Agrária, integrando até à data da sua morte o Secretariado das UCP's/Cooperativas do distrito de Évora, onde trabalhava a tempo inteiro. Era membro da FENCA. No distrito de Évora, foi destacado activista das Comissões de Base de Saúde e importante elemento dos seus Encontros Nacionais.

Foi membro da Junta de Freguesia de S. Pedro da Gafanhoeira e da Assembleia Municipal de Arraiolos. Fez parte da Comissão Concelhia de Arraiolos e da Comissão Distrital de Évora do PCP, bem como de várias comissões para o trabalho da agricultura. A DOREV fez-se representar no seu funeral por uma delegação constituída por Alexandre Rodrigues, António Gervásio, Diamantino Dias, António Murteira e Joaquim Miguel.

Augusto Nunes Russo

Com 67 anos de idade, faleceu recentemente o camarada Augusto Nunes Russo. Militava na organização do Partido em Vialonga e foi dirigente e activista da Comissão Unitária de Reformados.

João Baptista Fragoso

Faleceu no passado dia 10 de Agosto, com 82 anos de idade, o camarada João Baptista Fragoso, reformado da Direcção de Faróis (Ministério da Marinha). Participou nas lutas nos Estaleiros da ex-Cuf em Lisboa. Com ligação ao Partido desde muito jovem, estava organizado na freguesia de Porto Salvo, onde desempenhava diversas tarefas.

José Joaquim Tareco

Faleceu, no dia 14 de Agosto, o camarada José Joaquim Tareco, ferroviário reformado. O camarada estava organizado na freguesia de S. Domingos de Rana.

Virgínio Luís de Jesus

Com 86 anos de idade, faleceu, no passado dia 9 de Agosto, o camarada Virgínio Luís de Jesus, enfermeiro. Membro do Partido desde antes do 25 de Abril, foi sempre um camarada muito dedicado e respeitado por quantos o conheciam. Foi fundador da AURPIC (Corroios).

Adalberto C. Rodrigues da Costa

Faleceu, no passado dia 15 de Agosto, com 76 anos e após prolongada doença, o camarada Adalberto Campos Rodrigues da Costa, engenheiro, natural de Fafe.

Comunista de longa data e lutador antifascista, desempenhou diversas tarefas e responsabilidades no âmbito da Organização do PCP no Porto, nomeadamente depois do 25 de Abril, cargos autárquicos no concelho de Matosinhos, onde residia. Actualmente membro do Sector Intelectual do Porto, Adalberto Costa era irmão do camarada Carlos Costa, da Comissão Central de Controlo do CC.

António Joaquim Furinho

Faleceu recentemente em Évora, com 81 anos de idade, o camarada António Joaquim Furinho. Era membro do PCP desde 1977. Foi activista das Comissões de Base de Saúde e dirigente do MURPI durante vários anos.

Aos familiares e amigos dos comunistas falecidos, o colectivo do «Avante!» manifesta sentidas condolências.

Administração Pública

Frente Comum repudia propaganda enganosa

Na sexta-feira passada, a Frente Comum de Sindicatos da Administração Pública repudiou, em nota à comunicação social, a manchete do Diário de Notícias do mesmo dia - «Função Pública ganha aumento extraordinário».

Garantindo que, apesar da interpretação que essa manchete permite, não existe de facto qualquer actualização intercalar de salários, a Frente Comum lembra que, em relação às carreiras, o Governo acordou a sua revisão em Janeiro de 1996, revisão que deveria estar concluída até Outubro de 1997 e entrar em vigor em 1998, no sentido de corrigir injustiças relativas e garantir o acesso ao final da carreira. Afinal, em Janeiro de 1998, veio repescar a matéria, para acordar com as estruturas sindicais da UGT uma actualização salarial de 2,75% para a Administração Pública.

Na opinião da Frente Comum, a «solução» encontrada «não garante o acesso ao final da carreira», razão por que a repudiou. Entretanto, só em Julho o Governo entregou na Assembleia da República um pedido de autorização legislativa que, mesmo que se verificasse em finais de Setembro, nunca teria efeitos antes de Dezembro.

A manchete do DN não é, pois, inocente, diz a Frente Comum, considerando que o Governo está a preparar-se para, «utilizando os seus proverbiais métodos de propaganda», pagar retroactivos de um compromisso de 1996, em ano de eleições legislativas. Sendo

ainda previsível que, tal como agora se noticia a soma «do que ninguém recebeu» aos 2,75% de actualização salarial e se considere que a Função Pública recebeu em 1998 mais do que a média de contratação do sector privado, também em 1999, no encerramento do processo de actualização, se tente «abusivamente» repetir semelhante adição.

A Frente Comum de Sindicatos da Administração Pública repudia, assim, «o recurso a métodos de publicidade enganosa» e garante que continuará a defender uma «efectiva reestruturação de todas as carreiras», tendo já em curso o processo de discussão interna da Proposta Reivindicativa para 1999 em que defende a eliminação da diferença entre o valor do índice 100 e o valor do salário mínimo nacional conjugada com critérios de justiça social.

Guardas e Vigilantes dispostos a novas lutas

A época da caça abriu este ano com os Guardas e Vigilantes da Natureza em greve pela urgente aprovação do seu novo regime de trabalho.

O Departamento de Informação da Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública, em nota à comunicação social, alerta para a falta de fiscalização da caça das Áreas Protegidas, considerando que tal situação só é possível pela «falta de sensibilidade» do Conselho de Secretários de Estado, que decidiu agendar a apreciação e aprovação do projecto de diploma legal que consagra o novo regime de trabalho dos Guardas e Vigilantes

da Natureza para depois de Agosto. Atitude que, em sua opinião, «é causadora do arrastamento e agravamento de um conflito laboral com mais de dois anos».

Os Guardas e Vigilantes da Natureza, que já realizaram uma concentração no dia 15 de Junho junto à residência oficial do primeiro-ministro seguida de três dias de greve por regiões, e se encontram a cumprir uma greve às horas extraordinárias desde 16 de Julho, estão dispostos, caso o novo regime de trabalho não seja aprovado a curto prazo, a concretizar novas formas de luta, provavelmente no início de Setembro.

Mogadouro CDU defende apoio ao investimento

A Comissão Coordenadora da CDU do Mogadouro, depois do «atestado de pobreza» passado pelo primeiro-ministro e de alguns investimentos «mendigados» pelo Presidente da Câmara, veio a público reafirmar a necessidade de rentabilizar os recursos da região.

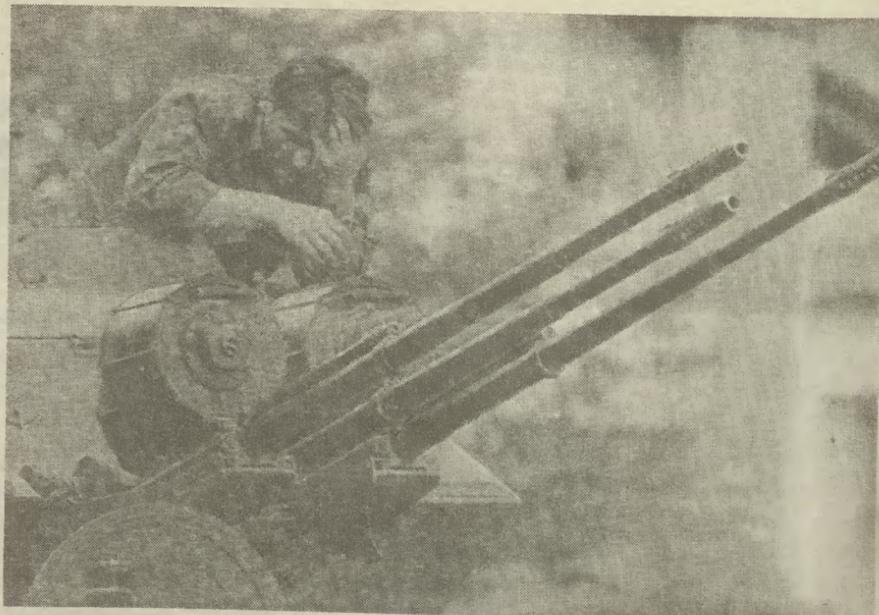
É nesta região que se produz «uma elevada percentagem da energia que alimenta o país», que são feitos depósitos de «milhões de contos», gastos depois em investimentos no Litoral, e que, «sem os devidos apoios», se produz riqueza na agricultura, lembra a CDU, para quem «a pobreza só existe quando não há remédio». No Mogadouro, contudo, «a cura» existe e chama-se «apoio ao investimento».

É por isso que as pessoas «não se podem iludir». Por exemplo, em relação aos «pseudo-investimentos» na área do Parque, «quantos empregos directos e indirectos vão ser criados? Que verbas existem para serem aplicadas e com que critérios?» Como é possível que o Posto de Turismo de Mogadouro «esteja a funcionar como um Gabinete da «Juventude»? Como é possível atrair visitantes se não existem roteiros com a indicação de percursos, estradas e monumentos a visitar?

A CDU afirma ainda que as Juntas de Freguesia fora do Parque têm de estar atentas para não serem subalternizadas, devendo ser feito de imediato um alerta ao Ministério

da Defesa, no sentido de se cancelarem os voos rasantes da Força Aérea no percurso de Vale do Sabor e do Vale do Douro. E, face à «paralisia» e à «ficção» da actual situação, a CDU aconselha a que as visitas oficiais se façam fora da Avenida do Sabor, para que seja possível contactar «o lamentável estado das ruas e da sua iluminação na restante área da vila».

Apesar de os actuais responsáveis autárquicos denegrirem as propostas da CDU, a verdade é que para fazerem alguma coisa válida têm de a elas recorrer, afirma esta coligação, para quem «começa a ser clara a necessidade de a CDU estar representada nos órgãos autárquicos».



Kosovo NATO

pronta a intervir

Os planos militares da NATO para uma intervenção no Kosovo estão prontos. Resta agora saber se e quando será tomada a decisão política, que em qualquer dos casos deverá aguardar pela cimeira entre os presidentes norte-americano, Bill Clinton, e russo, Boris Ieltsin, agendada para 1 de Setembro.

da Rússia ou mesmo de outros membros permanentes.

A incógnita

Entretanto, persiste a incógnita de saber quem

A eventual intervenção da NATO no Kosovo, hipótese defendida pelos Estados Unidos desde o desencadear dos confrontos naquele território jugoslavo, continua a não reunir consenso, quer a nível internacional quer no seio da própria Aliança, mas os responsáveis militares ultimaram já praticamente todos os planos para uma «solução» bélica. De acordo com notícias divulgadas em Bruxelas, foram inclusive autorizadas diligências «informais» no seio dos parceiros da NATO para apurar quais as forças que cada um estaria disposto a fornecer em caso de se avançar para a intervenção. A iniciativa justifica-se: na opção extrema delineada pelos estrategos militares - a ocupação do Kosovo -, prevê-se a utilização de 60.000 homens. Se, pelo contrário, a opção for a de enviar uma força de interposição, como os sérvios estariam dispostos a aceitar, o número de militares previstos é de 36.000.

De acordo com as informações vinda a público, os planos assentam em três grandes opções:

- Intervenções aéreas na Sérvia em represália de uma escalada da violência no Kosovo, com bombardeamento das defesas aéreas e instalações militares sérvias;
- Intervenção aérea em grande escala, com objectivos económicos, e deslocação de tropas para a região;
- Envio de uma força de interposição aceite pelas partes em confronto, num esquema semelhante ao utilizado na Bósnia após os acordos de Dayton.

Segundo um comunicado divulgado pelo secretário-geral da NATO, Javier Solana, a Aliança «apoiar os esforços da comunidade internacional para favorecer uma solução negociada do conflito e, com esse fim, reviu os planos militares para uma intervenção com grande número de opções para acabar com a violência e criar as condições para a negociação». Isso inclui, segundo o comunicado, «tanto a deslocação de forças terrestres como aéreas, e em particular intervenções em áreas isoladas».

O patente desejo de intervenção no Kosovo tem esbarrado, até à data, não apenas com a frontal oposição de Moscovo, a quem sobejam motivos para considerar o conflito uma questão interna da Jugoslávia, como também de vários membros da Aliança, avessos a uma intervenção unilateral e mais favoráveis a uma decisão assente num mandato prévio do Conselho de Segurança da ONU. É justamente essa passagem pelo Conselho de Segurança que os EUA pretendem evitar, já que não é de excluir o veto

representa efectivamente a minoria albanesa do Kosovo. Uma questão fundamental para as negociações de paz que todos dizem apoiar.

O dirigente político dos albaneses do Kosovo, Ibrahim Rugova, anunciou há dias a sua equipa de negociadores com o governo, que não inclui representantes do Exército de Libertação do Kosovo (ELK).

Falando a semana passada numa conferência de imprensa em Pristina, «capital» do Kosovo, Rugova disse que o ELK recusou a sua oferta de participação na equipa, tal como dois dirigentes políticos com ligações estreitas ao ELK, mas deixou uma porta aberta para uma alteração desta posição. «Há lugares abertos para outros representantes e políticos serem incluídos», afirmou.

A equipa de negociadores é formada por Fehmi Agani, Fatmir Sadiu, Edita Tahiri, Tadei Radiqi e Iliaz Kurtesi, que pertencem a partidos representados no «parlamento» paralelo dos albaneses do Kosovo, onde a Liga Democrática do Kosovo (LDK), de Rugova, se encontra em maioria.

Recorda-se que o governo jugoslavo se mostrou disponível para discutir a restituição da autonomia à província.

Por seu lado, diplomatas do Grupo de Contacto para a ex-Jugoslávia (Estados Unidos, Rússia, Alemanha, Grã-Bretanha, França e Itália) reuniram-se sexta-feira com a equipa de negociadores para iniciar uma plataforma de conversações com o presidente Milosevic sobre o futuro do Kosovo.

Segundo o emissário norte-americano Christopher Hill, a comunidade internacional está pronta para ajudar o processo a tornar-se um êxito.

«A equipa está preparada para iniciar o processo de negociações apesar de a violência prosseguir no terreno», disse Hill, acrescentando que «é precisamente devido à violência que é tão importante retomar negociações».

Aparentemente decidido a encetar um processo paralelo ao liderado por Rugova, o ELK designou entretanto os seus representantes políticos e pediu ao histórico do nacionalismo kosovar Adem Demaci que se converta no líder da organização separatista.

Num comunicado do seu estado-maior, o ELK anunciou a nomeação de Jakup Krasniqi, Xhavid Haliti, Bardhyl Mahmuti, Hashim Thaci, Faton Mehmetaj e Sokol Bashota como representantes políticos da organização.

Afeganistão

O perfume do petróleo num campo de papoilas

O avanço das forças taliban («estudantes da religião») no Norte do Afeganistão, nos últimos dias, está a suscitar uma crescente preocupação no Irão, devido ao clima de instabilidade e insegurança gerado pelos confrontos na fronteira entre os dois países. Uma questão que não preocupa minimamente as potências internacionais e em particular os EUA - noutros casos tão zelosos dos direitos humanos e das práticas democráticas -, já que a extensão do domínio taliban a todo o território afegão serve os interesses norte-americanos de exploração das riquezas da Ásia

O regime dos taliban, instalado em Kabul desde Setembro de 1996 e apenas reconhecido oficialmente pelo Paquistão - e oficialmente pelos Estados Unidos -, é um produto da política paquistanesa, cujos sonhos hegemónicos passam pelo controlo do Afeganistão e pela liquidação da influência iraniana na região. Para atingir os seus objectivos, o Paquistão serviu-se da etnia *pachtoune*, maioritária no Sul do Afeganistão e no Norte do Paquistão, e contou com o apoio financeiro da Arábia Saudita e dos EUA. Para Washington, tratava-se não só de estender a sua zona de influência, enfraquecendo o Irão e a Rússia, mas sobretudo de lançar mão ao petróleo e ao gás natural da Ásia Central. Em causa está a construção de um gasoduto e de um oleoduto, cujo projecto orça os cinco mil milhões de dólares, a cargo da companhia norte-americana

Unocal, através de uma rota «segura». O projecto visa ligar o Turkmanistão aos portos paquistaneses, atravessando o Afeganistão de Norte a Sul, deixando de fora tanto a Rússia como o Irão.

Formados no Paquistão, os ditos «estudantes da religião» afegãos aprenderam bem duas coisas: o fanatismo religioso e o manuseamento das armas.

Com o primeiro, mergulharam o país no mais profundo obscurantismo e riscaram do mapa nacional tudo o que de perto ou de longe se pudesse confundir com o respeito pelos direitos humanos. As mulheres, em particular, foram despojadas de qualquer direito, reduzidas a uma existência sub-humana: não podem estudar nem trabalhar e muito menos ter vontade própria. São encaradas como um subproduto, destinadas a servir os homens e à reprodução, de acor-



O regime dos taliban transformou as mulheres afegãs em verdadeiras sombras

do com as regras impostas por uma hierarquia totalmente masculina. Tão-pouco as crianças merecem mais respeito: segundo dados das organizações humanitárias, mais de 20 por cento das crianças afegãs morrem antes de atingirem os cinco anos de idade.

Estes aspectos não incomodam os «campeões da democracia» instalados em Washington. Tal como não o incomodam, neste caso concreto, o florescente negócio de ópio que alimenta os arsenais dos taliban.

Antes dos «estudantes da religião» chegarem ao poder, o Afeganistão era o segundo produtor mundial de papoilas, a planta de que se produz o ópio. A partir de 1996, o país tornou-se no primeiro exportador mundial daquela planta, com mais de 3000 toneladas exportadas em 1997, o que representa um crescimento de 20 por cento. Segundo os dados disponíveis, 95 por cento da produção é exportada, sendo a Europa o principal mercado (80 por cento), indo o remanescente (15 por cento) para

os Estados Unidos. O tal país que se apresenta como o incansável combatente do tráfico de drogas.

Com o negócio, os taliban arrecadam qualquer coisa como 55 milhões de dólares. O bastante para comprar armas e homens para uma guerra que nada tem de santa.

Inebriados pelo perfume do petróleo e do gás natural, os amigos americanos fazem de conta que as papoilas são de papel. Quanto à situação das mulheres afegãs e dos direitos humanos, enfim, questões internas...

Coreia do Sul

«Braço de ferro» na Hyundai

Após três semanas de *lock-out*, a Hyundai reabriu as portas a semana passada, mas o primeiro produtor de automóveis sul-coreano continua parado - os trabalhadores permanecem em greve por tempo indeterminado.

O governo enviou entretanto milhares de polícias antimotim para as fábricas da Hyundai para expulsar os trabalhadores ameaçados de desemprego que ocupam as instalações desde 20

de Julho. A registar-se um confronto, os sindicatos ameaçam desencadear «uma luta de todos os sindicatos através do país», responsabilizando desde já as autoridades das consequências de um intervenção policial, atendendo a que no local se encontram, junto com os trabalhadores, muitas mulheres e crianças.

O que se passa na Hyundai é um verdadeiro «braço de ferro»,

cujo desfecho se reveste da maior importância para todo o país. Com efeito, os trabalhadores do potentado da indústria automóvel recusam o «privilegio» de serem eles a inaugurar o grande plano de despedimentos colectivos que o governo pretende implementar para fazer face à crise económica do país. Numa primeira fase, a empresa pretende despedir 1569 trabalhadores. Num país que até há pouco

tempo não conhecia o desemprego em massa e, sobretudo, onde a protecção social é praticamente inexistente, os sindicatos afirmam-se dispostos a combater os despedimentos por todos os meios. Na Hyundai, os responsáveis sindicais garantem que «os trabalhadores apenas voltarão ao trabalho quando a direcção da empresa renunciar ao seu plano (de despedimentos)».

Como não se têm cansado de reafirmar, os trabalhadores recusam ser eles a pagar a elevada factura do saneamento económico imposto pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), o qual, para salvar os conglomerados coreanos que ligam estreitamente os grandes grupos, o sector bancário e os dirigentes políticos, se propõe sacrificar dezenas de milhares de empregos.

Pobreza mata onze milhões de crianças por ano

Anualmente, morrem, em todo o mundo, onze milhões de crianças com menos de cinco anos, vítimas das condições de pobreza extrema das respectivas famílias. A informação é da Organização Mundial de Saúde (OMS) e foi divulgada recentemente em Amesterdão pela nova directora-geral da Organização, Gro Harlem Brundtland, ex-primeira-ministra norueguesa.

Segundo a responsável da OMS, «mais de metade das mortes são devidas a infecções respi-

ratórias agudas, e cerca de 90 por cento das mortes de crianças com menos de cinco anos devem-se a diarreias, paludismo e sarampo. Por detrás deste balanço encontra-se o círculo vicioso da pobreza».

As perspectivas de futuro, afirma Gro Harlem Brundtland, não são famosas: não se prevê que seja possível fazer face ao flagelo nos próximos vinte anos. Não porque não existam no mundo meios para inverter a situação, mas porque as políticas desenvol-

vidas no respeitante aos sistemas de saúde e de apoio à infância estão longe do que seria necessário para combater de forma eficaz a mortalidade infantil. Basta pensar que, entre as «receitas» apresentadas por organizações como o Fundo Monetário Internacional (FMI), por exemplo, aos países a braços com crises económicas ou com problemas de desenvolvimento económico, consta invariavelmente o corte das despesas sociais, o que atinge em primeiro lugar as camadas mais desfavore-

cidas e, consequentemente, as crianças.

Isso mesmo salienta Gro Harlem Brundtland, fazendo a ligação entre a mortalidade infantil e a pobreza: o risco de morte antes dos cinco anos é cinco vezes maior nas populações pobres.

A responsável da OMS refere, a título de exemplo, o caso de África, onde 7,5 por cento dos nados-vivos não atinge um mês de vida, e, como sucede nalguns países do continente, uma crian-

ça em cada cinco morre antes dos cinco anos de idade.

A má nutrição contribui, segundo a OMS, para mais de metade das mortes de crianças em todo o mundo. Com a fome e condições de vida degradadas, as doenças vêm por acréscimo. Uma situação terrível agravada nos últimos anos pelo flagelo da Sida: o vírus afecta mais de um milhão de crianças com menos de quinze anos, tendo a doença já provocado a morte de dois milhões.

Aumento

de salários

na Alemanha

O ministro do Trabalho alemão, Norbert Blum, apresentou a semana passada um projecto de subsídio estatal aos empregos menos remunerados para os tornar mais atractivos aos desempregados de longa duração. A medida visa diminuir o desemprego, que atinge quatro milhões de alemães, justamente um dos «calcanhares de Aquiles» do chanceler Helmut Kohl, que poderá custar-lhe a reeleição nas próximas eleições de Setembro.

A Alemanha conta actualmente com 1,35 milhões de desempregados de longa duração.

Crise asiática

agrava-se

O yene voltou a descer a semana passada, atingindo a sua cotação mais baixa dos últimos oito anos. A queda da moeda japonesa - que nem a intervenção dos bancos centrais do Japão e dos EUA conseguiu evitar - provocou uma verdadeira «terça-feira» negra nas bolsas mundiais, que encerraram com perdas rondando os três por cento. De acordo com os analistas, a situação que se vive no Japão deverá obrigar a China a desvalorizar a sua moeda, o que provocará uma nova depreciação de todas as moedas da região. A queda contínua do yene demonstra que o mercado não acredita no plano de activação económica proposto pelo novo primeiro-ministro japonês, Keizo Obuchi, e que já não responde às intervenções dos bancos centrais tanto nacionais como norte-americanos, ao contrário do que sucedeu no passado mês de Junho.

Direito à autodeterminação de Porto Rico

A Comissão de Descolonização da ONU aprovou a semana passada uma resolução de apoio ao direito de Porto Rico à autodeterminação e à independência. A proposta foi apresentada por Cuba, cujo embaixador, Bruno Parrilla, preside ao chamado Comité dos 24. O documento expressa a esperança de que o governo dos EUA assuma a sua responsabilidade de criar as condições para que os porto-riquenhos exerçam plenamente esse direito, de acordo com a Resolução 1514 de 14 de Dezembro de 1960. Porto Rico foi ocupado pelos EUA há 100 anos. O território tem um estatuto de «Estado Livre Associado», e as opiniões sobre o futuro estão muito divididas, entre apoiantes da independência e defensores da integração total nos EUA. Os próprios norte-americanos estão longe de desejar a integração total de Porto Rico, dado que isso implicaria o reconhecimento de igualdade de direitos para os porto-riquenhos, o que agora não sucede.

Conspiração contra a RD do Congo?

■ ALBANO NUNES

Membro
do Secretariado do CC

ESCREVER sobre a actual conjuntura na República Democrática do Congo, o ex-Zaire de Mobutu, encerra sérios riscos de desacerto. A situação, complexa e contraditória, é particularmente confusa tanto no terreno político como militar. São bem mais as perguntas que as respostas. Mas a importância do que está em jogo não deixa alternativa.

Que precipitou os acontecimentos? Uma corajosa afirmação de soberania como afirma o governo ou o nepotismo e tribalismo de que Kabila é acusado? Há forças do Ruanda e do Uganda a conduzir a "revolta militar" (o que de resto um ministro francês abertamente reconheceu) ou trata-se simplesmente de uma bola de neve despoletada pela reacção dos *banyamulenge* a promessas incumpridas e injustas perseguições? Gerou-se de facto uma situação de insegurança e de perigo generalizado para os estrangeiros residentes na RDC ou trata-se essencialmente de uma clássica operação alarmista que visa encorajar os revoltosos e provocar a desejada debandada do novíssimo exército democrático e a desagregação do actual poder? Kabila fugiu? Prepara a independência do Katanga qual vulgar Tchombé dos anos 60? Negocia secretamente com os revoltosos? Ou desmultiplica-se no plano diplomático (vide visita a Cuba, participação na cimeira de Victoria Falls da iniciativa de Robert Mugabe, reunião de 16 de Agosto em Luanda dos chefes de Estado de Angola, Namíbia e RD Congo...) para encontrar soluções que não sejam aquilo que alguns chamam "o derrube do herdeiro de Mobutu"? Que rosto têm os opositores, que objectivos, que programa?

do "pensamento único" ao serviço da "nova ordem" imperialista. Estruturalmente incapazes de discernir o amplo leque de contradições em jogo, e temerosos do contágio do "fenómeno congolês" empenharam-se em minimizar e eludir as causas profundas que

tornaram possível o avanço imparável e o entusiástico apoio popular às forças conduzidas por Laurent-Desiré Kabila. Foi então avançada a tese de que tudo aconteceu porque (pelo menos a partir de certa altura) os EUA deixaram e quiseram. E reduzindo a uma caricatura aquilo que é evidente realidade - as rivalidades e contradições inter-imperialistas e a luta crescente por esferas de domínio e influência - apresentaram a derrota do "leopardo", esse guardião avançado dos interesses da "civilização Ocidental" em África, como simples resultado de um jogo de xadrez em que, deslocando algumas pedras bem colocadas na região, e em primeiro lugar o Uganda, os EUA deram um xeque-mate à França (e à União

é certa". Sim, que acontecerá à "nova ordem", à globalização neoliberal imperialista, se as massas - hoje no Congo, amanhã na Indonésia ou Birmânia e depois na Nigéria, no Brasil ou qualquer outro país - se convencerem que podem decidir o seu próprio destino?

Nesta versão da "vitória americana" no Congo Kinshasa não haveria algum grão de verdade? Não seremos nós a dizer que não. De qualquer modo, o que seguramente havia era a intenção, dos EUA e seus aliados na região, de influenciar, controlar e recuperar o processo de transformação pós-mobutista. No quadro então existente - de profunda crise económica e financeira, de desastre e desespero social, de inaudita corrupção e caos nas estruturas administrativas do país, de evidentes debilidades políticas e organizativas das forças que conquistaram o poder - as esperanças de "mudar de cavalo" não eram desprovidas de fundamento. Sobre tudo se não se deixasse estabilizar o novo poder no plano interno e se impedisse, no plano externo, a reconstrução das relações económicas, políticas e diplomáticas congolêsas. Contudo, as últimas notícias parecem

O que se passa na RD do Congo é inseparável do agravamento da situação em Angola provocada pela acção criminosa da UNITA e noutros países do continente, incluindo a Guiné-Bissau. A África está em convulsão.

indicar que o imperialismo, e em particular os EUA, não tendo alcançado os resultados pretendidos, decidiram intervir em força na desestabilização e no derrube do poder actual em Kinshasa. É aliás curioso observar que os fios da conspiração - é ver a imprensa mais recente, nomeadamente o "Liberation" francês ou o "Economist" - passam por Paris, Bruxelas, Washington, assim como pelo Ruanda e o Uganda de Yori Museweni, aparentemente o principal aliado operacional norte-americano nos Grandes Lagos. Num compromisso franco-norte-americano que envolve também os destroços do mobutismo, tanto no plano político (integração na coligação de oposição recentemente criada em Paris) como no terreno militar com antigos contingentes das Forças Armadas Zairenses a incorporarem-se na ofensiva. De notar ainda a deslocação de navios de guerra dos EUA para a região com o pretexto de evacuação de cidadãos norte-americanos, num gravíssimo precedente.

O que se passa na RD do Congo é inseparável do agravamento da situação em Angola provocada pela acção criminosa da UNITA e noutros países do continente, incluindo a Guiné-Bissau. A África está em convulsão, da Argélia à África do Sul, sem esquecer a situação na Nigéria gigante (aspirando à posição de gendarme africano do imperialismo) ou os inesperados atentados terroristas no Quênia e na Tanzânia em embaixadas

norte-americanas. Durante muitos anos falou-se do "continente esquecido" e do "desinteresse dos EUA" pelo continente. Aí temos hoje o real significado de tais apreciações: "esquecido" para que nos esquecêssemos nós dele, ele que havia sido, a dado momento, considerado o campo principal de "confronto Leste-Oeste". "Desinteresse dos EUA" para que o "seu regresso a África" fosse saudado como uma boa coisa e não como aquilo que realmente é: expressão da natureza exploradora, opressora e agressiva do imperialismo, e da sua pretensão em abocanhar as imensas riquezas do Congo e da África Austral.

Muitas outras perguntas e questões poderiam colocar-se às quais só o tempo dará resposta. Entretanto, considerando as lições da História, é inteiramente legítimo perguntar se, independentemente de erros colectivos e individuais a justificar justo descontentamento e reprovação, não estaremos perante uma autêntica conspiração contra a RDP.

Quando, em 19 de Maio de 1997, as forças da "Aliança das Forças Democráticas para a Libertação do Congo - Zaire" entraram em Kinshasa e vibraram o golpe de misericórdia na ditadura de Mobutu Sese Seko, assistiu-se às mais surpreendentes e descompostas análises por parte dos escribas

Europeia). Laurent Kabila foi mesmo reduzido em muitos escritos à condição de um vicioso "homem de palha" dos americanos. Tudo muito "superestrutural", muito distante da contraditória e dinâmica realidade socioeconómica. Tudo muito personalizado em "heróis" e "homens de palha", quase nada quanto ao decisivo papel dos grandes grupos humanos, das classes sociais, das massas populares. Tudo fatal como o destino: só se move o que as classes dominantes permitem que se mova e que os EUA queiram que se mova. Guerra aberta à perigosa ilusão de que a luta progressista e revolucionária alcançará resultados e que, tarde ou cedo, a "vitória



Avante teatro

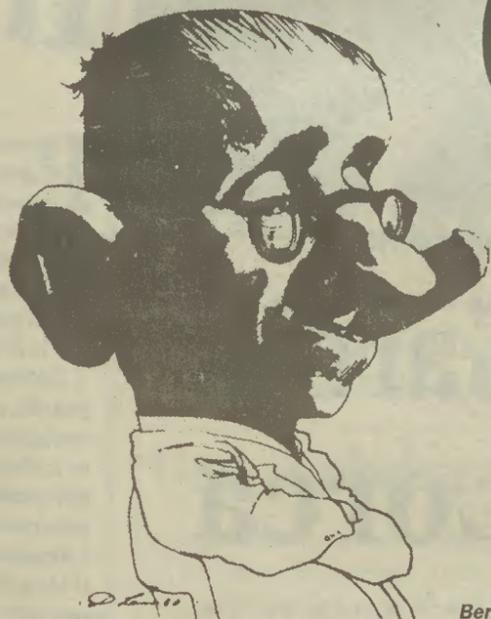


da festa!

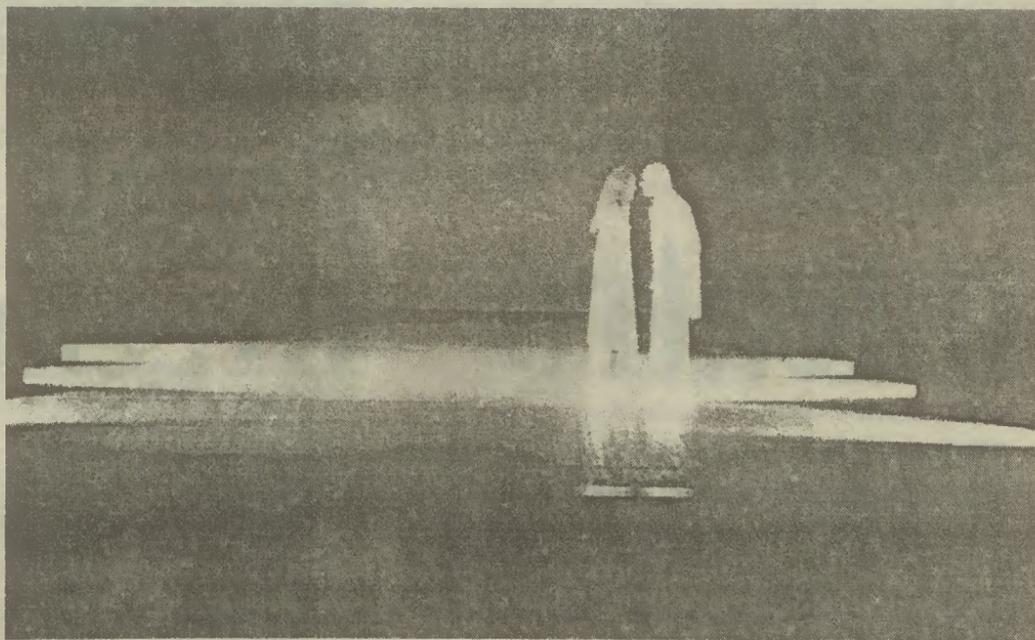
AMORA-SEIXAL

4, 5 e 6 SETEMBRO

Três dias de Teatro



Bertolt Brecht



Bodas de Sangue, de Lorca, pelo Teatro de Papel

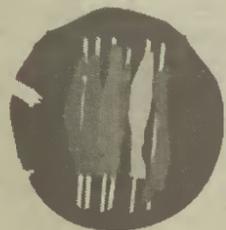


García Lorca



A Passagem dos Corpos, de Artaud, pelo Teatro do Morcego

Num ano em que se comemora o centenário do nascimento de Federico García Lorca e de Bertolt Brecht, o *Avanteatro* apresenta duas peças destes autores, levadas à cena pelo *Teatro de Papel* e pelo *Teatro das Beiras*. Durante os três dias, passam ainda pelo palco outras trupes como o *CETA - Círculo Experimental de Teatro de Aveiro*, *A Lençe - Teatro de Aumentar*; o *Teatro Extremo*, um grupo com sede em Almada, e o *Teatro do Morcego*. No *Avanteatro* abre-se ainda um espaço para o debate subordinado ao tema «Os clássicos hoje».



F E S T A
Avante!

4 • 5 • 6 Setembro 98

EP Entrada permanente na Festa
Desconto de 20% na compra antecipada



Encontro marcado com o teatro

Todos os anos, a programação do *Avante!* propõe uma grande diversidade de espectáculos de qualidade, onde miúdos e grávidos se juntam para fruir a arte de representar. Grupos de vários pontos do país dão ali a conhecer o seu trabalho sempre perante um público numeroso que não perde a oportunidade de ir ao teatro na Festa. A programação deste ano oferece muitos motivos de interesse.

O Teatro de Papel leva à cena *Bodas de Sangue*, de Federico García Lorca. Trata-se de um drama de fortes paixões em que o amor é a causa da tragédia. Um triângulo amoroso sem solução. Supõe-se que Lorca tenha retirado a ideia de uma notícia de jornal. De Aveiro vem o CETA - Círculo Experimental de Teatro, com a peça *O Mestre Fantasia*, de Rosa Gadanho. Dirigido à infância e juventude o espectáculo baseia-se numa história de uma companhia de saltimbancos dirigida por Mestre Fantasia que esgota em si própria toda a imaginação criadora. A dramaturgia de Bertolt Brecht é trazida pelo Teatro das Beiras com a peça *A Boda dos*

Pequenos Burgueses. A acção decorre depois numa boda depois da ida à igreja dos noivos. A noiva está grávida e o noivo, que é marceneiro, está orgulhoso de ter construído, sozinho, toda a mobília. A refeição desenrola-se lentamente constituindo os actores personagens de uma ballet de gestos e atitudes num cerimonial falso. *O Marinheiro*, de Fernando Pessoa, é o texto escolhido pelo grupo *A Lente - Teatro de Aumentar*. Este grupo propõe-se desenvolver um teatro em que sejam explorados os meios audiovisuais e técnicas de animação numa tentativa de dar ao texto dramático uma nova dimensão comunicativa. Por sua vez, o Teatro Extremo apresenta



«A Boda dos Pequenos Burgueses», de Brecht, pelo Teatro das Beiras



1898-1998

Bertolt Brecht

Escritor, dramaturgo e encenador, Bertolt Brecht é uma das figuras mais importantes do nosso século, para sempre ligado ao combate contra o fascismo e à luta pelas ideias da justiça e do socialismo. Nascido na Alemanha em 1898, Brecht foi obrigado a fugir precipitadamente do país, em 1933, logo após a ascensão de Hitler ao poder. Só regressa em 1947, após ter passado por diferentes países até chegar aos Estados Unidos. Mas mesmo nos EUA, as suas posições políticas e a sua actividade como escritor progressista fizeram-no de novo alvo de perseguição e é chamado ao *Committee on Un-American Activities*.

De volta à Europa, acompanhado de sua mulher, a actriz Helene Weigel, fixa-se em Berlim onde permanecerá até à sua morte em 1956. Aí assiste, em 1949, à fundação da República Democrática Alemã, de um lado, e da República Federal Alemã, do outro, que materializa assim a separação em dois Estados do III Reich de Hitler. Brecht opta de forma inequívoca pela nacionalidade da nova república socialista. Fundador da teoria do Teatro Épico, nas suas peças satiriza a burguesia (caso da *Ópera dos Três Vinténs*, de 1928, de parceria com Kurt Weill); evoca a revolução proletária (*A Mãe*, de 1932, na base do romance de M. Gorki, e *Os Dias da Comuna*, de 1948-49); entra no drama histórico (*Mãe Coragem e seus Filhos*, de 1939, e, no mesmo ano, *Galileu*); ou na parábola filosófica (*A Boa Mulher de Setuan*, de 1938-40, e *Círculo de Giz Caucasiense*, de 1948). Da sua vasta obra destacam-se ainda os Poemas e Canções.



1898-1998

García Lorca

Assassinado em Agosto de 1936, Federico García Lorca permanece como um símbolo dos que se opuseram ao avanço franquista e se mantiveram até ao fim ao lado do governo legítimo da República de Espanha. Nas palavras de Pablo Neruda, Lorca «era tão popular como uma guitarra, alegre, melancólico, profundo e claro como uma criança, como o povo...». Escolheram-no bem aqueles que, ao fuzilá-lo, quiseram disparar sobre o coração da sua raça...»

«As duas Espanhas mais inconciliáveis foram postas à prova ante esta morte: a Espanha subterrânea e maldita, a Espanha crucificadora e venenosa dos grandes crimes dinásticos e eclesiásticos e, perante ela, a Espanha radiante do orgulho vital e do espírito, a Espanha meteórica da intuição, da continuidade e do descobrimento, a Espanha de Federico García Lorca». Poeta, dramaturgo, desenhador, músico, Lorca nasceu em 5 de Junho de 1898, em Fuente Vaqueros, próximo de Granada. Foi estudante de Filosofia e Direito, mas desde jovem que mostrou tendência para a poesia e para a música e interessou-se pelo teatro. Em Madrid, para onde se muda em 1919, escreve o que virá a ser mais tarde, em 1921, o *Livro de Poemas*, em 1927, publica *Canções* e um ano depois o *Romanceiro Gitano*, que obteve um extraordinário êxito, sendo reeditados várias vezes. Depois de uma passagem por Nova Iorque, em 1929, leva à cena a *Sapateira Prodigiosa* e publica o *Poema do Canto Jondo*.

Assume, em 1932, a direcção do teatro popular ambulante, que baptiza de «La Barraca», e inicia um intensa produção dramática levando levando à cena, sucessivamente, *Amor de Pirlipin*, *D. Rosita a Solteira* ou a *Linguagem das Flores* e *Bodas de Sangue*. Em 1935, publica o *Pranto de Ignacio Sanchez Mejias* e já depois da sua morte é publicada a *Casa de Bernarda Alba*.

Prazo termina a 28 de Agosto

Inscritos meio milhar de atletas

30 equipas

Prosseguindo o êxito das edições anteriores, a Corrida da Festa registava no início da semana mais de meio milhar de inscrições. Porém, o ritmo de pedidos de inscrição é agora bastante intenso, pelo que, segundo a organização, até ao dia 28 de Agosto o número de inscritos deverá ultrapassar largamente o milhar e meio de atletas.

A Corrida é uma prova aberta, com inscrição gratuita, a participantes de ambos os sexos, representantes de clubes federados ou não, ou a atletas individuais. São admitidos atletas masculinos dos escalões juniores (1979/80), seniores (1978 e anos anteriores), veteranos I (40 a 44 anos), veteranos II (45 a 49 anos), veteranos III (50 a 54 anos), veteranos IV (55 a 59 anos) e veteranos V (60 anos em diante); e femininos juniores (1979/80), seniores (1979 e anos anteriores) e veteranas (35 anos em diante). O percurso é idêntico ao das edições anteriores: a partida é dada junto às bombas da Cipol, na Medeideira, e a meta fica perto dali no Campo da Amora. As inscrições podem ser feitas até 28 de Agosto para a Corrida da Festa do Avante!, Av. António Serpa, nº 26, 3º d.º - 1050 Lisboa (horário de funcionamento: das 9,30 às 13 horas e das 14 horas às 18,30 horas. Telefone: 7969141 ou Fax 7969139).

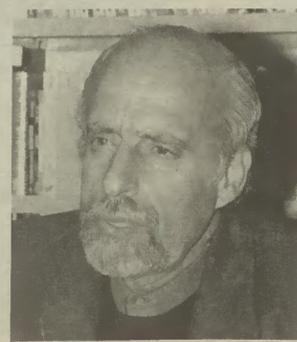
Eles apoiam a Corrida da Festa

Todos os anos, dezenas de individualidades ligadas ao desporto nacional manifestam o seu apoio à Corrida da Festa do Avante! - sem dúvida o maior evento desportivo que lhe está associado -, reconhecendo-lhe um lugar ímpar no calendário do atletismo do nosso país.

Uma verdadeira prova popular

«A Corrida da Festa do Avante! entrou já na tradição das provas do nosso país como uma das mais participadas e de maior valor. Ela traduz de forma concreta, no seu espírito e nos processos de organização, aquilo que devem ser as actividades do desporto popular. Ou seja: uma prática desportiva liberta das taras e das doenças que o desporto dominante está a manifestar cada vez mais um pouco por todo o lado. Parabéns à organização.»

Professor Melo de Carvalho
Inspector-geral de Educação



A Festa da alegria



Festa 1992

«A festa do desporto no nosso concelho tem evoluído bastante ao longo destes anos. A Corrida é uma modalidade muito importante para os nossos jovens que serão o futuro. Entre os vários tipos de atletismo, as provas populares são das que mais admiro, porque favorecem interajuda e não a competitividade, a harmonia e o convívio no desporto entre todos os participantes. Que a Festa do Avante! seja sempre de alegria e que continue a contribuir para a divulgação e promoção do atletismo no nosso concelho, onde já está bem patente também devido ao grande empenhamento por parte da Câmara Municipal.»

Carla Sacramento
Atleta Olímpica

Afirmar o desporto

«Na Festa do Avante!, manifestação ímpar de profundo significado político e cultural, tem tido, desde o início, importância significativa um vasto programa desportivo procurando afirmar o desporto e as actividades físicas e recreativas como factores de desenvolvimento social e de melhoria da qualidade de vida da população. Quanto ao âmbito desse programa se vai realizar a 11ª edição da Corrida de

desporto nacional, constitui uma oportunidade para poder fortalecer o conceito de que o desporto deve ser praticado por todos, merece da minha parte o registo do meu reconhecimento a quantos se envolvem voluntariamente na organização de mais esta edição da Corrida da Festa do Avante!. E estender este reconhecimento a todos aqueles que, por todos os países, organizam actividades desportivas abertas à

Festa do Avante!, com a regulamentação que agora apresenta, não quero deixar de referir quanto a corrida em estrada tem criado oportunidades de prática desportiva regular para a população que optou por fazer, junto dos locais de habitação e nos seus tempos de lazer, o lugar privilegiado que o parque desportivo poucas vezes contempla.

As virtudes da corrida de longa duração, os seus benefícios de ordem física, de convívio e de confraternização, o são desportivismo, a aceitação do resultado e o prazer de participar em actividades desportivas onde a presença de cada um, junto com a participação de grandes figuras do

população, dignificando o desporto como forma de expressão cultural empenhada e desinteressada. Por último, quero referir o meu apreço pelos participantes na Corrida Festa do Avante!, jovens de ambos os sexos, e

desejar-lhes que esta corrida seja um bom início para mais um ano de actividade desportiva. E refiro-me especialmente às mulheres, de todas as idades, para que também no desporto procurem os meios de afirmarem os direitos que lhes assistem, numa sociedade que se pretende cada vez mais aberta e mais justa.»

Rita Magrinho
Vereadora da Câmara Municipal de Lisboa



Festa 1990



A Baía do Seixal acolheu 169 praticantes de pesca desportiva

Pesca desportiva

Organizada pela Comissão Concelhia do Seixal do PCP, no âmbito da campanha de divulgação da Festa do Avante!, realizou-se no passado domingo o 1º Concurso de Pesca Desportiva na Baía do Seixal, que reuniu 169 pescadores, representando 17 equipas e concorrentes individuais. Feitas as contas, que nestas lides é como quem diz *pesado o peixe*, o prémio para o maior exemplar foi atribuído ao atleta Manuel Coelho, do RFDRC (Barreiro), que arrebatou

às serenas águas da Baía um espécime de 1260 gramas.

Por equipas, o primeiro lugar foi para o Sporting Lavradiense, seguido da Aspiratec, em segundo, e do GD «Os Abençoados», em terceiro lugar.

Por agrupamentos, o CR da Cruz de Pau obteve o primeiro lugar, seguido do Sporting Lavradiense e Aspiratec. O atleta, do Sporting Lavradiense, Hugo Cabrita conquistou o primeiro lugar em seniores masculinos, tendo como companheiros de pódio Sérgio Sena, da Aspiratec, e Miguel Vargas, do Sporting Lavradiense, respectivamente segundo e terceiro classificados. Hugo Cabrita venceu também a classificação para o maior número de exemplares capturados.

No escalão seniores femininos a vitória coube a Eva Rodrigues, da Aspiratec; o segundo lugar a Emília Casaca, do GP «Os Abençoados», e o terceiro a Fernanda Martins, do CR Pescadores da Torrinha. Em juniores femininos houve apenas duas participantes: Carina Casaca, do GP «Os Abençoados», que venceu o escalão, e Sandra Pereira, dos Serviços Sociais dos Trabalhadores das Autarquias do Seixal. Em juniores masculinos, o primeiro foi Luís Vargas (individual); o segundo, Joaquim Rafael Leal, da Associação Pescadores da Ramada; e o terceiro foi Fábio Ramos (individual).

Nos principiantes (escalão dos mais pequeninos), venceu, em masculinos, Miguel Almeida, do CR da Cruz de Pau, ficando em segundo e terceiros lugares, respectivamente, Carlos David, igualmente do CR da Cruz de Pau, e Filipe Melo, da Associação Pescadores da Ramada. Em femininos, a vitória coube a Andreia Casaca, do GP «Os Abençoados», o segundo a Lúcia Leal, da Associação Pescadores da Ramada, e o terceiro a Cátia Afonso, do Clube de Campismo «Luz e Vida». Finda a jornada, ficou o sentimento unânime dos atletas e organizadores de que este género de iniciativas, além de proporcionarem bons momentos competitivos, contribuem para um convívio fraternal e saudável.



No próximo fim-de semana, há futebol no rínque das Paivas

Cicloturismo

Realizada no passado dia 9 de Agosto, a prova de cicloturismo da Festa do Avante! registou a participação de 216 atletas e de 32 equipas.

O atleta mais velho foi Eduardo Castro, de 74 anos, e o mais novo foi o jovem Flávio, com apenas 10 anos.

As equipas participantes foram as seguintes: Clube Recreativo Barroquense; Trapolixo (Cascais); Sociedade Filarmónica Alpiarcense; Pedais dos Olivais; Lírrios do Monte (Cacém); Casa do Pessoal da EPAL; Núcleo Ciclista TV Vídeo, Lda; Ribadense (Fanhões); União Desportiva, Cultural e Social do Quintanilha (Vialonga); Clube de Ciclistas Costa do Sol (Abóboda); Turbos de Vale Paraíso; Serviços Sociais do Seixal; Projecta (Areiro); Os Roscas; Núcleo Ciclista Piedense; Leões de Moura; Nascente do Lis (Leiria); Núcleo Ciclista de Palmela; Terríveis de Sesimbra; Farias de Revanc (Sintra); Águias do Pedal de Almada; Amigos do Pedal (Loures); Águias de Via Rara (Stª Iria da Azóia); Mouel Moda; Campo de Ourique; M. Ginja; Núcleo Ciclistas de Sesimbra;

Clube Portugal Telecom; Trabalho com Direitos-CGTP; Grupo Recreativo Gonçalveshense; Unidos de Azeitão; Os Quarentões; AutoCoop; Clube Desportivo e Cultural de Naçarro; Amigos do Pedal de Cascais; Amigos do Feijó; e Núcleo Ciclista Moitense.

Os atletas partiram da Medideira, junto à entrada da Quinta da Atalaia, e cumpriram um percurso entre os concelhos do Seixal e Almada, passando por Corroios, Miratejo, Laranjeiro, Cova da Piedade, Almada, Pragal, Feijó, Vale Flores, Vale Milhaços, Corroios, Cruz de Pau, Paivas, Fogueteiro, Casal do Marco, Paio Pires, Seixal, Arrentela, Amora e Quinta da Atalaia. No final, realizou-se uma pequena cerimónia dentro do recinto da Festa, durante a qual foram entregues galardões aos participantes.

A prova foi organizada pela Comissão de Desporto da Festa do Avante! juntamente com o Clube Recreativo Barroquense e teve o apoio técnico da Federação Portuguesa de Cicloturismo.

Divulgação da Festa

Agenda de iniciativas no Seixal



Os motards vão encher de animação as ruas do concelho do Seixal

Um pouco por todo o país, as organizações do Partido levam a cabo iniciativas de divulgação e promoção da Festa do Avante!, muitas das quais têm um carácter desportivo. É o caso do programa no concelho do Seixal que aposta em encontros de várias modalidades.

Assim, já neste sábado, dia 22, realiza-se um Convívio de Damas, no Parque das Paivas, entre as 21 e as 23 horas. Para participar basta aparecer para jogar, mas todas as informações podem ser obtidas no Centro de Trabalho do Seixal do PCP.

Ainda neste fim-de semana, sábado e domingo, é promovido um Convívio de Futebol. Os jogos realizam-se no Rínque das Paivas, entre as 9 e as 21 horas, e são abertos a todos os escalões.

Para o fim-de-semana seguinte, dias 29 e 30, tem lugar um Convívio de Vólei de Praia, entre as 9 e as 19 horas, na Praia Velha. As inscrições podem ser feitas até 25 de Agosto no Centro Trabalho do Seixal do PCP.

Mais original é, sem dúvida, o Desfile de *Motards* pelo Concelho, marcado para dia 30 de Agosto, com concentração pelas 9,30 horas, no parque de estacionamento, frente ao Tribunal do Seixal. Esta iniciativa é promovida pela Comissão Concelhia do Seixal do PCP; Moto Clube do Seixal; Grupo Motard «Os Lusitanos»; e Grupo Motard de Fernão Ferro.

EM FOCO

Encontros internacionais em Agosto

■ Margarida Botelho

«**A** verdadeira multiculturalidade e a verdadeira discussão aconteceram nas mesas das esplanadas e nas ruas do Inatel da Caparica.» Quem o diz, entre o entusiasmo e a irritação, é Ângelo Alves, um dos jovens comunistas presentes no I Festival Mundial da Juventude, que decorreu na Costa de Caparica entre 1 e 10 de Agosto. A principal crítica que Ângelo e os camaradas, que garantiram durante dez dias o stand da JCP, colocam ao Festival situa-se precisamente na discussão.

«Houve painéis de discussão quase ridículos», diz, «como um dos centrais, em que o tema era a Globalização e houve um especialista a falar duas horas sobre a Internet.» O anunciado Festival do diálogo e da discussão ficou adiado. Se a publicidade inicial falava na construção de um mundo melhor e na reunião dos futuros líderes do mundo, a verdade não foi bem essa. Nem o objectivo inicial dos 25 mil jovens foi cumprido. Reuniram-se 6 mil, com uma filosofia completamente diferente.

No dia do encerramento do Festival, uma excitadíssima Margarida Pinto Correia lia uma Declaração final, de cuja existência nenhum jovem sabia, nem discutira. Ângelo discorda, a propósito, de que se fale num Festival apolítico: «Não se permitiu que os jovens discutissem formas de mudar o mundo: abriu-se espaço para ouvir especialistas. Foi um Festival profundamente ideológico, em que se tentou passar por todas as formas uma aceitação do capitalismo e do fim da História, da gestão dos problemas actuais.»

E dá exemplos: numa discussão sobre Direitos Humanos, só a muito custo, e por unanimidade, um grupo de jovens pôde discutir o Direito ao Trabalho. As conclusões não puderam ser escritas, só pintadas. Nada que, com criatividade não se contorne, porque os jovens pintaram uma manifestação e foram livres de exigir «emprego para todos com direitos» nas faixas exibidas pelos manifestantes.

De resto, os membros da JCP presentes no Festival fizeram, a meio da semana, um cálculo de quantas pessoas estariam efectivamente a participar nos debates. Entre 2 e 3 por cento foi a conclusão a que chegaram. Com a rádio, o jornal e o circuito interno de televisão a apelarem constantemente às idas à praia, concertos e visitas, a organização tentou sistematicamente desviar as atenções dos espaços de discussão. Apesar de tudo, o stand da JCP no recinto foi sempre um espaço visitado. Ângelo salienta os cinco novos militantes inscritos na JCP durante o Festival, o esgotamento diário dos folhetos editados com as posições da JCP sobre os vários temas (Globalização, Democracia, Ambiente, Direitos Humanos, etc.), a passagem de pessoas e organizações estrangeiras pelo pavilhão para trocar opiniões.

Fórum Mundial da Juventude

Há muito tempo que não aconteciam tantos encontros, reuniões e conferências tendo por base o tema da Juventude num



Festival Mundial da Juventude. Milhares de jovens e nenhum debate

mesmo país. Sucederam-se o Fórum Mundial da Juventude do Sistema das Nações Unidas, no qual a JCP representou a Coordenadora da Juventude Democrática e a Federação Mundial da Juventude Democrática (FMJD), organização com estatuto consultivo junto da ONU; a Conferência da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa; a Conferência Ibero-Americana de Ministros da Juventude; e, finalmente, a Conferência Mundial de Ministros da Juventude.

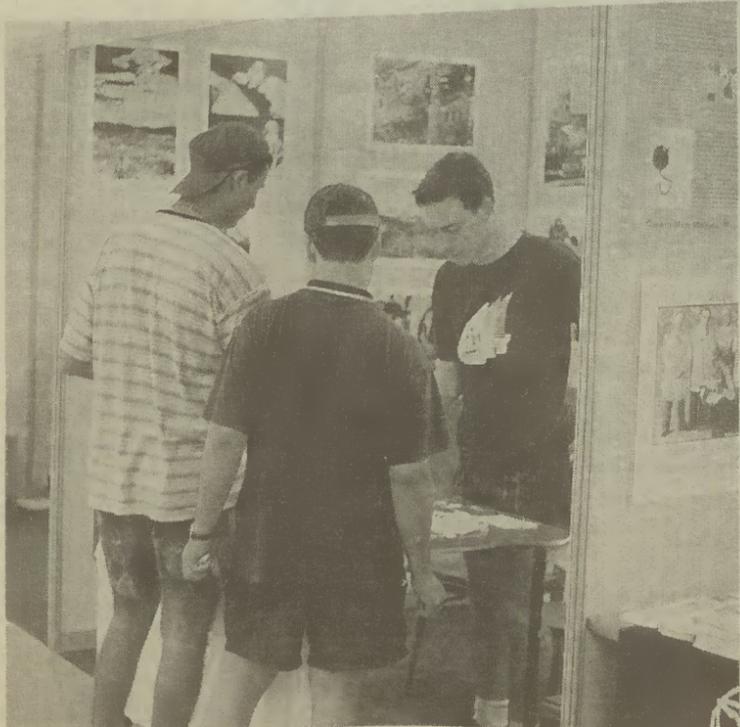
O Fórum, que reuniu cerca de 600 representantes de praticamente todo o mundo, desdobrou-se numa série de reuniões mais pequenas. Apenas em dois dias se reuniram estes 600, em sessões plenárias. No resto do tempo, os intervenientes reuniram-se regionalmente – para eleger uma pessoa para os comités de redacção – ou em grupos de trabalho. Os camaradas da JCP escolheram participar no de Educação (pela voz da Vitória Antunes), e no da Carta dos Direitos dos Jovens (com Jorge Martins e Osvaldo Marta).

Foi precisamente o abandono desta Carta, a ser levada à discussão e aprovação na Assembleia Geral das Nações Unidas, que mereceu por parte da JCP a classificação de «oportunidade

perdida». O grupo de trabalho acabou por se debruçar sobre uma introdução à Carta que consistiria numa compilação de todas as leis existentes sobre juventude, a nível da ONU.

Presentes estiveram organizações internacionais (como a FMJD), regionais e nacionais (sempre ao nível dos Conselhos Nacionais de Juventude), agências na dependência da ONU (como a UNESCO), associações intergovernamentais e representantes de Estado.

Fora do ambiente mais formal das reuniões, encontros e bilaterais, houve o convívio proporcionado pelas refeições tomadas em conjunto e a Feira Associativa. Stands de organizações como a UNESCO, a JS, o CNJ ou o Corpo Nacional de Escuteiros acabaram por não fazer muita concorrência ao da FMJD, assegurado pela JCP e um dos mais concorridos do Fórum.



A JCP marcou presença, tanto em Braga como na Caparica



Pinochetismo sem Pinochet Conclusão



Uma sociedade petrificada sem memória nem alegria



■ Miguel Urbano Rodrigues

Cheguei a Santiago numa noite quente. El Niño também ali golpeou o clima. O fim do Outono lembrava um Verão português. Não recordo ter visto tão pouca neve na Cordilheira na mesma época. O regresso ao Chile desencadeia sempre em mim uma torrente de emoções. Perguntava-me que país iria reencontrar. Desta vez voltava para rever velhos amigos.

Saí a pé do hotel, caminhando por ruas quase desertas do centro antigo da cidade. Ao desembocar na Alameda, bem iluminada, o cenário era outro. Apesar da hora tardia, havia muita gente nos cafés e restaurantes e movimentando-se em torno das bancas dos ambulantes. Tudo tinha um toque de familiaridade, mas tudo entrava em mim fazendo estragos. A cidade pareceu-me suja e triste. Sentiu-me um estranho entre velhos edifícios íntimos e degradados. Foi decepcionante a retomada de contacto.

Trazia comigo as impressões da última visita, em 1989, quando o candidato Pinochet perdeu as eleições numa jornada que ficou em festa inesquecível. O panorama social e político apresentava-se então muito confuso. O simples facto de o presidente eleito, Patricio Aylwin, ser um político muito conservador da Democracia Cristá justificava apreensões, mas a atmosfera era naqueles dias de grandes esperanças. O povo manifestara-se contra a ditadura em gigantescos comícios e desafiara a repressão nas ruas. Lembro-me de ter corrido pela Alameda para evitar uma carga dos carabineros e o fumo dos gases lacrimogéneos. O desenvolvimento da história não confirmou, entretanto, as esperanças que brotavam no ocaso da ditadura.

A Santiago da viragem do milénio apareceu-me agora como a capital de um país robotizado, onde as pessoas agem como máquinas programadas. Tive por vezes a sensação de me encontrar mergulhado no mundo desumanizado das utopias de Huxley e Orwell.

O nível da poluição ambiental, alarmante, contribuiu para ensombrecer o panorama depressivo do Chile no limiar do Inverno. Quando deixei Santiago, o Governo acabava de impor o estado de emergência. Os índices de toxidade da atmosfera eram assustadores. As escolas foram fechadas e quase metade dos carros particulares teve o acesso ao centro da cidade proibido.

O quadro era de pesadelo.

O salário mínimo foi reajustado durante a minha breve permanência. Após prolongadas negociações, a Central de Trabalhadores - a CUT, de gloriosas tradições - aceitou as exigências do governo da Concertación e assinou uma espécie de pacto social. A pirueta dos dirigentes sindicais do PS e da Democracia Cristá levou à capitulação. Conformaram-se com tudo o que dias antes afirmavam ser absolutamente inaceitável. O salário mínimo subiu de 71 400 pesos para 80 500 (o dólar vale 452 pesos), ou seja, o equivalente a 32 contos.

O futuro próximo foi minuciosamente fixado. Em Janeiro de 1999, o salário será de 90 500 pesos e no ano 2000 atingirá 100 000 pesos. Não haverá qualquer revisão até lá. Segundo o semanário «El Siglo» (21/5/98) o mínimo indispensável para cobrir as necessidades básicas deveria ser de 185 000 pesos...

O Partido Comunista do Chile considerou chocante e indecoroso o acordo, responsabilizando por ele os dirigentes sindicais da Concertación. A direita, naturalmente, festejou o resultado da negociação, embora tenha considerado excessivo o novo salário mínimo. Isto num país onde o custo de vida é quase igual ao de Portugal.

O Estado chileno, adepto e defensor de um mercado sacralizado, cumpre com zelo a sua missão de intermediário do patronato cujos interesses protege.

Mas quando o Executivo, noutras áreas, incomoda, a direita que, através do Senado, controla o Congresso, intervém de modo a marcar com clareza os limites do poder tutelado do Governo da Concertación.

mitir ao mundo a imagem de um regime democrático no qual as instituições funcionam hoje harmoniosamente.

É uma imagem que distorce a realidade. Dezenas de militares responsáveis por crimes contra a humanidade são considerados intocáveis. A Lei da Amnistia coloca-os fora da acção da Justiça. Pinochet advertiu, aliás, mais de uma vez, que não admitiria que tocassem num cabelo dos seus homens de mão.

Achados recentes de cemitérios clandestinos próximo do antigo campo de concentração de Pisagua confirmaram que numerosos patriotas foram ali sumariamente executados. De uma lista elaborada pelo historiador León Gomez constam os nomes de 37 militares implicados nesses crimes. Mas nada lhes aconteceu.

Na chamada Colonia Dignidad, fundada por ex-nazistas que fugiram do III Reich no final da Guerra Mundial, foram encontradas em fossas comuns ossadas de patriotas chilenos massacrados pelos dirigentes alemães desse lugar de horrores. O escândalo da Colonia Dignidad assumiu proporções mundiais. Mas esses carrascos nazis, tratados como aliados por Pinochet, continuam em liberdade.

A Concertación, que reúne quatro grandes partidos - Democracia Cristá, Partido Socialista, Partido por la Democracia e Partido Radical - acreditou que o acordo que a viabilizou se poderia prolongar pelo menos até ao ano 2006.

Essa ambição tornou-se, de repente, ultrapassada. O lançamento da candidatura à Presidência de Ricardo Lagos, dirigente máximo do Partido por la Democracia e ministro das Obras Públicas, desagradou à Democracia Cristá. Esta decidiu apresentar o senador Andrés Zaldívar. O mal-estar entre radicais e socialistas é também transparente.

Sentindo a coligação do governo abalada, a direita apressou-se a designar o seu candidato, Joaquim Lavín, um multimilionário que ocupa a presidência da Câmara de Las Condes, o município mais rico da grande Santiago e do Chile.

O Partido Comunista não tem representantes no Congresso. Muita gente que conhece mal os meandros da política chilena estranha essa ausência. Ela resulta do carácter profundamente antidemocrático da lei eleitoral imposta por Pinochet com a aceitação dos actuais partidos do Governo. Somente as forças políticas que ultrapassam a nível nacional os 5% dos votos emitidos têm direito a estarem representadas no Congresso. Como essa meta não foi atingida pelo PC do Chile, os votos comunistas foram considerados votos perdidos.

Ocorre que o PC do Chile, contrariamente a outras organizações tradicionais, não se apresentou em coligação com qualquer partido importante. Pagou um alto preço pelo seu isolamento,



mento, inevitável numa fase histórica em que a fidelidade aos princípios não lhe deixava alternativa.

Em Santiago, Gladys Marin, a secretária-geral do PCCH, obteve uma das mais elevadas votações. Mas como a barreira dos 5% não foi superada no conjunto do país, Gladys não entrou no Senado. Candidatos com votações muito inferiores foram eleitos pela Concertación e pela direita.

Entretanto, nas últimas eleições municipais, o PCCH alcançou significativos êxitos e a sua influência entre a juventude e a classe operária tem crescido de ano para ano.

Obviamente, o PCCH, como muitos outros partidos comunistas da América Latina, não recuperou a posição que durante décadas ocupou. Não cabe aqui analisar a problemática da complexa crise que o levou a uma profunda reflexão, crise agravada pelos efeitos continentais e mundiais da desagregação da URSS. Mas é significativo que nas recentes eleições realizadas nas mais importantes universidades, os candidatos apresentados pelos comunistas tenham conquistado a maioria das direcções das associações de estudantes.

É precisamente da juventude que, num panorama globalmente negativo, sobe, ainda noventa, uma luz de esperança.

O Chile não é um país endividado até à medula como o Brasil. A sua agricultura, orientada para a exportação, é uma das mais dinâmicas do Continente, e o PIB cresce anualmente, como salientei em artigo anterior, a uma taxa média de 6%.

Repetindo slogans sobre a modernidade chilena, essa gente simula esquecer que o Estado Mínimo pinochetiano destruiu a Segurança Social e o ensino público, empobreceu dramaticamente as classes médias e desumanizou as relações humanas ao tentar reduzir os trabalhadores a máquinas robotizadas. Precisamente por isso, fere mais o contraste entre a elegância do Bairro Alto e a pobreza crescente das áreas do cinturão operário da Grande Santiago.

A aristocracia do dinheiro chilena, educada desde o século XIX na tradição britânica, tem o bom gosto que falta à brasileira. Não conhece os comerciais tão belos e harmoniosos como os de Santiago. Em Las Condes, as novas zonas residenciais, as grandes lojas, os restaurantes e bares, os bancos dão ao forasteiro a imagem de outro mundo. Ali penetra-se no Chile do privilégio, numa cidade paradisíaca onde cada solução foi concebida de modo a assegurar aos moradores uma qualidade de vida superior, que responde às aspirações e ao egoísmo de uma casta senhorial. Embora diferente, aquilo fez-me pensar no conjunto de La Defense, em Paris, e em alguns bairros dos subúrbios de Washington, reservados à elite do poder.

A repartição da riqueza é tão injusta como no Brasil. Mas os efeitos da selvageria neoliberal são mais devastadores no tecido social. Os trabalhadores chilenos tinham realizado, em décadas de luta, conquistas que faziam da sua classe operária uma das mais avançadas do Continente. O analfabetismo fora praticamente eliminado antes da Segunda Guerra Mundial pelo governo da Frente Popular, de Pedro Aguirre Cerda.

A consciência do que se perdeu é, portanto, mais dolorosa. E o que se perdeu não é quantificável, não tem preço. O espírito de luta, por exemplo.

Ao deambular, sem rumo definido, por tradicionais bairros operários, pelas ruas degradadas do centro histórico de Santia-



go e pelas avenidas ajardinadas das encostas da Cordilheira não podia sem um sentimento de saudade e amargura recordar a atmosfera de Santiago nos dias efervescentes da Unidade Popular.

Hoje, a passividade das massas é uma realidade. Uma oligarquia britanizada, arrogante, olha para o povo como se este fosse a fauna de um parque zoológico produzida para o servir.

A alegria que o brasileiro, através de todos os vendavais que atingem o país, preserva desapareceu do Chile. Na terra de Lautaro e Recabarren o pinochetismo sem Pinochet aplica, sem encontrar grandes resistências, um projecto económico e social que aniquila o melhor da condição humana. O neoliberalismo

ortodoxo desfibrou o Chile. Grande parte da nação perdeu a memória.

A televisão - uma chusma de canais privados - consegue ser pior do que a brasileira. Incentiva o consumismo, divulga os produtos da subcultura norte-americana de exportação e glorifica os novos heróis nacionais: um tenista e dois futebolistas. Como difusora de ideologia, é muito modesto o seu papel. Essa tarefa, no Chile, cabe sobretudo ao diário "El Mercurio", o grande jornal de direita fundado pela família Edwards. Parece uma versão actualizada, perversa, do "Times" londrino do século XIX. Muito bem redigido, é o mais eficaz instrumento de defesa do projecto neoliberal. O seu moralismo farisaico não o impede, porém, de dedicar diariamente páginas às actividades mundanas da classe senhorial.

Como reage a *intelligentsia* ao pinochetismo sem Pinochet?

Mal. A atitude mais comum entre os intelectuais é o conformismo. A capitulação do PS - o partido de Allende - é por si só elucidativa dos fenómenos camaleónicos que se desenvolveram no mundo político.

Nas universidades particulares, o panorama também não é animador. Encontros que mantive com sociólogos e historiadores foram decepcionantes. De todos ouvi críticas ao actual regime e à estratégia da Concertación. Diziam-se à esquerda do Partido Comunista, mas questionados sobre a ausência de uma alternativa ao neoliberalismo, deixavam aflorar um anticomunismo endémico nas críticas feitas ao partido de Gladys Marin. Uma teorização estéril, mais voltada para o jogo político travado na área do poder do que para a contestação deste através de novas formas de luta, reflectia uma subestimação real da participação popular.

Sou, por temperamento e vocação, optimista. Mas o compromisso com a verdade, cada vez mais necessário nos tempos que correm, envolve para mim a recusa de atenuar as cores sombrias do quadro político e social chileno.

Na perspectiva do futuro próximo, a situação no Chile é mais desesperadora que a do Brasil. O país não está à beira de uma crise económica e financeira. Mas o povo perdeu a memória, a alegria e a confiança. No caldeirão brasileiro movimentam-se os Sem Terra, e o debate de ideias, intenso e inovador, desenvolve-se numa atmosfera de esperança.

O desastre chileno aparece-me, entretanto, carregado de ensinamentos úteis. O pinochetismo sem Pinochet faz do Chile

um laboratório para todos quantos, rejeitando o modelo neoliberal e as suas consequências desumanizantes, discurtem alternativas no combate ao pensamento único.

O preço pago pelos compromissos dos partidos da Concertación justifica uma reflexão muito profunda não apenas sobre a política de alianças do quadrante social-democrata, mas também sobre os acordos tácticos que implicam concessões ideológicas de fundo, por vezes de difícil previsão.

O problema que se colocava no Chile pós-ditadura não era o de recusar reformas graduais com o argumento de que seriam insuficientes. Tratava-se, sim, de examinar o conteúdo de cada uma das reformas possíveis e de rejeitar todas as que serviam exclusivamente a estratégia neoliberal. Ora as reformas avilvadas por antigos partidos da Unidade Popular responderam quase sempre aos interesses da economia capitalista. Enfraqueceram mais o movimento popular em vez de o fortalecer.

O Chile da viragem do milénio alerta-nos para a necessidade de não confundir nunca a linguagem do diálogo e a política de alianças com cedências inseparáveis de uma confiança ilusória no funcionamento do jogo institucional e da falsa democracia representativa.

O balanço da restauração democrática no Chile é dramaticamente negativo. O Partido de Salvador Allende, hoje comodamente instalado no Governo, adaptou-se às regras do jogo, renunciando a lutar pela implantação de novas regras do jogo. O povo chileno é a grande vítima da capitulação de uma grande parte da antiga esquerda.

Tortura da Rússia, dança dos capitais piratas, mais concentração nas grandes indústrias...

Verão quente para o capitalismo

■ Manoel de Lencastre

O que nos preencheu a semana, intensamente, já que as férias algarvias nos deixam desapontados, uma vez mais, perante a enorme confusão, o quase tumulto que reina em todos os lugares que o turismo demanda, foi a desintegração do sistema financeiro da «nova» Rússia. Trata-se, evidentemente, de uma desintegração entre muitas. Com as taxas de juro a 210% (a 13/8), o país de Ieltsin ficou a conhecer uma longa estrada sem fim já por muitos percorrida – desvalorizar? Não desvalorizar? Mas, se o problema fosse apenas esse...

Os grandes meios que definem a estratégia do capitalismo decidiram, há muito, que a Rússia deve continuar a ser torturada. Assim, em plena crise das finanças do Estado e perante o descalabro dos mercados, tinha sido decidido em Junho passado aprovar um empréstimo de 22,6 milhões de dólares que, segundo aqueles meios, estabilizaria a situação. Mas o FMI, que organizou o referido empréstimo, colocou condições quase impossíveis de cumprir, no imediato. Temem, como se compreende, que o dinheiro, à medida que vá chegando, logo desapareça. Por outro lado, a Duma foi de férias. O objectivo, afinal, era meramente psicológico e é por isso que o primeiro-ministro, Kirienko, diz, agora, não perceber o que se passa com o sistema económico-financeiro do país. E atribui a factores psicológicos o desfazer do sistema a que Ieltsin e ele próprio, com a ajuda de Chubais, presidem.

Estragar... estragar tudo

No momento em que escrevemos, não se vê como será possível arrancar mais dinheiro ao FMI que, aliás, não o possui, ou aos ministros das Finanças do chamado Grupo «G7». Mas os gerentes do capitalismo internacional conhecem muito bem o valor de uma promessa feita no momento exacto. Mandam Bill Clinton convocar uma conferência de imprensa e anunciar que vai ser preparado um novo empréstimo. Então, a desenfreada especulação atenua os seus ímpetos e a Rússia acredita, uma vez mais, nas belas palavras dos seus salvadores ocidentais. E Gorbachev, como é evidente, recebe ordens para calar a boca e não fazer comentários que possam estragar tudo. Aliás, o capitalismo sabe, perfeitamente, que a principal característica daquele que foi o último dirigente soviético é essa, precisamente: estragar tudo.

A realidade, porém, não é fácil de esconder. Grupos de bandidos, no controlo claro e absoluto dos circuitos por onde o capital passa, transferem para contas particulares no estrangeiro tanto os dinheiros nacionais como os dos empréstimos; o país tombou na mais profunda miséria, os mineiros e outros sectores da classe trabalhadora não são pagos há meses, às forças

armadas fornece-se alimentação própria para animais e a expectativa de vida para um russo normal é, agora, de 59 anos, apenas. Foi nesta conjuntura que surgiu o catastrófico anúncio feito pelo príncipe de todos os especuladores, George Soros, sugerindo que a desvalorização do rublo em 25% é coisa que já pertence ao campo das inevitabilidades. Os mercados financeiros internacionais acusaram, imediatamente, as consequências da declaração efectuada pelo homem que passa por ser o 27º mais rico da América e cujos rendimentos se estimam em 700 contos por minuto. Começou a queda dos valores cotados em quase todos os casinos mundiais e, monotonamente, assinalou-se que todas as importantes baixas provocadas pela 5ª feira negra de Moscovo não deveriam, passar, afinal, de simples correcções. Finalmente, a desvalorização confirmou-se há três dias. Os especuladores ficaram com a porta aberta para beberem mais o sangue da Rússia escrava.

Esta inspirada justificação, a das correcções originadas pelo próprio mercado e pelas misteriosas forças que o regulam

(?), levaram-nos a consultar estatísticas produzidas pelos banqueiros de investimentos *Morgan Stanley Capital International* que, naturalmente, não brincam em serviço, publicadas pelo *Wall Street Journal* (8/6/98). De acordo com essas estatísticas, os mercados financeiros em crise e de onde se espera a falência e não meras correcções são os seguintes: Brasil, Chile, Colômbia, Grécia, Hong Kong, Índia, Indonésia, Coreia do Sul, Malásia, México, Peru, Filipinas, Polónia, Rússia, Singapura, África do Sul, Taiwan, Tailândia e Turquia.

O sistema de especulação global, portanto, começou a preparar-se para as consequências do temporal que se avizinha. E, não dando ouvidos aos avisos do *Bank for International Settlements* (Banco de Regularizações Internacionais), que faz o papel de Banco Central de todos os Bancos Centrais, fez as suas contas e começou uma espectacular retirada estratégica. Ao levantar dos mercados asiáticos em 1997 e 1998 nada menos de 500 000 milhões de dólares mostrou o mais olímpico desdém pelas críticas do mencionado Banco e remeteu-se ao interior das suas ocidentais fortalezas. Naturalmente, isto não é capitalismo clássico. É banditismo internacional. Mas a diferença entre uma coisa e a outra é, quanto a nós, muitíssimo ténue.

A febre amarela das fusões

O capitalismo real, de cara menos suja, opera a outros níveis. Procura reforçar as suas bases, une-se, consolida-se. Continuam em aceleração à vista as fusões entre os maiores impérios. Nos últimos meses, assistimos à junção da Daimler-Benz com a Chrysler dando lugar à criação de um novo dinosauro industrial com o capital de 92 000 milhões de dólares. Passará a chamar-se Daimler-Chrysler Aktiengesellschaft onde a maioria de votos na respectiva Assembleia-Geral pertencerá aos antigos accionistas da firma alemã – 57%. O número de operários e empregados da nova empresa gigante é de 421 000. Cada um dos grupos agora associados administrará as respectivas fábricas, tal como já existem, mas as operações de compras serão imediatamente amalgamadas, na mira da realização de massivas economias.

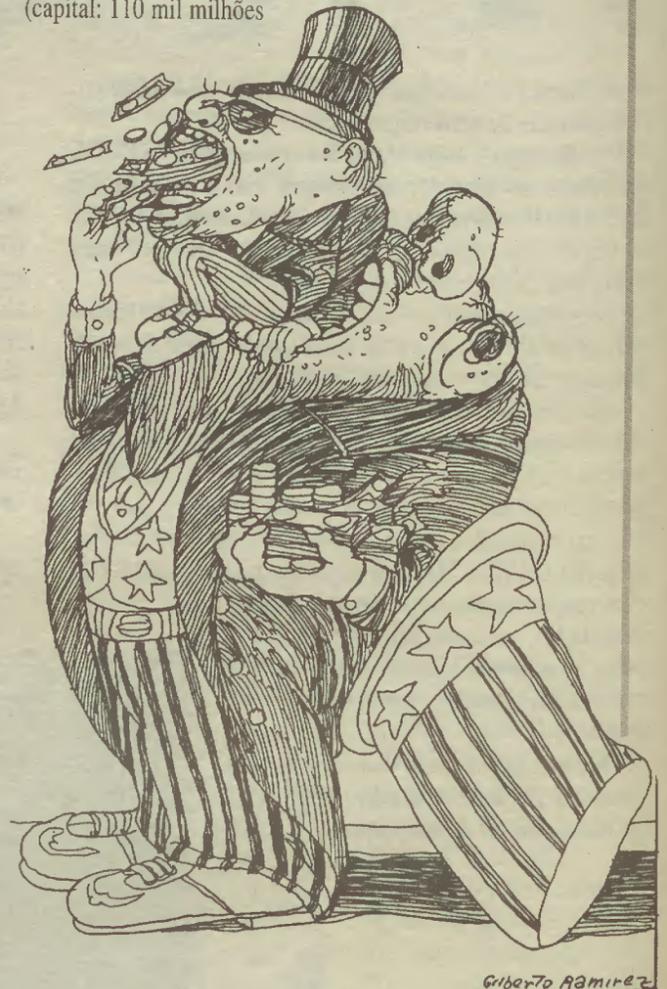
Muitos dos grandes e históricos nomes da indústria automóvel, que todos conhecemos mas não fazem parte desta lista, são os que a luta pela concretização da produção e pelos mercados já deixou pelo caminho.

Também os bancos americanos continuam a procurar diminuir os respectivos custos de operações. A grande resposta, portanto, é a amalgamação – um velho remédio para a doença de sempre. Verificámos, já durante o Verão corrente, a do Wells Fargo, de S. Francisco com o Norwest, de Moneapolis. O novo banco resultante desta fusão, chamar-se-á *Wells Fargo & Company* e passará a ser o 7º grupo bancário americano em termos de valores activos e o 4º na lista dos de maior capitalização de mercado. A febre das fusões na banca americana intensificou-se desde Abril. Assim, juntaram-se o *Citiporp* com o *Travelers Group* (capital: 70 000 milhões de dólares), o *Bank America* com o *Nations Bank* (capital: 60 000 milhões de dólares), o *BancOne*

com o *First Chicago NBD* (capital: 30 mil milhões). Só a tentativa de absorção do Mellon Bank pelo Bank of New York não foi bem sucedida. Mas sê-la-á, um dia...

Na liga «Premier»

A maior de todas as amalgamações, porém, acaba de verificar-se no sector dos petróleos. Com efeito, a BP (*British Petroleum*) ao chamar ao seu império a *AMACO* (americana), deu lugar à criação da segunda maior companhia de produção de petróleo em todo o mundo (capital: 110 mil milhões



Gilberto Ramirez

de dólares). Como é dos livros, enunciaram-se já despedimentos que atingirão 6000 trabalhadores do conjunto cujo efectivo é de 100 000. Mas esperam-se muitos mais. A queda dos preços do petróleo estrangula a Rússia, mas fez crescer a BP.

A BP resultou da velha e histórica *Anglo-Persian Oil Company*. Quando Winston Churchill era o Primeiro Lord do Almirantado, durante a I Guerra Mundial, tomou a decisão de adquirir 40% daquela companhia, em nome do governo britânico, pelo preço de 4 milhões de libras. As esquadras navais britânicas, nesse tempo, consumiam quantidades monumentais de gasolina e, daí, a decisão tomada. Mas a luta pelo desenvolvimento e pela aquisição de sempre mais importantes fatias da produção e do mercado não cessa. A BP, portanto, lançou-se no continente americano tomando consideráveis posições na respectiva indústria petrolífera.

Nestes termos, voltou-se para o antigo império do célebre John D. Rockefeller. Já comprara a *Standard Oil Company of Ohio* e esta *AMACO*, agora absorvida, não era outra se não a antiga *Standard Oil Company of Indiana*. Ficamos à espera, assim, do assalto final ao último dos redutos dos Rockefeller, a célebre *Standard Oil of New Jersey*, que passou a ser a *Esso* e se chama, agora, *Exxon*, a maior companhia americana do sector.

Principais fabricantes de veículos automóveis, segundo números respeitantes ao ano de 1997

1. General Motors	8,7 milhões de veículos produzidos
2. Ford Motor Company	6,9 »
3. Toyota	4,8 »
4. Volkswagen	4,2 »
5. Daimler-Chrysler	3,9 »
6. Fiat	2,8 »

Principais produtores de petróleo e gás (em termos de barris diários)

1. Royal Dutch Shell	3,66 milhões
2. B.P. AMOCO	2,88 »
3. Exxon	2,65 »
4. Mobil	1,68 »
5. Chevron	1,42 »
6. Texaco	1,19 »

TELEVISÃO

Quinta, 20

RTP 1

09.00 Infantil
10.35 A Banqueira do Povo
11.20 Malha de Intrigas
13.00 Jornal da Tarde
13.35 Polícias
14.30 Volta a Portugal
16.05 Surcouf, o Maior de Todos (de Sergio Hergonzelli, Fr./Esp./It./1966, com Gérard Barry, Antonella Lualdi, Aventuras)
18.00 Chiquititas
19.00 País País
19.35 Diário da Volta
20.00 Telejornal
20.45 Cais do Oriente
21.00 As Lições do Tonecas
21.35 Terra Mãe
22.35 Reportagem
23.50 24 Horas
00.55 A Secretária (de Pierre David, EUA/1994, com Mel Harris, Sheila Kelley, Barry Bostwick, James Russo. «Thriller»)

RTP 2

10.00 Espaço Expo'98
15.00 Informação Gestual
15.30 O Caminho das Estrelas
16.25 Atletismo - Campeonato da Europa
18.00 Informação Religiosa
18.30 Um, Dó, Li, Tá
19.40 Fudge
20.05 O Fantasma Escritor
20.10 Tudo em Família
20.40 Portugalmente
21.05 Murphy Brown
21.50 Jornal 2
22.35 Carrington (de Christopher Hampton, Gr.Br./1995, com Emma Thompson, Jonathan Pryce, Steven Waddington, Samuel West. Ver Destaque)
00.35 Space Shuttle

SIC

08.00 Buêrére
12.00 Malucos do Riso
12.30 Primeiro Jornal
13.30 O Juiz Decide

Sexta, 21

RTP 1

09.00 Infantil
10.35 A Banqueira do Povo
11.20 Malha de Intrigas
13.00 Jornal da Tarde
13.35 Polícias
14.25 Volta a Portugal
16.05 Com Jeito Vai... na Pândega (de Gerald Thomas, Gr.Br./1972, com Sidney James, Kenneth Williams. Comédia)
17.50 Chiquititas
19.00 País País
19.35 Diário da Volta
20.00 Telejornal
20.45 Cais do Oriente
21.10 Terra Mãe
22.00 Jogos sem Fronteiras
23.45 24 Horas
00.45 Máquinas
01.20 Double Dragon: O Filme (de James Yukich, EUA/1994, com Robert Patrick, Mark Dacascos, Scott Wolf, Julia Nickson. Aventuras)

RTP 2

10.00 Espaço Expo'98
15.00 Informação Gestual
15.30 O Caminho das Estrelas
16.25 Atletismo - Campeonato da Europa
18.00 Informação Religiosa
18.30 Um, Dó, Li, Tá
19.40 Fudge
20.05 O Fantasma Escritor
20.10 Tudo em Família
20.40 Portugalmente
21.05 O Riso ao Poder
22.00 Jornal 2
22.35 Caravaggio (de Derek Jarman, Gr.Br./1986, com Nigel Terry, Sean Bean, Gary Cooper, Dexter Fletcher, Spencer Leigh. Ver Destaque)
00.10 As Teias da Lei

SIC

08.00 Buêrére
12.00 Malucos do Riso
12.30 Primeiro Jornal

Sábado, 22

RTP 1

08.00 Infantil/Juvenil
12.15 Companhia dos Animais
13.00 Jornal da Tarde
13.30 Top +
14.30 Volta a Portugal
16.00 Simpsons
16.35 O Último Reduto da Natureza
17.15 Conan, o Guerreiro
18.10 Há Horas Felizes
20.00 Telejornal
20.50 Cais do Oriente
21.05 Nós, os Ricos
21.40 Em Nome da Justiça
22.20 86-60-86
23.20 24 Horas
00.15 Ligados pelo Sangue (de Taylor Hackford, EUA/1993, com Damian Chapa, Jesse Borrego, Benjamin Bratt. Drama)

RTP 2

08.00 Atletismo - Maratona Masculina (de Budapeste)
10.20 Caminhos
10.50 Scaramouche (de George Wilson, EUA/1952, com Stewart Granger, Eleanor Parker, Janet Leigh, Mel Ferrer, Henry Wilcoxon. Ver Destaque)
12.30 Faenas
12.55 Música Maestro - Música do Séc. XX
13.50 Viagens no Mundo
14.20 Sinais do Tempo
15.15 As Aventuras de Rocketeer (filme de animação de Joe Johnston, EUA/1991. Fantasia/Aventuras/Ação)
17.00 Desporto 2
19.40 Em Busca de Tarzan
20.35 Tenchi Muyo
21.05 Onda Curta («Charlie Chaplin: O Actor - Parte 1» - 1914, O Ano Keystone. Ver Destaque)
22.00 Jornal 2
22.35 O Lugar da História
23.30 A Mulher, o Corpo e o Espírito

Domingo, 23

RTP 1

08.00 Infantil/Juvenil
13.00 Jornal da Tarde
13.35 Made in Portugal
14.25 Volta a Portugal (últ. etapa)
16.00 King Fu
17.05 Emoções Fortes
17.50 Casa Cheia
18.30 Jet 7
20.00 Telejornal
20.50 Cais do Oriente
21.05 Assalto à Televisão
22.40 Millennium
23.40 Domingo Desportivo
00.55 24 Horas
01.35 Limites do Terror

RTP 2

08.00 Atletismo - Maratona Feminina (de Budapeste)
10.30 Missa
11.20 Novos Horizontes
11.50 Na Terra dos Crocodilos
12.45 Grandes Romances do Séc. XX
13.40 Jornal d'África
14.40 Longe (de Cristina Hauser, Port./1988, com Pedro Ayres de Magalhães, Susana Borges, José Wallenstein, Rui de Carvalho, Laura Soveral. Ver Destaque)
15.45 Desporto 2
18.50 Spice Girls
19.20 Bom Bordo
20.00 Artes e Letras - «Battle Over Citizen Kane» (1ª parte)
20.50 Passagem pelo Purgatório
22.00 Jornal 2
22.30 Horizontes da Memória
23.00 Teatro: «Othello»
01.15 Vidas do Século: «Stalin/Hitler - Ligações Perigosas»

SIC

08.30 Buêrére
11.55 BBC - Vida Selvagem
13.00 Primeiro Jornal
13.30 Joe Contra o Vulcão

Segunda, 24

RTP 1

09.00 Infantil
10.55 A Banqueira do Povo
11.55 Malha de Intrigas
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Polícias
14.35 Pátio da Fama
15.35 O Homem Lá de Casa
18.30 Jet 7
20.00 Telejornal
20.50 Cais do Oriente
21.05 Assalto à Televisão
22.40 Millennium
23.40 Domingo Desportivo
00.55 24 Horas
01.35 Limites do Terror



Para fazer (aos 24 anos!) «Citizen Kane», uma obra-prima absoluta do cinema, Orson Welles inspirou-se numa figura tentacular da imprensa de então, William Randolph Hearst, que lançou mão de todos os seus muitos meios e influências políticas para interditar o filme, que só 25 anos depois seria livremente exibido. É a história de mais essa longa batalha entre o pior e o melhor que existe na América que se conta no documentário a exibir Domingo às 20h na RTP2

22.55 Terra Mãe
23.55 Espiões de Classe
00.55 24 Horas
01.45 Águia de Ferro III (de John Glen, EUA/1992, com Louis Gossett, Jr., Rachel McLish, Christopher Cazenove. Acção)

RTP 2

10.00 Espaço Expo'98
15.00 Informação Gestual
15.30 O Caminho das Estrelas
16.20 Fora de Casa
16.25 Super Esquadra
17.20 Musical - Especial Lighthouse Family
18.00 Informação Religiosa
18.30 Um, Dó, Li, Tá
19.30 Fudge
19.55 O Fantasma Escritor
20.30 Tudo em Família
21.05 Sárihos com Elas
21.35 Remate
22.00 Jornal 2
22.50 Jornal Falado
23.50 Meteor (de Ronald Neame, EUA/1979, com Sean Connery, Natalie Wood, Karl Malden, Brian Keith, Henry Fonda. Ficção Científica/Catástrofe)
01.35 Duckman, o Trapalhão

SIC

08.00 Buêrére
12.00 Malucos do Riso
12.30 Primeiro Jornal
13.30 O Juiz Decide
14.30 Fátima Lopes
16.30 Vidas Cruzadas
17.40 Corpo Dourado
18.50 Era Uma Vez
20.00 Jornal da Noite
21.00 Torre de Babel
22.00 Roda de Milhões
24.00 Toda a Verdade
01.00 Último Jornal
01.35 Portugal Radical

TVI

10.10 Animação
13.30 TVI Jornal
14.15 Lágrimas de Mulher
15.00 Maria José
15.50 Caminhos Cruzados
16.45 Animação
18.10 A Bela e o Monstro
19.00 Nightman
20.00 As Novas Aventuras do Super-Homem
21.00 Directo XXI
22.00 Soldados da Justiça
23.00 Pecados da Noite
00.50 Seinfeld

Terça, 25

RTP 1

09.00 Infantil
10.55 A Banqueira do Povo
11.55 Malha de Intrigas
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Polícias
14.35 Pátio da Fama
15.35 Fuga para Atenas (de George Pan Cosmatos, EUA/1979, com Roger Moore, Telly Savalas, David Niven, Claudia Cardinale. Ver Destaque)
17.35 Chiquititas
19.00 País País
19.40 Fórmula 1 - A Decisão do Título
20.00 Telejornal
20.45 Cais do Oriente
21.00 Terra Mãe



Para fazer (aos 24 anos!) «Citizen Kane», uma obra-prima absoluta do cinema, Orson Welles inspirou-se numa figura tentacular da imprensa de então, William Randolph Hearst, que lançou mão de todos os seus muitos meios e influências políticas para interditar o filme, que só 25 anos depois seria livremente exibido. É a história de mais essa longa batalha entre o pior e o melhor que existe na América que se conta no documentário a exibir Domingo às 20h na RTP2

22.00 Férias de Verão
22.50 Diana, os Média e a Monarquia
23.55 Os Mensageiros de Moscovo
00.55 24 Horas
01.45 Rotações
02.20 O Fugitivo da Selva (de Peter Markle, EUA/1988, com Gene Hackman, Danny Glover, Jerry Reed, David Marshall Grant. Guerra)

RTP 2

10.00 Espaço Expo'98
15.00 Informação Gestual
15.30 O Caminho das Estrelas
16.25 Super Esquadra
17.20 Musical - Especial Lighthouse Family
18.00 Informação Religiosa
18.30 Um, Dó, Li, Tá
19.30 Fudge
19.55 O Fantasma Escritor
20.30 Tudo em Família
21.05 A Bela Farda Azul
22.00 Jornal 2
22.50 Outland - Atmosfera Zero (de Peter Hyams, EUA/1981, com Sean Connery, Peter Boyle, Frances Sternhagen, James B. Sikking. Ver Destaque)
00.25 Encontros Imediatos

SIC

08.00 Buêrére
12.00 Malucos do Riso
12.30 Primeiro Jornal
13.30 O Juiz Decide
14.30 Fátima Lopes
16.30 Vidas Cruzadas
17.40 Corpo Dourado
18.50 Era Uma Vez
20.00 Jornal da Noite
21.00 Imagens Reais
22.00 Torre de Babel
23.20 O Homem da Meia-Noite (de John Weidner, EUA/1995, com Lorenzo Lamas, James Callahan, Diane Dilarco. Artes Marciais)
01.20 Último Jornal
01.55 Cuidado com as Aparências
03.25 Vibrações

TVI

10.10 Animação
13.30 TVI Jornal
14.15 Lágrimas de Mulher
15.00 Maria José
15.50 Caminhos Cruzados
16.45 Animação
18.10 A Bela e o Monstro
19.00 Pretender
20.00 As Novas Aventuras do Super-Homem
21.00 Directo XXI
22.00 Casos de Arquivo
23.00 Pecados da Noite
01.00 Seinfeld
01.30 Ponto Final

Quarta, 26

RTP 1

08.00 Infantil
10.35 A Banqueira do Povo
11.20 Malha de Intrigas
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Polícias
14.25 Pátio da Fama
15.55 Meu Pai (de Gary David Goldberg, EUA/1989, com Jack Lemmon, Ted Danson, Olympia Dukakis, Kathy Baker, Kevin Spacey. Drama)
17.55 Futebol: Beitar-Benfica
20.00 Telejornal
20.45 Cais do Oriente
21.00 TV Verdade
21.35 Terra Mãe
22.35 Os Suspeitos do Costume (de Bryan Singer, EUA/1995, com



Para fazer (aos 24 anos!) «Citizen Kane», uma obra-prima absoluta do cinema, Orson Welles inspirou-se numa figura tentacular da imprensa de então, William Randolph Hearst, que lançou mão de todos os seus muitos meios e influências políticas para interditar o filme, que só 25 anos depois seria livremente exibido. É a história de mais essa longa batalha entre o pior e o melhor que existe na América que se conta no documentário a exibir Domingo às 20h na RTP2

Stephen Baldwin, Gabriel Byrne, Chazz Palminteri, Kevin Pollak, Kevin Spacey. Ver Destaque)
00.40 24 Horas
01.30 A Noiva Desaparecida (de Laurence C. Postma, EUA/1992, com Leslie Grantham, Zia Mohyeddin. «Thriller»/Telefilme)

RTP 2

10.00 Espaço Expo'98
15.00 Informação Gestual
15.30 O Caminho das Estrelas
16.25 Super Esquadra
18.00 Informação Religiosa
18.30 Um, Dó, Li, Tá
19.30 Fudge
20.30 Tudo em Família
21.05 Simpsons
21.35 Remate
22.00 Jornal 2
22.35 Os Ladrões do Tempo (de Terry Gilliam, Gr.Br./1981, com John Cleese, Sean Connery, Shelley Duvall, Katherine Helmond, Ian Holm, Michael Palin, Ralph Richardson. Ver Destaque)
00.30 Musical: Pretenders

SIC

08.00 Buêrére
12.00 Malucos do Riso
12.30 Primeiro Jornal
13.30 O Juiz Decide
14.30 Fátima Lopes
16.30 Vidas Cruzadas
17.40 Corpo Dourado
18.50 Era Uma Vez
20.00 Jornal da Noite
21.00 Torre de Babel
22.00 Furor
23.15 Casos de Polícia
00.20 Último Jornal
00.55 Conversas Secretas
02.25 Vibrações

TVI

10.10 Animação
13.30 TVI Jornal
14.15 Lágrimas de Mulher
15.00 Maria José
15.50 Caminhos Cruzados
16.45 Animação
18.10 A Bela e o Monstro
19.00 Pretender
20.00 As Novas Aventuras do Super-Homem
21.00 Directo XXI
22.00 Tal Pai, Tal Filho
23.20 Tão Longe, Tão Perto (de Terry Gilliam, Gr.Br./1981, com John Cleese, Sean Connery, Shelley Duvall, Katherine Helmond, Ian Holm, Michael Palin, Ralph Richardson. Ver Destaque)
00.35 Seinfeld
01.10 Lanterna Mágica
01.40 Ponto Final



As relações entre a música e a pintura na música do final do séc. XIX - de Stravinsky a Debussy -, para «ver» sábado em «Música Maestro»

14.30 Fátima Lopes
16.30 Vidas Cruzadas
17.40 Corpo Dourado
18.50 Era Uma Vez
20.00 Jornal da Noite
21.00 Malucos do Riso
21.30 Torre de Babel
22.30 A Última Chance
23.40 Tess D'Urbervilles
01.10 Último Jornal
01.45 Flash
03.15 Vibrações

TVI

10.10 Animação
13.30 TVI Jornal
14.15 Lágrimas de Mulher
15.05 Maria José
15.50 Caminhos Cruzados
16.45 Animação
18.10 A Bela e o Monstro
19.00 Nightman
20.00 As Novas Aventuras do Super-Homem
21.00 Directo XXI
22.00 Meia Noite e Um
23.00 Relógio Humano (de Jim McBride, EUA/1997, com Timothy Hutton, Suzy Amis, John Glover. Drama)
01.30 Seinfeld
02.00 Ponto Final

13.30 O Juiz Decide
14.30 Fátima Lopes
16.30 Vidas Cruzadas
17.40 Corpo Dourado
18.50 Era Uma Vez
20.00 Jornal da Noite
21.00 Bom Baía
21.30 Ponto de Encontro
22.40 Torre de Babel
23.40 Um Homem Inocente (de Peter Yates, EUA/1989, com Tom Selleck, P. Murray Abraham, Laila Robbins. Policial)
01.30 A Vingança Serve-se Quente (de Kevin Conner, EUA/1993, com Peter Weller, Loru Singer, Stacy Keach. Policial)
03.30 Último Jornal

TVI

10.10 Animação
13.30 TVI Jornal
14.20 Lágrimas de Mulher
15.05 Maria José
15.50 Caminhos Cruzados
16.45 Animação
18.10 A Bela e o Monstro
19.00 Nightman
20.00 As Novas Aventuras do Super-Homem
21.00 Directo XXI
22.00 As Teias da Mafia
23.00 A Esquadra de Brooklyn
24.00 Pânico no Céu (de Paul Ziller, EUA/1996, com Kate Jackson, Ed Marinaro, Erik Estrada, Maureen McCormick. Catástrofe)
02.00 Seinfeld
02.30 Ponto Final

Outra obra de todos os tempos, «Othello», que Shakespeare escreveu para a sua própria companhia, objecto de encenações sem conta ao longo de três séculos: domingo passa na RTP2, às 23h, a de Trevor Nunn para a Royal Shakespeare Company, com William White em Othello, considera-a ela própria também uma obra-prima



(de Gilles Carle, Can./1976, com Carole Laure, Renée Girard, Raymond Cloutier. Drama)
01.20 A Ciência do Sexo

SIC

08.00 Buêrére
11.55 O Nosso Mundo
13.00 Primeiro Jornal
13.30 Pepsi Chart
14.30 Avalanche no Alasca (de Paul Shapiro, EUA/1994, com David Hasselhof, Michael Fross, Deanna Milligan. Acção)
16.00 Xena
17.00 Walker
18.00 Futebol: Benfica-Estrela Amadora
20.00 Jornal da Noite
21.00 Mundo VIP
21.30 Big Show Sic
00.50 Último Jornal
01.25 Desejo de Glória (de Ron Shelton, EUA/1994, com Tommy Lee Jones, Robert Wuhl, Lolita Davidovich, Ned Bellamy. Desporto/Biográfico)

TVI

10.00 Animação
13.35 Contra-Ataque
15.00 Feedback
15.40 Os Julgamentos de Rosie O'Neil
16.35 Competente e Descarada (de Richard Pearce, EUA/1990, com Sissy Spacek, Whoopi Goldberg, Dwight Schultz. Ver Destaque)
19.00 Aventuras no Pacífico
20.00 Flipper
21.00 Directo XXI
22.00 Reencontro com o Passado (de Waris Hussein, EUA/1995, com Kellie Martin, Sharon Lawrence, Edward Herrmann. Drama)
24.00 Caminhos Errados (de Jim McBride, EUA/1992, com Rosanna Arquette, Kevin Anderson, John Lightgow, Robert Harper. Drama)

(de John Patrick Shanley, EUA/1990, com Tom Hanks, Meg Ryan, Robert Stack, Lloyd Bridges. Fantasia)
15.40 A Ilha Misteriosa
16.50 Stargate
18.00 A Aventura de Poseidon (de Ronald Neame, EUA/1972, com Gene Hackman, Ernest Borgnine, Shelley Winters. Catástrofe)
20.00 Jornal da Noite
20.50 Camilo na Prisão
21.20 Ficheiros Clínicos
22.20 A Vingança de Porky (de James Komack, EUA/1985, com Dan Monahan, Wyatt Knight, Kari Hunter. Comédia)
00.30 Último Jornal
01.00 Trovão Azul

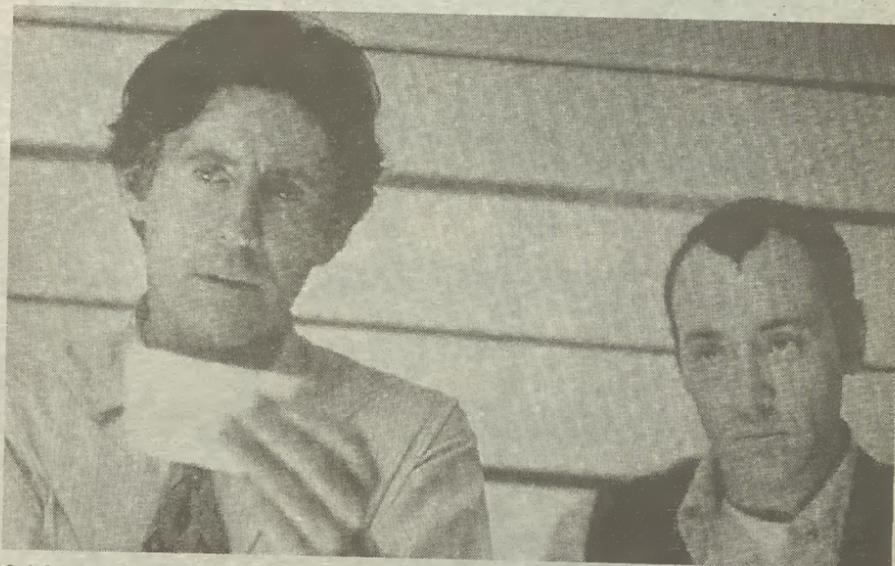
TVI

10.00 Animação
10.30 Novos Ventos
11.00 Missa
13.00 Portugal Português
14.00 Geo: Os Olhos do Mundo
15.10 Hospital Universitário
16.30 Competente e Descarada
17.00 Uma Sombra entre Nós (de Elise Swerhone, EUA/1996, com Elisabeth Rosen, Gabrielle Rose, Barry Flanagan. Drama)
19.00 A Lenda de Guilherme Tell
20.00 Flipper
21.00 Directo XXI
22.00 Causa Justa
23.00 Destruição Intencional (de John Patterson, EUA/1993, com Tim Matheson, Emma Samms, Robert Pastorelli. Drama)
01.00 A Magia do Cinema

TELEVISÃO



Um fotograma de «Carrington», um filme de Christopher Hampton, com Emma Thompson e Jonathan Price



Gabriel Byrne e Kevin Spacey, dois dos principais intérpretes de «Os Suspeitos do Costume», de Bryan Singer

Por isto e por aquilo...

Carrington

(Quinta, 22.40, RTP2)

Notavelmente interpretado por Emma Thompson e Jonathan Price nos papéis principais, o filme conta-nos numa reconstituição de época admirável e em imagens de grande sensibilidade e beleza a paixão platónica durante 17 anos vivida entre o escritor Lytton Strachey e a pintora Dora Carrington, ambos homossexuais, numa invulgar história de amor realizada com grande delicadeza por Christopher Hampton. Prémio Especial do Júri e Prémio para o Melhor Intérprete Masculino no Festival de Cannes de 95.

Caravaggio

(Sexta, 22.40, RTP2)

Tal como o tratamento da luz se revelou revolucionário no tempo de Caravaggio, também a luminosidade deste filme nos devolve com grande esplendor a história da vida deste pintor, desde os tempos de miséria até ao convívio com os meios mais abastados. Interpretação de Nigel Terry e Sean Bean para uma realização sumptuosa do britânico Derek Jarman.

Scaramouche

(Sábado, 10.30, RTP2)

Segunda adaptação ao cinema do famoso romance de Rafael Sabatini, trata-se de uma produção luxuosa e cheia de humor, com uma excelente distribuição de intérpretes, e em que a cena do duelo (pela sua invulgar extensão e espectacularidade) é, sem dúvida, a mais bela na História do Cinema, tornando o

mesmo realizado nos anos 90, a forma escolhida para contar a história tenha sido a narração off a cargo da filha (branca) do casal (branco), o que só pode ser entendido como um contributo para o tornar aceitável pelos espectadores pertencentes a essa comunidade maioritária...

Onda Curta: «Charlie Chaplin: O Actor - Parte 1»

(Sábado, 21.05, RTP2)

Começa hoje a transmissão de uma série de filmes ainda dirigidos por Mack Sennett para a Keystone com Chaplin como actor principal. Curtas-metragens como: Charlot Repórter, Corridas de Automóveis, Mabel em Maus Lençóis, Charlot e o Guarda-Chuva ou Charlot no Cinematógrafo. A não perder.

Longe

(Domingo, 14.40, RTP2)

«Longe» é uma média-metragem produzida para a RTP e integrada na série «TV Fados» da autoria de Cristina Hauser, que Manoel de Oliveira revelou como actriz em «Amor de Perdição». Hauser volta a construir, com brio e segurança, envolventes atmosferas melancólicas num filme elíptico, que conta com Pedro Ayres de Magalhães e Susana Borges, igualmente co-argumentista, nos principais papéis.» É o que pode ler-se no Boletim de Programação da RTP.

Fuga Para Atenas

(Terça, 15.35, RTP1)

O elenco (ver Programação) faria imediatamente pensar em filmes de aventuras, mais ou menos em forma de comédia, com roubos de jóias passados em meios sofisticados e com o título a revelar um tom «exótico». Mas, neste caso, os indícios não batem certo, já que se trata de uma aventura, sim, mas a do planeamento de uma arriscada fuga para Atenas levada a cabo por um grupo de prisioneiros de um campo de concentração durante a II Grande Guerra. Para suspender a respiração e entreter. Mas, também, para sorrir, já que contém momentos de algum humor.

Outland - Atmosfera Zero

(Terça, 22.40, RTP2)

Na lua vulcânica de Júpiter 10, um marshal da polícia descobre uma série de histórias de corrupção à volta de uma mina protagonizadas pelo chefe dos mineiros que os droga a fim de estes trabalhem duramente até ao esgotamento e provocando confrontos mortais entre eles. Numa citação do clássico O Comboio Apitou Trés Vezes, Gene Hackman veste a pele de um Gary Cooper do século XXI, numa luta solitária contra o criminoso e seus capangas. Mas o filme, embora habilmente realizado, está cheio de imagens e cenas altamente chocantes.

Os Suspeitos do Costume

(Quarta, 22.35, RTP1)

Contado no habitual processo de flashback, o filme começa por nos dar conta de uma explosão que destrói por completo um carregamento de armas e um agente da polícia apenas pode contar com o testemunho de um pequeno criminoso sendo que, após o longo e complexo relato deste, cinco suspeitos são presos pela polícia. Tudo começa assim, mas primeiro que

acabe... É que o argumento é tão retorcido (veja-se o absurdo final) e a realização tão subjugada a ele que, se não fossem as espantosas interpretações dos principais actores (ver Programação), o filme nem mereceria aqui ser mencionado.

Os Ladrões do Tempo

(Quarta, 22.40, RTP2)

Com Ian Holm como Napoleão, John Cleese como Robin dos Bosques, Sean Connery como Aga-

memnon e David Warner senhor de um nariz à Nixon e como que saído de uma caricatura de David Levine - Os Ladrões do Tempo é uma comédia fantástica saída da pena de dois membros da trupe Monty Python, Michael Palin e Terry Gilliam, que também realizou. Um rapazinho inglês vê-se transportado no tempo por seis anões que haviam roubado o mapa dos «buracos do tempo» ao Ser Supremo, interpretado por Ralph Richardson... Uma brincadeira para crianças e adultos, que diverte e faz rir.

CABO & SATÉLITE



Esperanças portuguesas no Europeu de Atletismo



Continuam as transmissões das provas incluídas nos **Campeonatos Europeus de Atletismo** que nestes dias (e até Domingo) se realizam em Budapeste (Hungria). Naturalmente, as transmissões directas e diferidas destes campeonatos são mais prolongadas no **Eurosport** do que na **RTP 2**, embora curiosamente se verifique o inverso durante o fim-de-semana, precisamente quando as provas são mais «a doer». Enfim, em qualquer dos casos, tem aqui nos dias úteis uma alternativa para confirmar se os atletas favoritos portugueses confirmaram as esperanças.
(Eurosport: Quinta - 11 às 13; 14 às 20.30; 21 às 23 horas; Sexta - 11 às 12; 15.30 às 20.30; 21 às 22.30 horas; Sábado - 11 às 12, 20.30 às 22.30; Domingo - 15.30 às 16.30; 21.30 às 22.30)

legendas em português. O segundo, no **TNT**, é o famoso «A Linda Ditadora», com Esther Williams e Gene Kelly e é um clássico musical de Busby Berkeley. Versão original sem legendas ou com legendas em inglês.
(Hollywood, Terça, das 22 às 24 horas; TNT, Quarta, das 21 às 23 horas)

Música clássica e moderna no Muzzik

Os amantes de música contemporânea não devem perder a emissão da próxima segunda-feira no **Muzzik** inteiramente dedicada ao compositor húngaro **Bela Bartok**, durante a qual serão transmitidos, em vários horários, documentários sobre a sua vida e personalidade e obras como «O Castelo do Barba-Azul» ou o **Concerto Para Orquestra**; se, pelo contrário, o interesse for pela música



John Cleese na pele de Robin dos Bosques, em «Os Ladrões do Tempo», de Terry Gilliam

filme um clássico do género. Com Stewart Granger e Eleanor Parker nos principais papéis.

Caminho Para a Vitória

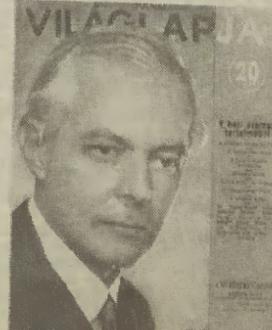
(Sábado, 17.00, TVI)

Esta é a história de duas mulheres - uma branca, outra negra - confrontadas na sua relação de patroa e empregada mas também ligadas por um incidente que marcou a História dos conflitos sociais e raciais nos EUA: o caso de discriminação racial de que foi vítima a cidadã negra Rosa Parks e que conduziu, em 1955, ao célebre movimento de boicote ao transporte em autocarros levado a cabo pela população negra de Montgomery, Alabama, e encabeçado por Martin Luther King. Tendo como pano de fundo este caso verídico, o realizador Richard Pearce debruça-se sobre o reflexo do conflito na vida de um casal branco - conseguindo erguer um filme que, cheio das melhores intenções, denuncia uma das épocas mais trágicas da sociedade norte-americana. Duas observações se impõem, entretanto: se, por um lado, seria impensável que um tal filme pudesse ser aceite pelo «sistema», pela «indústria», há 20/30 anos, também não deixa de ser sintomático que,



Filmes no Hollywood e no TNT

Se ainda não viu, aproveite para ver dois clássicos de géneros diferentes na **TV Cabo**. O primeiro, no **Hollywood**, intitula-se «O Último Hurrah», é um drama político realizado por mestre **John Ford** e tem como principais intérpretes **Spencer Tracy** e **Jeffrey Hunter**, numa distribuição de grandes actores veteranos. Com



clássica romântica, então na terça-feira será a vez de uma emissão dedicada a **Tchaikowsky** com a **Sinfonia nº 2**, o **Concerto para Violino e Orquestra** ou o **Concerto para Piano e Orquestra nº 2**.
(Muzzik, Segunda, todo o dia; Terça, todo o dia)





Televisão online

À falta de assunto verdadeiramente atraente numa programação de Verão demasiado fútil e em geral desinteressante - com a possível excepção da transmissão de novas criações de «Um Eléctrico Chamado Desejo» e de «O Rei Lear» levada a cabo pela SIC mas realizada em horário mais do que impróprio - pareceu-me desta vez oportuno ensaiar outro caminho e deixar aqui, desde já, algumas pistas para que o potencial espectador de televisão (que também tenha acesso à Internet) melhor possa organizar o seu tempo através da consulta das várias programações dos canais com páginas e sites na Rede. Isto na perspectiva de, dentro de dias, acabadas as férias e regressados os hábitos televisivos do quotidiano outonal e invernal, esse espectador poder determinar, regular e antecipadamente, o que pretende ver em meio de uma oferta que nos últimos tempos cresceu de forma significativa com a introdução da *televisão por cabo*.

Ora acontece que, com maior ou menor imaginação gráfica, os conteúdos *online* das principais cadeias de televisão não variam de forma significativa, conforme é patente em alguns exemplos que escolhi para hoje. Começando pelas portuguesas, um justo destaque inicial deve ir para a pioneira TVI (<http://www.tvi.pt>) que, desde a primeira hora, assegurou uma informação atempada nas suas páginas, com atenções especiais dedicadas à série de culto «Ficheiros Secretos - X Files» ou ao programa de informação «Directo XXI». Quanto à RTP (<http://www.rtp.pt>), foi sensível nos últimos tempos a melhoria do seu site, através de um grafismo mais atraente e de um sistema de navegação relativamente eficaz, sendo possível percorrer páginas dedicadas aos Canais 1 e 2, à RTP Internacional, à RTP África ou mesmo a uma reprodução do Teletexto. Entretanto, para além de algum cuidado (mais promocional do que valorizador de conteúdos) posto nos destaques da programação, ainda muito está por fazer neste campo, designadamente em termos de actualização, já que, por exemplo, em relação aos filmes, nenhum desenvolvimento ainda estava disponível no início desta semana para a programação da semana de 24 a 30.

Em termos de qualidade gráfica e organização informativa, sem dúvida que a BBC ou o Arte levam a palma à generalidade da concorrência. No caso da primeira, vale a pena fazer uma visita à página de abertura (em <http://www.bbc.co.uk>) só para se começar a ter

uma pequena ideia das cerca de 200 páginas (!) em que o serviço público de TV britânico dividiu a sua informação *online*. Mas para os canais disponíveis em Portugal, o espectador deverá dirigir-se preferencialmente a <http://www.bbc.co.uk.schedules> para depois escolher a BBC Prime ou a BBC World e as pormenorizadas programações diárias. No caso da segunda (localizada em <http://www.sdv.fr/artel/>), será sem dúvida útil consultar os amplos resumos que o canal faz dos seus principais programas, bem como informar-se previamente sobre os conteúdos das famosas *noites temáticas* ou dos recheados e desenvolvidos arquivos digitais.

Para os dois canais exclusivamente dedicados à transmissão de filmes (TNT e Hollywood), os caminhos aconselháveis são, respectivamente, <http://www.tnt.turner.com/movies/tntmovies/nav.html> e <http://www.multinacaltps.com/prespo.htm>; mas é preciso ter em atenção que os horários do primeiro se referem ao território dos EUA (Costa Este e Oeste) e os do segundo, elaborados para a hora espanhola, devem ser diminuídos em sessenta minutos, para a hora portuguesa. Aliás, aquele último endereço refere-se a um site mais amplo (na sua versão portuguesa) que tem ainda ligações aos sites de outros canais acessíveis entre nós, como o Sol (com destaques do mês), o Panda ou o Odisseia.

Também especialmente redigido em português e dedicado aos amantes da Natureza, das reportagens de viagens e a outros domínios do documentário televisivo é o site do canal Discovery, cujo endereço, bem extenso, se localiza em <http://www.discovery.com/diginets/international/iberia2/iberia2.html>. Um site de navegação desenvolta, com destaques úteis (ausentes das revistas da especialidade) e um pouco mais desenvolvidos dos que constam de outro site relativo a um canal da mesma área: o Travel (inglês), que poderá ser encontrado em <http://www.travel.cha.nnel.co.uk/>.

Finalmente, sempre tendo em consideração a «inevitabilidade» da orientação ideológica de sentido único que, de forma avassaladora, marca o carácter da informação respectiva, temos os sites administrados pelos chamados «canais de notícias», como a americana CNN (em <http://europe.cnn.com>, portanto, sem www) ou o britânico Sky News (em <http://www.sky.co.uk/news/index.htm>).

Boa viagem!

TVISTO

Francisco Costa

Palavras

e Cromos



Urbano Tavares Rodrigues

O Espelho de Armindo - Um Escritor Recorda-se

Tal qual o vimos escrever, lutar e esbravejar, ele aí está - Armindo Rodrigues, poeta, médico, revolucionário, amante da língua portuguesa, questionador da existência e do mundo, vivendo e morrendo orgulhosamente pobre - no livro de memórias que nos deixou: **Um Escritor Recorda-se**.

Atravessou o século XX e acompanhou várias gerações de ideólogos, pensadores, homens de acção. Era generoso, capaz de ternura, combativo, pronto a bater-se por uma grande causa ou por uma vírgula, de rasgos heróicos e de tenazes rancores. Foi comunista convicto e devotado.

David Mourão-Ferreira, seu amigo, soube ver nele o lírico talentoso do *Romanceiro* (1943), de *Em cada instante cabe o mundo* (1945), de *Retrato de Mulher*, admirável canto do amor monogâmico (1950); de tantos outros livros da sua obra torrencial. José Saramago definiu-o lapidarmente como o «Poeta Perguntador», numa bela antologia, em que chamou a atenção para o modo reiterado como Armindo Rodrigues tudo problematizava, inquirindo sempre a complexa relojoaria do mundo. Recriou um Alentejo de pobreza lunar, cavalos e ciganos em *Romanceiro*.

Nos seus poemas ardeu sempre a esperança.

Em *Um Escritor Confessa-se*, Armindo evoca as suas origens, o Alentejo de Estremoz, os verdes campos, a luz, as ombreiras das casas e as suas soleiras, o cheiro do barro, as primeiras leituras, entre elas *O Bobo*, de Herculano, o tempo da Faculdade de Medicina e das pelezas académicas; faz o elogio de Afonso Costa e o esboço carregado de Sidónio Pais. É um livro acronológico, com grandes saltos. Ora nele deparamos com as experiências do fazer poético ora com as figuras dos revolucionários que Armindo conheceu na esquadra do páteo de Dom Fradique, ao Alto de S. João, e depois no Aljube, em Caxias, as aulas que deu aos companheiros de cárcere, sobre materialismo histórico e dialéctico. Ora lembra a revolta da Madeira, ora fala dos seus afectos literários, como Mário Beirão, e dos seus companheiros constantes José Gomes Ferreira e Rodrigues Miguéis. E de Vasco da Gama Fernandes.

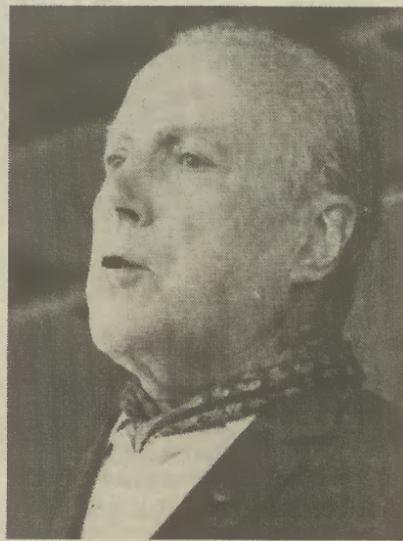
Pinta a máscara de Salazar, evoca a Guerra de Espanha e os combatentes portugueses Mário e Manuel Reis, o médico Câmara Pires, que esteve na batalha de Teruel e foi fuzilado pelos fascistas. Cita António Machado, Rafael Alberti e García Lorca, cuja poesia popular e mágica tanto o marcou e valoriza a sua pedagogia estética e política.

É uma obra cheia de interesse e por vezes envolvente, com certa acrimónia mesmo na apresentação de correligionários. O Armindo era assim, excessivo, com puas à vista e flores escondidas.

Desfilam pelas suas páginas não só os nomes e as palavras dos mestres e amigos que venerou ou tratou por tu - o Gogol, o Tolstói, o Ivan Bunine, o nosso Manuel da Fonseca -, mas também cenas com valor histórico, da época da guerra de 1945, do MUD, das campanhas de combate à

ditadura. Estão presentes Mário Dionísio, crítico do neo-realismo; as livrarias do Chiado e a vida literária; o Café Portugal, Carlos Amaro, José de Bragança, Heliodoro Caldeira, Casais Monteiro, Abel Manta, Domingos Monteiro, Jorge de Sena, que muito apreciava a poesia de Armindo.

Há vários bosquejos de momentos significativos, com referências valiosas: a vitória dos aliados em 45, o episódio das listas, o julgamento e condenação de Álvaro Cunhal em 1950, a atitude de Avelino Cunhal, abandonando a Ordem dos Advogados.



Armindo Rodrigues, que foi médico de gente pobre e de escritores com quem se dava, conta, sem se vangloriar, algumas cenas da sua austera e solidária vida profissional.

Aquilino Ribeiro, Piteira Santos, Raul Rego, Luiz Francisco Rebello e outras personalidades da vida cultural e política surgem aqui e além em recordações preciosas para o inventário de um período tão rico de luta antifascista e de produção literária com espírito de resistência. Vêm à baila grandes nomes do neo-realismo, como João José Cachofel, Carlos de Oliveira, Joaquim Namorado, Redol, as capas de livros pintadas por Júlio Pomar e Manuel Ribeiro de Pavia. E as eleições de 58, Arlindo Vicente, Delgado, o grande alevente popular, a conferência de imprensa no Chave d'Ouro. A idiossincracia de Armindo Rodrigues, o seu gosto pessoal, que o impedem de sentir a beleza delicada da poesia de Cachofel, levam-no em compensação a prestar justa homenagem a grandes homens da Oposição, pensadores, historiadores, investigadores como Jaime Cortesão, Raul Proença, António Sérgio, Câmara Reis, Rodrigues Lapa; e sempre, para lá de irrisórias questiúnculas, a sua fidelidade ao Partido Comunista, ao seu passado e ao seu presente como instrumento para a transformação do mundo. A partir de certa altura, Armindo Rodrigues fez do Partido a sua casa e a sua vida.

Outra grande fidelidade: desde a primeira página à última deste livro surgem as duas mulheres que ele tanto amou: Maria Emília, a formosa e doce companheira, tão serena, e sua filha, Maria Emília Monjardino.

Timor

Rectificação - Uma vez mais, e desta feita por deficiente transcrição do texto que o nosso colaborador e amigo Manuel de Melo nos enviou sobre **Timor** e que nesta página publicámos na passada semana, duas gralhas se introduziram na prosa. Pela gravidade que assumem, aqui vai a rectificação. Assim, na 2ª coluna, nas linhas 41-42, onde aparece «território que lhe pertence», é óbvio que deve escrever-se «território que lhe não pertence», visto que se fala de Timor que não pertence à Indonésia. A segunda gralha, na mesma coluna, nas linhas 14-15: deve ler-se **contendor**, em vez de contentor.

Ao autor e aos leitores, as nossas desculpas.

ESCAPARATE

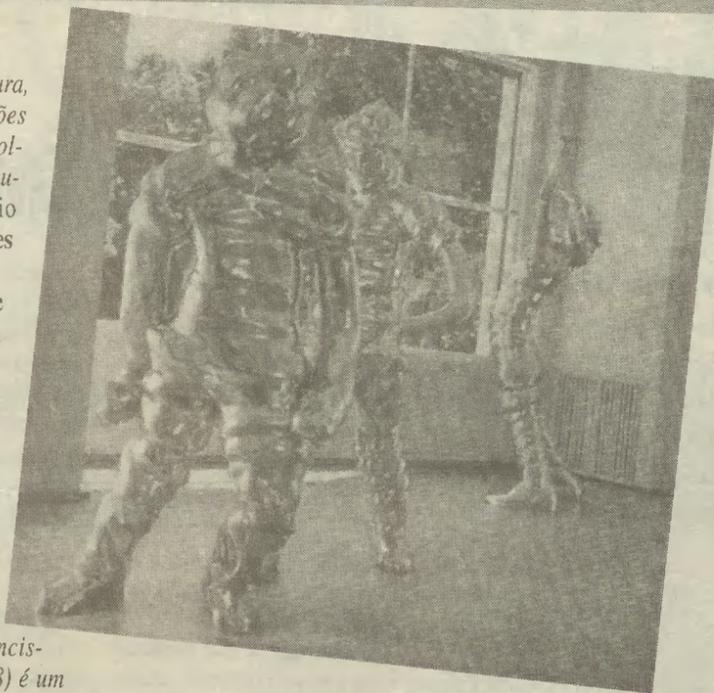
EXPOSIÇÕES

Uma visita a Serralves

Se habitar no Norte do País ou se estiver de passagem em férias por aquelas belas paragens, não deixe de visitar no Porto as esplêndidas instalações da **Fundação de Serralves**, e, por exemplo, visitar algumas das exposições actualmente patentes ao público. Assim, por exemplo, poderá ver até 6 de Setembro uma mostra de obras do escultor **Thomas Schütte**. Segundo o texto de apresentação desta exposição, «a escultura deste artista (Oldenburg, Alemanha, 1954) desenvolve-se através de vocabulários e técnicas que revelam de uma variedade de disciplinas, entre as quais se destacam a arquitectura e o teatro, a escultura figurativa e o desenho. As suas obras representam uma pesquisa multifacetada de vários modelos:

maquetas de arquitectura, memoriais e encenações de espaços, bustos moldados e estatuária monumental». O comissário desta exposição é **James Lingwood**.

Outra exposição que poderá ser visitada na **Fundação de Serralves**, igualmente até 6 de Setembro, é a de obras de **Francisco Tropa**, comissariada por **João Fernandes**. A propósito desta exposição, pode ler-se no texto de apresentação: «Francisco Tropa (Lisboa, 1968) é um dos mais originais jovens artistas portugueses. Os projectos deste artista questionam a natureza do processo



artístico na sua relação com o lugar, a natureza e os seus elementos. O objecto artístico é desmaterializado em proces-

sos que apelam intensamente à concentração e experimentação sensoriais por parte do espectador.»



... e o Barreiro aqui tão perto

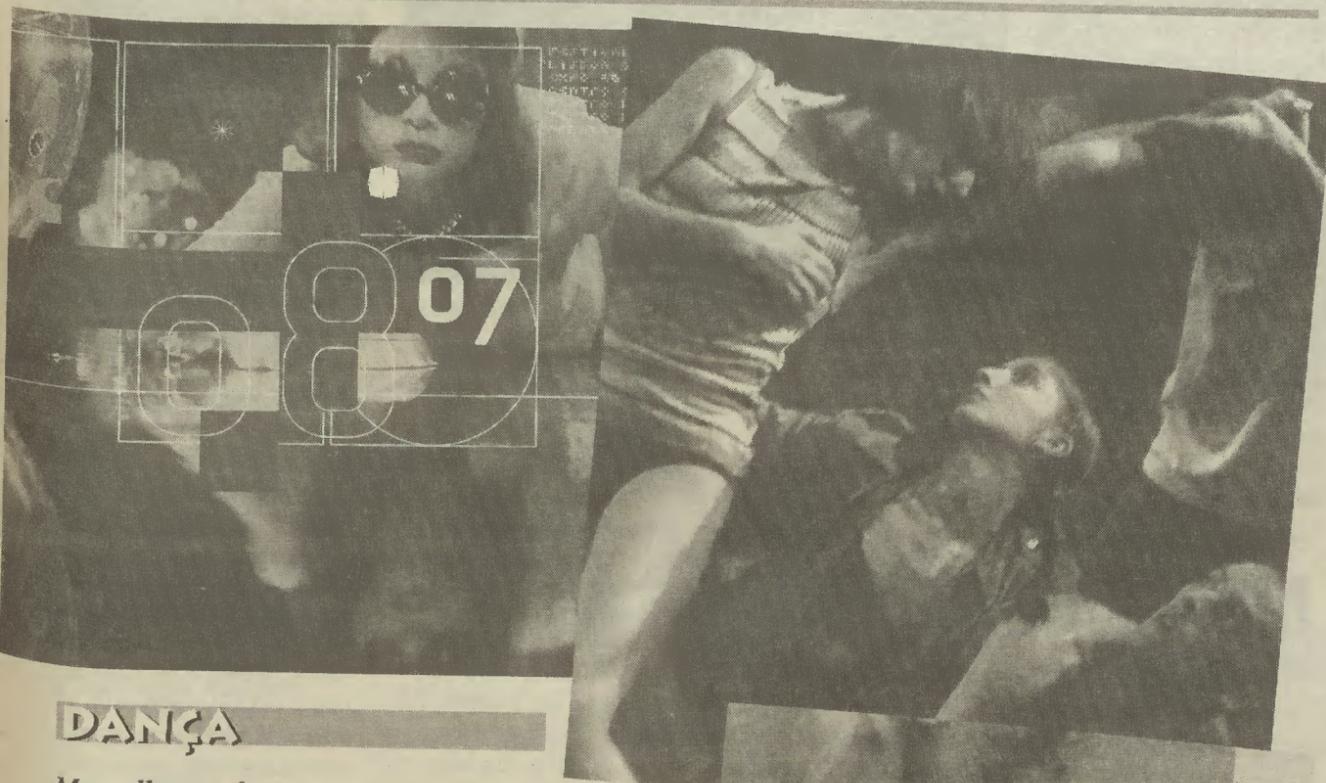
Decorrem desde o passado dia 14 as **Festas do Barreiro '98**, tradicionais festejos que, organizados pela respectiva **Câmara Municipal**, mobilizam todos os anos um apreciável número de actividades culturais, desportivas e de lazer nesta cidade da Margem Sul. Depois de um arranque em grande, durante o qual se pôde assistir a um espectáculo de **Sara Tavares**, à exibição de **Ranchos Folclóricos** ou a uma **Noite de Fados** (isto no que se refere apenas a espectáculos), o programa continua esta semana até dia 23, designadamente com actividades em quatro áreas: Espectáculos, Actividades Desportivas e Recreativas, Exposições e, ainda, Actividades Tauromáquicas.

Por exemplo, no primeiro caso, sempre às 22 horas e no **Palco das Festas** (junto ao ex-Matadouro), estão anunciados para estes dias: hoje, quinta-feira, espectáculo de **Música Popular Portuguesa** com o grupo **Navegante**; dia 21, um espectáculo de **Música Moderna** com os grupos **JC** e **Toast**; dia 22, a actuação do grupo **Além Mar**; e finalmente no dia 23 um espectáculo com **Paulo Gonzo**, seguido às 24 horas de **Fogo de Artificio**.

No capítulo das actividades desportivas, estão previstos para o **Pavilhão do Desporto**, a partir das 20.30, **Torneios de Damas, Setas, Xadrez e Ténis de Mesa** e, até dia 22, respectivamente no **Bico do Mexilhoeiro** e no **Recinto das Festas**, um **Torneio de Voleibol de Praia** e dois torneios de **Basquetebol 3x3** e de **Futebol de 3**.

Finalmente, no âmbito das exposições, o destaque vai para a **Exposição Sobre Associativismo**, realizada no **Pavilhão Central**, e no campo da **Tauromaquia** o entusiasmo dos aficionados dirigir-se-á para as **Largadas de Toiros** diárias, às 24 horas, nos terrenos junto à **Quinta do Braancamp**, e para o **Encontro de Escolas Taurinas de França, Espanha e Portugal**, com a «colaboração» de 6 novilhos em pontas, na **Rua Stara Zagora** no terreno junto às bombas de gasolina da Galp.

Enfim, pela frente ainda se antevêm quatro dias de festas variadas!



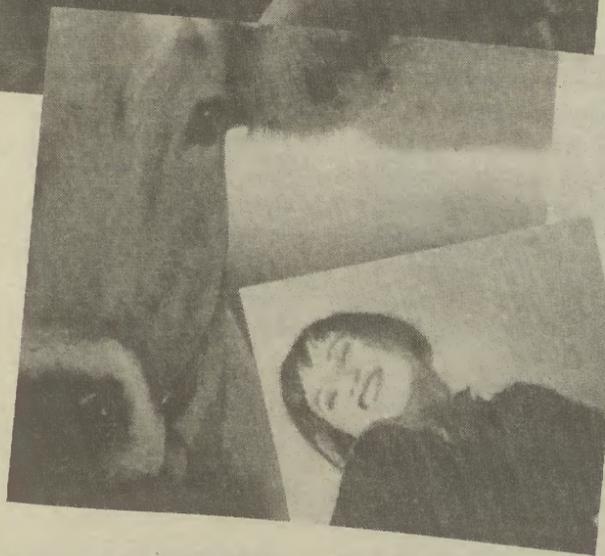
DANÇA

Mergulhos no futuro

Esta semana, a dança está mais uma vez em primeiro plano, agora a propósito do festival «**Mergulho no Futuro**» que continua a desenrolar-se entre nós como um conjunto de actividades artísticas e culturais realizadas paralelamente à **Expo'98**.

Com o título, a um tempo insólito e provocatório, de «**Poesia e Selvajaria**» a coreógrafa portuguesa leva ao palco do **Pequeno Auditório do Centro Cultural de Belém** nos dias 21 e 22 às 22 horas um espectáculo em que a dança se evidencia. Continuando a desafiar a nossa curiosidade, nas suas próprias palavras, **Vera Mantero** arrisca: «Tudo o que não é mencionado desaparece, e todo o invisível está em perigo de deixar de ser mencionado, ou está a deixar de ser mencionado. Quando se dança mesmo sabe-se exactamente quem se é.» Sob a direcção artística de **Nuno Bizarro**, **Ana Sofia Gonçalves**, **Vera Mantero**, **Margarida Mestre**, **Franz Poelstra** e **Christian Rizzo**, com cenografia e figurinos de **Nadia Lauro**, luzes de **Cathy Olive** e adereços de **Marinel Matos**.

Digno de menção é, ainda, neste âmbito, o espectáculo que o **Ballet Preljocaj** traz até nós nestes dias e que terá duas representações nos dias 25 e 26 às 22 horas na **Sala Garrett do Teatro Nacional D. Maria II**, também em Lisboa. Partindo de um encontro imaginário entre **Joseph Conrad** e **Marcel Duchamp**, o coreógrafo **Angelin Preljocaj** apresenta um dos seus mais famosos trabalhos, «**Paysage Après la Bataille**», inicialmente criado para o **Festival d'Avignon 1997**, e no qual ele «quis servir-se desta eterna oposição entre duas abordagens da criação, a instintiva ou a intelectual, a carnal ou a conceptual. Árbitro deste desafio, que só poderia travar-se sobre um palco de bailado, ele proporciona-nos, com esta peça, uma espécie de reflexão onírica sobre o estado da dança nos nossos dias e da ideia que dela nós fazemos». Cenários e figurinos de **Adrien Chalgard**, luzes de **Jacques Chatelet**, música de **Goran Vejvoda**.



EXPO'98

Os espanhóis entre nós

Ainda no capítulo das exposições, sem dúvida que avultam neste momento em Lisboa duas realizações de vulto que os responsáveis culturais da vizinha Espanha apostaram em trazer até nós a propósito da **Exposição Mundial de Lisboa**. Uma delas, realiza-se até 30 de Setembro no recinto da **Expo** e no interior de um verdadeiro museu que a Espanha instalou no seu próprio Pavilhão nacional lá para os lados do Cais do Oriente. Intitulada «**Os 98 Ibéricos e o Mar**», a exposição dá-nos a ver obras relativamente desconhecidas (mas em todos os casos altamente representativas) da arte pictórica moderna espanhola do arranque do século XX, sem dúvida com as atenções a recaírem, por exemplo, sobre a célebre «**Mulher em Azul**» de **Pablo Picasso**, mas também sobre outras obras de uma vintena de outros nomes importantes, entre os quais

se destacam **Regoyos**, **Pinazo**, **Rusiñol**, **Zuloaga**, **Sorolla**, **Sunyer** ou **Anglada Camarasa**.

Outra realização importante tem lugar no **Museu do Chiado** em Lisboa. Segundo o texto de apresentação, «durante o primeiro terço deste século, as mais avançadas ideias estéticas revolucionaram o pensamento europeu. Através da obra de **Picasso**, **Juan Gris**, **Pablo Gargallo**, **Maria Blanchard**, **Maruja Mallo**, **Miró**, **Dominguez** e **Dalí**, entre outros, esta exposição percorre o cubismo, o realismo mágico, o surrealismo e outras correntes de vanguarda, nas quais os artistas espanhóis alcançaram momentos culminantes para a arte moderna». Intitulada «**De Picasso a Dalí: as raízes da Vanguarda espanhola, 1907-1936**», a exposição estará patente ao público até 30 de Setembro.

ÚLTIMAS

ATALHE
DE FOICE

Clones, clowns e clintons

O mundo é um espectáculo e é preciso pagar para ver. Assim escrito, em tom de queixa, poderá parecer que se pretende desvalorizar os espectáculos ou menosprezar o dinheiro. Longe de nós sequer pensá-lo. Há espantosos espectáculos - sobretudo aqueles em que possamos participar activamente, provar do que acontece; e o dinheiro, enquanto representação que é do trabalho humano, merece todo o respeito. O que parece crescer no mundo, porém, é a substituição perversa do valor do trabalho pelo sucesso da sua apropriação. Ou a vida em que participamos pela representação mediática do que sucede. Mais grave ainda, entretanto, parece ser o que vem cada vez mais acontecendo e que é a substituição progressiva do espectáculo pelo espectáculo do próprio dinheiro.

Não falamos aqui da estafada imagem da maleta cheia de dólares em que não há filme de acção que se preze que não mostre. Mas em uma série de espectáculos que nos mostram e de acontecimentos que nos reportam, em que o dinheiro parece ser a principal personagem.

Quando se anuncia, por exemplo, que Bill Gates vem aí a Portugal, fala-se do espectáculo que será um homem que está na origem de uma espantosa transformação do mundo através da sua intervenção conceptual e tecnológica na informática, ou do «homem mais rico do mundo»? Se calhar vêm ambos aí, com espectadores para receber os dois.

Aqui há dias, uma série de canais de TV - e entre nós a SIC - brindou os telespectadores com um anunciadíssimo espectáculo «ao vivo». Fomos ver, e o espectáculo era «ao morto». Tratava-se de imagens escuras e desinteressantes, que nada de novo acrescentavam, filmadas nas profundezas geladas, mostrando ferrugens turvas. Ali estavam os restos do Titanic, ali estava um par de «exploradores» enfiados num batiscafo. Cá «em cima», a conversa era sobre «números», como diria o gordo Jô Soares. Quantos milhões disto, quantos milhões daquilo. Uma lâmpada fundira-se e custava quatro mil contos. O programa, aliás, não tinha outra finalidade senão a de pagar-se a si próprio, já que todo o processo de «exploração» dos salvados do tristemente célebre paquete tem vindo a revelar-se deficitário. Quem tem ganho, até hoje, com o espectáculo, são os fazedores de espectáculos que anunciam os milhões gastos na produção de um filme como aperitivo ao seu visionamento.

Há dias, também, uma entrevista sobre a interessantíssima e inquietante questão da clonagem descambou rapidamente para o dinheiro - um maduro americano dispunha-se a pagar três mil milhões de dólares - por favor, façam as contas, que a minha calculadora pifou - para lhe «clonarem» um cão.

O próprio assunto da moda - o caso da relação «imprópria» de Clinton com a secretária Lewinsky com que se pretende lançar poeira nos olhos dos americanos e dos distraídos do mundo inteiro - desliza vertiginosamente para os dólares, procurando o casal Clinton desvalorizar a embrulhada valorizando os 40 milhões de dólares que os «contribuintes» pagam pelo processo. Notícia foi também o valor da «dentadinha» num bolo com a cara da Lewinsky: quatro contos.

Mas já repararam que temos estado a falar exclusivamente dos Estados Unidos?

Há razão para isso. O estilo, a «visão», a concepção do mundo e da vida são profundamente marcados pelo «pensamento único» que os EUA comandam e pretendem reforçar. E as repercussões de tal «pensamento» não deixam de atingir profundamente as consciências em qualquer lugar do planeta onde nos encontremos. Em Portugal, por exemplo, quase não se fala de outra coisa que não tenha origem no país dos clintons, dos clones ou dos clowns. E, quando se abordam outras questões quentes, mais próximas das nossas preocupações, lá resvala o assunto para o montante do espectáculo, desvalorizando o cerne da questão. Assim é com a corrupção na Expo, onde a parangona sublinha os milhões e desvanece o fenómeno. Assim foi há dias, numa breve entrevista numa rádio, em que a jornalista, falando com um guineense sobre o bloqueio da ajuda humanitária pelas tropas senegalesas, perguntava em voz pertinente: «E são quantas toneladas de ajuda?»

■ Leandro Martins

Corrupção na Expo'98
João Amaral faz
10 perguntas ao Governo

O deputado comunista João Amaral enviou, através do presidente da Comissão Parlamentar de Acompanhamento da Expo'98, um carta ao ministro António Costa onde solicita o esclarecimento de dez questões relacionadas com a Exposição, designadamente as suscitadas pela descoberta do desfalque.

João Amaral pretende que o ministro, que hoje participa numa reunião da referida comissão parlamentar, esclareça se a administração da Expo ou membros do Governo tinham ou não conhecimento de que «os gerentes da Cooperativa Mar da Palha, compradora de terrenos à Expo, eram integrados por altos quadros da Expo», e se «há mais situações em que quadros da Expo são simultaneamente sócios, quadros, responsáveis ou têm ligações a empresas com negócios com a Expo».

O deputado pergunta ainda se se confirmam que «um ou mais funcionários da Expo cobravam comissões pelo aluguer de alojamentos a convidados e comitivas», indagando se «não houve fiscalização ou houve permissividade».

João Amaral quer ainda saber que estudos e previsões foram feitos para justificarem o fretamento de três paquetes para servirem de hotel, «quais



Os casos de corrupção na Expo suscitam dúvidas quanto à eficácia da fiscalização

os custos da operação e índices de utilização».

Na área da informática, o deputado pergunta como foram

feitas as encomendas e a respectiva fiscalização, e se se confirmam «as ligações empresariais e/ou familiares entre detentores e responsáveis das empresas fornecedores e quadros da Expo».

Entre outros casos menos claros, o parlamentar comunista solicita a confirmação de notícias que indicam «a venda à Expo por funcionários das viaturas que lhe eram entregues pela Expo como viaturas

mantinha com as empresas Projectoplano e Emproplan, e quais as suas conclusões.

João Amaral quer ainda que António Costa revele quais foram os casos de corrupção que foram objecto de denúncia em Março de 1995, pelos então deputados e hoje ministros Jaime Gama e Vera Jardim, assim como em que se basearam as previsões de afluência à Expo.

Recordando afirmações do Comissário Torres Campos à imprensa, segundo as quais os desfalques começaram em 1996, mas só foram detectados em 1998, João Amaral interroga-se sobre o que terá falhado nos sistemas de fiscalização e auditoria e pergunta se «já foi feita uma fiscalização à fiscalização da Expo».

Por último, em relação à Gare do Oriente, para além do aumento brutal de custos (que representa mais do que a duplicação em relação à previsão inicial), o deputado comunista coloca dúvidas em relação à sua concepção. «É que, apesar do seu altíssimo custo, a Gare não foi concebida como terminal de caminho-de-ferro, mas como uma espécie de estação de passagem, pelo que a Gare, neste momento, é, para o caminho-de-ferro, o apeadeiro mais caro do mundo, e não mais do que isso. Tal como está, a estação de partida continuará a ser Santa Apolónia, estação para onde, aliás, está a ser prolongado o Metro.» Interrogando-se como foi possível tal investimento para uma estação deste tipo, João Amaral pergunta: «Quem assume a responsabilidade por esta surpreendente situação?»

Nova greve na Centralcer

Os trabalhadores da Centralcer cumprem desde segunda-feira passada uma greve parcial de duas horas, em cada um dos quatro turnos de laboração.

Esta paralisação, que veio juntar-se à greve às horas extraordinárias iniciada no passado sábado por tempo indeterminado, tem registado grande adesão, em particular no sector da produção onde atingiu os 100 por cento.

A luta foi decidida na passada semana, em plenário, e visa obrigar a administração a negociar o Acordo de Empresa. O Sindicato Nacional dos Trabalhadores das Indústrias de Bebidas recorda que as razões que levaram à greve do dia 31 de Julho mantêm-se actuais justificando a continuação da luta.

A solidariedade e apoio do PCP aos trabalhadores grevistas foi manifestada pelo deputado José Benardino, que esteve na passada segunda-feira nas instalações da empresa.

A Centralcer, com cerca de

1200 trabalhadores no quadro e outros 250 com vínculo precário, abastece o mercado com cerveja de garrafa e de barril da marca Sagres e sumos Joy.

Os trabalhadores pretendem a revisão do subsídio de turno e do corte de regalias sociais, nomeadamente a comparticipação nos medicamentos e as baixas, que eram até aqui suportadas em parte pela empresa, para além de protestarem contra os aumentos de três por cento impostos unilateralmente.

Portos paralisados

Os trabalhadores portuários de Lisboa iniciaram na segunda-feira uma greve de cinco dias, a qual teve também a adesão dos portuários da Figueira da Foz. A adesão registada nos primeiros dias atingiu os 100 por cento.

A paralisação, que já estava marcada desde 7 de Agosto, concretizou-se depois de uma reunião inconclusiva com o

secretário de Estado-Adjunto do ministro do Equipamento, realizada na passada sexta-feira.

Os trabalhadores lutam em defesa dos seus postos de trabalho, considerando que os diplomas já publicados sobre a reestruturação portuária vão permitir que muitas das funções que actualmente desempenham passem a ser executadas pelas tripulações dos navios.

Alice Vieira nomeada para prémio alemão

O livro de Alice Vieira *Os Olhos de Ana Marta* (na sua tradução alemã, *Die Augen von Ana Marta*, publicada por Fischer Verlag) acaba de ser nomeado para o Prémio Alemão de Literatura para a Juventude de 1998 (*Deutscher Jugendliteraturpreis*), o mais prestigiado prémio de literatura para crianças na Alemanha, para o qual já

havia sido nomeada com a tradução alemã de *Rosa, Minha Irmã Rosa*.

Os vencedores serão anunciados no próximo dia 8 de Outubro, durante a Feira do Livro de Frankfurt, sendo o prémio entregue por Claudia Nolte, ministra federal das Mulheres, da Família e da Juventude.

Alice Vieira vê assim mais uma vez confirmado o seu prestígio internacional, depois de, em Abril deste ano, ter sido um dos finalistas do Prémio Hans Christian Anderson, o mais importante do género a nível mundial.

Loures leva idosos à Expo

A Câmara Municipal de Loures assinou na passada segunda-feira um protocolo com associações de reformados e juntas de freguesia que permite que mais de um milhar de idosos, com fracos rendimentos, visitem a Expo'98.

Por um valor simbólico (250 escudos), os idosos têm direito a transporte de ida e volta, bilhete de entrada na exposição e lanche, sendo acompanhados por técnicos da autarquia.

Esta iniciativa destina-se a pessoas com mais de 65 anos e de menores recursos económicos, ou, seja com uma reforma inferior ao valor do salário mínimo nacional (59.900 escudos).

